

A portrait of Lilian Bailey, an elderly woman with short, curly, light-colored hair. She is looking slightly upwards and to the left. She is wearing a dark blue or grey jacket over a light-colored top and a pearl necklace. The background is a soft, out-of-focus grey.

A TAPEÇARIA DA VIDA

LILIAN BAILEY

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

A TAPEÇARIA DA VIDA

Através da mediunidade de LILIAN BAILEY

Compilado por MARJORIE AARONS, 1979

Índice

INTRODUÇÃO PARTE UM

1. O QUE A MEDIUNIDADE ACARRETA
2. COMO FUNCIONA A CURA ESPIRITUAL? PARTE DOIS
3. A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL
4. COMO A ALMA EVOLUI
5. ENCARNAÇÃO E REENCARNAÇÃO PARTE TRÊS
6. JESUS DE NAZARÉ
7. FILOSOFIA ESPIRITUAL

A Tapeçaria da Vida

“Para nós, aqui, no lado maior da vida, todas as vidas, especialmente as vidas terrenas, são como padrões — quase como tapeçarias, e vós teceis o padrão na terra. Algumas são tonalidades escuras que apenas realçam as tonalidades alegres e brilhantes. E depois vedes algumas que são tão escuras que nada pode aliviar esse padrão escuro na vida exceto o amor e a amabilidade. Mesmo as doenças, as enfermidades e, por vezes, a agonia da mente e do corpo fazem todas parte de certos padrões necessários para completar a tapeçaria dessa vida em particular.

Assim, elas cumprem-se ao virem voluntariamente à terra para completar essa tapeçaria que irão usar ou ter para outro longo ciclo de vida na próxima fase da vida. É a forma como superais estas coisas que vos dá, em última análise, a riqueza do espírito para explorar outros mundos. Há tantos mundos de vida para explorar — milhões. A eternidade é um tempo longo. E esta pequena escola da terra, limitada por cinco sentidos e pelo tempo, é como uma maravilhosa escola de tecelagem de tapeçarias.”

Pasha Hamed ben Hassan

INTRODUÇÃO

Conheci *a* Lilian Bailey no verão de 1965. Durante os restantes seis anos da sua vida terrena, visitei-a muitas vezes. O mesmo fizeram o meu filho George, *a* sua esposa Jacqueline e um amigo muito próximo da família chamado Stuart. Desde o momento em que a conhecemos, todos nos sentimos muito atraídos por esta senhora graciosa, de cabelos brancos, que transmitia tanto calor humano, mas que, ao mesmo tempo, irradiava uma dignidade tão tranquila. À medida que os meses passavam, cada um de nós tinha consciência de um profundo e crescente laço de amizade com ela, que permanecerá sempre.

Para alguns, o nome Lilian Bailey poderá não significar nada. Mas para aqueles que têm reconhecido o valor da mediunidade ao longo dos anos, ele trará à mente uma das maiores médiuns de transe do mundo. Os seus dons maravilhosos eram procurados por inúmeras pessoas de quadrantes sociais muito variados; por aqueles que ocupavam altos cargos de Estado e por muitas figuras públicas bem conhecidas, bem como por aqueles que não tinham qualquer pretensão à fama. Todos os que vinham ter com *a* Lilian Bailey eram tratados de igual forma, com o mesmo desejo dedicado de ajudar e elevar. Tal era a sua sinceridade que ninguém jamais poderia duvidar da sua integridade.

Durante muitos anos, e ao longo de toda a última guerra, ela viajou de norte a sul do país a demonstrar a sua mediunidade única. Onde quer que fizessem falta dela, ela ia, fosse em salas pequenas ou em grandes salões. Eventualmente, devido ao excesso de trabalho, a sua saúde começou a fraquejar e a sua visão ficou seriamente afetada. Nos últimos anos da sua vida aqui, ela já só conseguia dar consultas ocasionais na sua própria casa.

Há muitos milhares de pessoas que já tiveram consultas com médiuns. Mas aqueles que experienciaram uma mediunidade de transe do calibre da dela devem ser relativamente poucos. Julgo que a única

maneira de dar uma ideia de como era, particularmente àqueles que nada sabem sobre mediunidade de transe, é oferecer uma descrição pessoal de uma consulta típica.

A minha primeira visita a Lilian Bailey foi na sua casa no norte de Londres. Mais tarde, quando ela se mudou para Saffron Walden, em Essex, fui lá para a ver, tal como o resto da minha família. Ela vinha à porta para me acolher. Entrávamos numa sala de estar luminosa e atraente, onde conversávamos por alguns minutos enquanto eu instalava o meu gravador de fita.

A Lilian Bailey sentava-se sempre perfeitamente composta numa poltrona de encosto alto. Talvez estivesse a descrever, através do seu dom de clarividência, alguém do mundo espiritual que se tivesse aproximado. Depois, a sua voz tornava-se hesitante e ela dizia: “Tenho de me ir embora agora.” Ela nunca se mexia fisicamente, a não ser para fechar os olhos. Mas escassos segundos depois, através dos seus lábios, surgia uma voz masculina forte com uma saudação amigável.

A voz seria a de William Hedley Wootton, ou Bill, como preferia ser chamado. Soubemos que ele tinha sido capitão nos Grenadier Guards durante a primeira guerra mundial e que fora morto em França em 1915. Ele tinha falado com incontáveis pessoas através de Lilian Bailey, enquanto esta se encontrava neste estado de inconsciência ou transe profundo, para lhes dar a prova de que a vida é eterna e a morte não passa de um portal para esferas de vida muito maiores. O período de tempo em que falávamos variava porque, embora a Lilian Bailey pudesse ficar “fora” durante pelo menos uma hora, poderia haver até cinco ou seis outras pessoas no mundo espiritual que o Bill Wootton queria trazer para falar comigo.

Um dos que vinha sempre era o Dr. Thomas Adamson. Ele estivera muito intimamente associado a Lilian Bailey e ao Bill Wootton ao longo dos anos. Gostava de ser conhecido simplesmente como Dr. Tom. Contou-nos que tinha nascido nas Ilhas Ocidentais quase dois séculos antes e que exercia medicina em Perth. Ouvi-lo

falar no seu sotaque suave das Terras Altas, tantas vezes matizado com humor, era um puro deleite. Outro que invariavelmente vinha era o meu pai. Depois, poderia haver mais dois ou três cujos nomes me tinham talvez sido dados por outros médiuns, mas cujo conhecimento eu não tinha conseguido fazer até que eles vinham através de Lilian Bailey para falar comigo.

Toda a gente que falava fazia-o na sua voz ou sotaque distintivo. Todos retratavam as suas personalidades e maneirismos particulares (o Dr. Tom quase sempre queria apertar-nos a mão). Assim, em qualquer ocasião futura, reconhecíamos imediatamente quem se manifestava, mesmo antes de anunciarem os seus nomes. Davam descrições completamente exatas de membros das nossas famílias e amigos que tinham deixado esta vida. Também nos faziam perceber a sua profundidade de conhecimento e compreensão relativamente aos nossos problemas pessoais. E estavam sempre prontos a dar ajuda ou encorajamento sempre que necessário.

O aspeto mais importante, contudo, destas consultas era o maravilhoso ensinamento sobre o propósito da vida e as grandes leis espirituais que a governam. Aqueles que falavam connosco sublinhavam sempre que era do nosso livre-arbítrio decidir se aceitávamos o que nos diziam. Ficava claro que devíamos discernir o que sentíamos ser a verdade. Quando qualquer um de nós fazia uma pergunta a um dos “comunicadores” de Lilian Bailey, era-nos dada uma explicação.

Esta era não só clara e lógica, mas continha uma sabedoria tão profunda que não tínhamos razões para duvidar dela. Nunca éramos afastados com respostas evasivas. Éramos sempre encorajados a fazer perguntas. Se alguma estivesse além dos recursos deles para a explicar em termos terrenos, diziam-no. Iam até onde a nossa compreensão permitia e nunca além dela.

À medida que a consulta se aproximava do fim, era muito frequentemente o Dr. Tom quem estava a falar. Quando a sua voz começava a desaparecer, ele dizia: “Agora tenho de ir. Não consigo

segurar a Lil por mais tempo porque a energia está toda gasta.” Depois, após uma bela prece de bênção, ele partia. Uns momentos mais tarde, a Lilian Bailey recuperava a consciência, algo atordoada e confusa devido à energia que ainda a rodeava. Invariavelmente, perguntava: “Algum sucesso, querida?”

Embora a sua mediunidade fosse altamente aclamada, ela sempre assumia pouco ou nenhum mérito para si própria. Ao ser assegurada de que tinha sido uma consulta excelente, saía da sala por alguns minutos para fazer uma rutura completa com a energia. Quando regressava, vinha sempre com o seu cigarro favorito.

Tentávamos fazer uma visita mensal a Lilian Bailey. Mas inevitavelmente houve ocasiões, particularmente em direção ao fim, quando a sua saúde estava a deteriorar-se rapidamente, em que ela não conseguia aguentar o desgaste de uma longa sessão de mediunidade de transe. Tínhamos de nos contentar em manter o contacto por telefone. Mesmo nessa altura, ela ainda conseguia, por vezes, continuar a usar o seu soberbo dom.

Fê-lo até escassos dias antes de deixar esta vida. A sua voz suave desaparecia. Através da sua notável mediunidade, mesmo pelos fios do telefone, vinham as vozes daqueles que tínhamos passado a amar ao longo dos anos a dar, como sempre, a sua sabedoria simples, ajuda e encorajamento.

Passado algum tempo, decidi transcrever as gravações de fita de todas as minhas consultas com ela. Depois, extraí os ensinamentos. Naturalmente, havia muito que fora essencialmente pessoal. Mais tarde, o George, a Jacqueline e o Stuart deram-me as suas gravações para um propósito semelhante. Gradualmente, as transcrições foram coligidas, dactilografadas e colocadas numa pasta, com o sentimento indefinido de que deveríamos, um dia, partilhar estes ensinamentos com outros que procurassem um significado mais pleno para a vida.

Essas transcrições poderiam bem ter permanecido nessa pasta não fosse pela própria Lilian Bailey. Todos tínhamos passado a perceber, no decurso das nossas consultas, que tínhamos um grande laço de

afinidade com ela, e também com o Bill Wootton e o Dr. Tom, que nunca seria quebrado. Eles tinham prometido que, mesmo quando ela tivesse partido desta vida, de alguma forma encontrariam o meio de comunicar connosco.

Essa promessa foi cumprida através de um importante médium de transe, David Young. Foi um momento inesquecível quando a Lilian Bailey conseguiu falar comigo pela primeira vez através do David. As suas primeiras palavras foram: “Bem, cumpri a minha promessa, querida, e já não pareço um pirata!” Aqueles que a conheciam lembrar-se-ão de que, nos últimos anos, ela estava praticamente cega e tinha de usar uma pala sobre o olho esquerdo.

Desde então, ela tem voltado através do David Young para falar connosco em várias ocasiões. Durante uma consulta em junho de 1976, um dos comunicadores do David sugeriu que, com o conhecimento que eu tinha adquirido, deveria considerar escrever as minhas memórias de Lilian Bailey em forma de livro. Um pouco mais tarde, durante a mesma consulta, a Lilian disse: “Acho que um livro seria de interesse. Poderias usar os ensinamentos daquelas fitas. Acho que seria uma ideia maravilhosa.”

Foi aí que percebi por que me sentira impelida a transcrever todas aquelas gravações de fita. Além disso, fez-me valorizar que o privilégio que nos tinha sido concedido acarretava uma responsabilidade e uma obrigação que teriam de ser cumpridas. Embora tivéssemos sido o meio através do qual esta riqueza de compreensão tinha vindo, ela não era destinada a nós apenas, mas para ser partilhada com outros que estivessem abertos a recebê-la.

É por isso que este livro foi escrito. Na maioria dos casos, citei diretamente das fitas. Se a gramática não está perfeitamente correta, alterá-la seria estragar o conteúdo da mensagem, e a essência e sinceridade dos ensinamentos perder-se-iam. Também gostaria de salientar que, como eles não foram dados como palestras públicas, mas retirados de consultas individuais, não houve alternativa senão

apresentá-los numa forma personalizada. Não obstante, o que nos foi dito será, espero eu, aceite como aplicável a outros.

Estes ensinamentos têm sido de uma ajuda imensurável para nós, e têm dado uma alegria e paz interiores que, de outro modo, não teríamos conhecido. Partilhar esta dádiva tornou-se o nosso desejo mais querido e, sem qualquer dúvida, o desejo daqueles que tanto se esforçaram e generosamente se entregaram para no-la transmitir.

M.A.

PARTE UM

CAPÍTULO UM

O Que a Mediunidade Acarreta

“Quem me dera poder mostrar-vos esta cena, o que estou sempre a dizer, porque quando venho sinto-me sempre em desvantagem. Pois quaisquer palavras que tente encontrar nunca descrevem com exatidão a beleza do companheirismo da luz do espírito que está por todo o lado. Mas não há palavras suficientes no dicionário para descrever a vida como ela verdadeiramente é.”

1

Essas, ou palavras muito semelhantes, eram as primeiras palavras que o Bill Wootton invariavelmente proferia no início de uma consulta de transe com Lilian Bailey. Eram ditas com tamanha sinceridade que nos apanhávamos a ansiar pela capacidade de ver a realidade daquilo que ele estava a tentar transmitir. Nunca poderia haver qualquer dúvida de que, no seu papel escolhido de “comentador”, como se denominava, o seu supremo desejo era dar às pessoas a perceção de que há muito mais na vida do que esta vida terrena.

A forma como a Lilian Bailey acabou por aceitar trabalhar com o Bill Wootton é contada detalhadamente na sua biografia, “*Death is Her Life*”, por W. F. Neech. Portanto, que baste por agora dizer que foi através do falecimento da sua mãe, a quem ela adorava, quando tinha apenas dezassete anos, que eventualmente levou Lilian Bailey

numa busca para encontrar um meio de comunicar com ela. Isto ela alcançou de uma forma notável. Mas para sua total surpresa — e, nessa altura, para seu pavor — descobriu que possuía este dom de mediunidade de transe, e que alguém chamado Bill Wootton lhe suplicava para trabalhar com ele. Ela tentou resistir. Não foi senão quando ele conseguiu materializar-se diante dela, através da excecional médium de efeitos físicos Helen Duncan, e convencê-la da importância da sua missão, que ela finalmente aceitou dedicar a sua vida a isso.

O Bill Wootton relatou na seguinte história como passou a trabalhar com a Lilian Bailey:

“Eu era de uma família que era, de facto, muito ‘igreja’ . Fui criado sob os cuidados de um tio que era cónego, portanto, muito, mas mesmo muito cristão. Estive no holocausto da Primeira Guerra Mundial, onde os homens, Deus os abençoe, morriam como moscas. E nunca me esqueço, ainda agora, de que às quatro horas de uma manhã tivemos de ir ‘pelo topo fora’ [atacar]. Eu estava encarregue de uns rapazes magníficos. Ali soube, naquele momento, que muitos deles não voltariam. Era uma coisa demasiado audaciosa para eles fazerem.

Lembro-me de estar aterrorizado. Tudo o que continuava a dizer para mim próprio era: ‘Cónegos à direita, cónegos à esquerda’ — lembram-se de “*The Charge of the Light Brigade*”? —, a soprar o apito e a ir pelo topo fora a pensar nisso, a tentar reforçar o meu próprio esforço. Eu tinha mais medo por eles. Dentro dos primeiros dois minutos fui atingido neste olho esquerdo, que a minha médium acha difícil de usar, e o que vos ajudará a pensar nisso como sendo um risco profissional dela.

Lembro-me de continuar. Como veem, eu tinha sido morto instantaneamente. O meu corpo estava ali deitado, mas eu não o vi. Continuei. Gritei: ‘Vamos, vamos.’ Eles não estavam a prestar-me nenhuma atenção. Não me viam. Eu não conseguia compreender. Pensei que tinha enlouquecido com este medo por eles. Lembro-me de voltar tendo perdido praticamente todo aquele grupo. Apenas sabia

que estava vivo, em roupas salpicadas de lama, a tentar fazer com que me ouvissem. Não ouviram. Sentei-me a um canto de uma parte do que era o meu abrigo subterrâneo. Pensei: ‘Sabes, perdi o juízo!’ Pensei mesmo. Fiquei apenas sentado assim durante alguns dias, sem ninguém me prestar a mínima atenção. Eu estava a viver com eles, percebem?

Depois, passado um pouco, vi uma luz tremenda a vir ao longo daquele abrigo. Vi o meu Tio Dick, que era o cônego, a vir em direção a mim no meio dela. Eu disse: ‘Não pode ser!’ E ele disse: ‘William’ — ele chamava-me William —, ‘tu morreste fisicamente.’ Eu disse: ‘Não morri.’ Ele disse: ‘Tu morreste.’ Ele estava a atrair-me para si, percebem, para longe dali. Nunca senti qualquer meio de transporte. E ele fez-me perceber que eu tinha morrido.

Fiquei furioso. Disse: ‘Como é que se atrevem a criar-me sem saber que a vida continuava assim! Como é que pode ser que a Igreja não tenha dito a toda a gente — a estes rapazes —, eu tenho de o fazer.’ Ali mesmo tive de o fazer. Estava furioso. Tinha sido cristão todos os meus dias. A crueldade de não deixar as pessoas na terra saberem que os seus rapazes ainda estavam vivos. Parecia que eu conseguia ouvir o soluçar de mães e pais. Obviamente, fazia parte de algo que eu tinha de fazer.

E o meu tio disse: ‘Tu podes ajudá-los. Tu vais ajudar.’ Eu disse: ‘Tenho de o fazer agora.’ Não podia esperar. Não estava interessado na beleza ao meu redor. Nada significava para a minha alma. Estava profundamente marcado. Ainda fico emocional com isso. Disse: ‘Quero ir ao Arcebispo de Cantuária. Quero ir ao chefe da Igreja. Eu devo.’ O meu tio veio comigo. Fomos em muitas ocasiões, mas não houve a mínima abertura.

Um dia fui levado a um lugar onde uma jovem senhora estava deitada na cama. Tinha tido uma constipação ou algo do género. Uma rapariga bonita, achei eu. Havia também um bebé pequenino. E lembro-me do meu Tio Dick e de muitos outros virem comigo, porque eu ainda não tinha querido saber de nada do ‘Lado de Lá’. Só queria

dizer às pessoas para não chorarem, para não guardarem luto, que havia vida e vida em abundância. Por isso disse, ao fundo desta cama: ‘Eu sou o William Hedley Wootton.’ E esta rapariga bonita, de olhos escuros e cabelos escuros, sentou-se na cama e disse: ‘William Hedley Wootton. De onde veio essa voz?’ Ela não me viu, mas eu regozijeime. Era aqui que eu tinha de fazer alguma coisa. Mas tive um trabalho dos diabos para o conseguir!”

Como mencionei na Introdução, a Lilian Bailey tinha, durante um período considerável, andado muito apoquentada com o seu olho esquerdo. A referência de Bill Wootton a isso como sendo um “risco profissional”, devido ao facto de ele ter sido atingido nesse olho, levou-me a perguntar se, por trabalhar tão de perto com ela em condições de transe, haveria algo como uma cicatriz na aura da sua alma que colidia com ela fisicamente. Ele disse:

“Bem, colide. É isso o que acontece. Muitas vezes ireis descobrir que duas pessoas que têm uma afinidade tremenda têm algo realmente muito, mas mesmo muito semelhante na sua constituição física. Devem lembrar-se de que ando a usar a Lil há cinquenta anos ou mais.”

* * *

Sei que há alguns que acreditam ser um pecado “chamar de volta” aqueles que deixaram esta vida, porque se pensa que isso interfere com o progresso deles no mundo espiritual. Mas todos os que vinham e falavam através de Lilian Bailey provaram-nos que tal crença é totalmente incorreta. O Bill Wootton, escusado será dizer, sentia isto de forma muito vincada:

“Ninguém me pediu para voltar. Vós não podereis tocar-nos se não quisermos vir. Vós não podeis trazer as pessoas de volta. É absolutamente voluntário — o amor é o elo. Tive queridas senhoras no passado que me disseram: ‘O meu marido nunca mais volta para mim.’ E eu disse: ‘Bem, lamento, mas não temos de momento qualquer contacto com ele’, sabendo perfeitamente que o marido já

tinha tido o suficiente enquanto esteve aqui. Nada no nosso lado ou no vosso lado o encorajaria a vir reatar elos que ele não queria.

Vós não podeis ‘chamar de volta’ alguém. Abomino a expressão. Está absolutamente errada. As pessoas não regressam a menos que o desejem acima de todas as coisas. Muitos estão a clamar por voltar para aqueles que escutam outros que dizem: ‘Não queiras nada com isso.’ Não disseram eles sempre isso ao longo dos tempos? É o facto de as pessoas no vosso lado saberem que podem comunicar connosco que faz uma diferença tremenda para aqueles no nosso lado. É como ir para a Austrália para a vida inteira e, no entanto, poder trocar cartas. E é muito triste para aqueles que não têm meios de vir dizer sequer os seus nomes e falar com aqueles que amam na terra.”

Quão verdadeiras eram as palavras de Bill Wootton, pois lembrar-me-ei sempre da emoção na voz do meu pai quando me falou pela primeira vez através de Lilian Bailey, e disse:

“Fez toda a diferença do mundo para mim saber que tu sabes que eu ainda vivo.”

* * *

O salmista escreveu: “Porque Ele dará ordens aos Seus anjos a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos...”. Quantas pessoas, pergunto-me, se terão realmente detido a considerar o significado por trás destas palavras e aprendido a valorizar o seu verdadeiro sentido? A grande maioria, temo eu, passou por elas como sendo meramente um pensamento reconfortante criado por necessidade pela mente do escritor, e não tendo base na realidade. Para muitos, a própria palavra “anjo” tem evocado a ideia de um ser misterioso com asas brilhantes e, como tal, tem sido retratado por numerosos artistas no seu tempo.

Aqueles de nós que têm procurado uma maior compreensão através da mediunidade não só passaram a acreditar, mas têm, ainda mais, a certeza de saber que as palavras de David são verdadeiras. Sabemos também que a palavra “anjos” significa na realidade aquelas almas que, nalgum momento, caminharam na terra e, por causa do

amor, voltaram para se colocar ao lado daqueles que lutam na jornada da vida. Eles vêm, de acordo com as suas missões escolhidas, como guardiões da alma, guias e ajudantes. Foi porque queríamos aprender mais sobre eles e sobre como trabalhavam connosco que fizemos uma série de perguntas. Eu estava interessada em saber como somos todos providos dos nossos guardiões da alma e guias. O Dr. Tom explicou:

“Os vossos guias estão especialmente sintonizados convosco porque têm um comprimento de onda de vida semelhante — uma forma semelhante de ver a vida. Não quero dizer que sejam o vosso gémeo idêntico. A vossa personalidade e características particulares adequam-se tão bem ao guia que ele, ou ela, conforme o caso, foi especialmente escolhido devido à semelhança com o caráter ou comprimento de onda das pessoas que vão controlar, guiar ou guardar.

Portanto, ninguém pode regressar para vós a menos que haja uma afinidade com a vossa aura. Andando aqueles que guiam a reduzir especialmente as suas vibrações de modo a acompanhar-vos, porque têm estado talvez há centenas ou milhares de anos nos reinos espirituais. Mas eles são ajudados e sustentados por fontes de vibrações mais rápidas para suportar quaisquer dificuldades, ou qualquer coisa que esteja ao vosso redor.”

Houve outra pergunta que fiz *ao* Dr. Tom durante uma das minhas primeiras consultas com Lilian Bailey. Fi-la por causa de um problema que me apoquentava há algum tempo. Eu tinha tido anteriormente consultas com vários médiuns que tinham mencionado os nomes de uma série de guias e ajudantes diferentes que diziam estar comigo. Alguns tinham-me dado os mesmos nomes, outros nomes diferentes, e eu achava tudo aquilo um pouco confuso.

Sei que outros também se depararam com a mesma dificuldade, particularmente durante aquelas primeiras experiências de mediunidade, quando se está a encontrar um meio de comunicação até então desconhecido. É não só natural mas correto que as dúvidas assolem até que haja um sentimento interior de certeza. É tolice

aceitar qualquer coisa que não traga essa resposta a partir de dentro. O Dr. Tom disse-me:

“Não se pode estabelecer um negócio do nosso lado com uma ou duas pessoas. Temos cerca de oitenta guias nesta nossa mediunidade que ando a usar para falar convosco. Há egípcios; há chineses; há um índio que é o ‘porteiro’; há um velho escocês; há um inglês — os *Sassenachs*, sabem! Precisamos daqueles que possam ser mensageiros de todos os tipos para trazer contactos diferentes mais para perto de nós, para que possamos transmitir.

É como ter uma estação de correios. Não podeis estar a servir atrás do vosso balcão e a correr para recolher as coisas aqui, depois trazê-las de volta e levá-las até à Escócia! Tendes de ter todo o tipo de ajuda, não é verdade? Bem, é muito parecido connosco.

Acho que é aí que entra alguma da confusão quando as pessoas vão a uma dessas reuniões. Alguns dos médiuns não são muito claros e dizem: ‘Tendes um guia italiano.’ Da próxima vez que ides: ‘Tendes um guia egípcio.’ Não sabeis onde vos situar com isso. Se houver sequer mediunidade com alguma esperança de a usar — e todos têm capacidade psíquica, não nos afastamos disso —, se houver algum poder real na mediunidade, deve haver uma reunião, se quiserdes, do clã para trabalhar.”

Também antes de eu passar a conhecer a Lilian Bailey, tinha-me sido dito por vários médiuns que os nossos guias nem sempre permaneciam connosco. Um disse-me que o guardião da minha alma, que estava também encarregue do meu poder de cura — um índio peles-vermelhas chamado Pena Branca —, me tinha deixado no Natal a fim de procurar revigoramento nos “reinos espirituais mais elevados”, e que algum outro guia iria “assumir o controlo” durante a sua ausência. Embora isto pudesse parecer razoável, foi uma das ocasiões em que me apanhei a pensar: “Não, isso não está correto.” Por isso, quando me foi dada a oportunidade de falar com o Pena Branca através de Lilian Bailey, perguntei-lhe se as minhas dúvidas eram justificadas. A sua resposta confirmou que eram:

“Esta é uma teoria que tem sido espalhada. Quando nos dão a guarda de uma criança terrena, não a deixamos à mercê de outros. Não condeno os médiuns que dizem estas coisas. Somos um grupo. Somos uma equipa. O revigoramento das nossas almas é muito real. Somos reabastecidos através da missão de grandes almas junto de nós no nosso trabalho. Assim como vimos reabastecer-vos, os maiores reabastecem-nos na nossa missão.

Não sei para onde pensam eles que queremos ir para revigoramento. Uma mulher está em sua casa. Fica revigorada ao sair dela para ter umas férias. Mas isso é para o seu corpo físico, bem como para o seu corpo espiritual. Nós não temos um corpo físico, mas estamos num mundo que está preenchido com capacidade espiritual, se a conseguirmos receber.

Enquanto estiverdes na terra, nós, e somos muitos, cada um a fazer a sua pequena parte, mantemos limpas e intactas as condições do nosso amado instrumento. Porquê deixá-lo? Todos somos necessários para ele. Isto é o que viemos fazer. Não se deixam os filhos entregues a si próprios. Pode a vossa mediunidade, então, ser deixada como velhos pedaços de maquinaria para qualquer um pegar enquanto estamos num festival distante? Achais que isto é compreensão espiritual? Não. Para onde fores, nós iremos também.”

O Bill Wootton, noutra ocasião, fez uma observação que nos ajudou a perceber como esta teoria errónea da partida dos guias se poderia ter originado:

“À medida que progredis espiritualmente, alguns guias noutra esfera de atividade são atraídos para mais perto para lidar com o vosso progresso. Mas os guias principais estão sempre perto. Todos permanecem no grupo, mas alguns, por vezes, estão mais em evidência do que outros.”

Waratah, o guardião da alma de Stuart, também acrescentou à explicação de Pena Branca relativa ao reabastecimento das suas almas enquanto trabalhavam connosco. Foi-nos dito que Waratah e Pena Branca eram irmãos de sangue, pertencentes à tribo Sioux, quando

estavam na terra há muitos anos. Ambos tinham sido curandeiros — nunca guerreiros — e tinham adquirido um grande conhecimento do valor terapêutico das ervas. Acho que este é um exemplo maravilhoso de como os grandes elos de afinidade permanecem através dos tempos. Waratah disse *ao* Stuart:

“Nunca te deixo, porque o que é o descanso, meu amigo? O descanso é a necessidade física de se suspender da atividade. Tu tens este corpo físico que esgota a sua energia até ao nada. Nós temos um corpo espiritual que, pelos nossos esforços, pode gradualmente ser reabastecido; por isso não precisamos de sono ou de descanso. É disso que o teu corpo físico precisa.

Nós recebemo-lo de outra forma. Não temos de dizer: ‘Agora vou deitar-me na cama porque preciso daquilo a que chamam sono.’ Não fazemos isso. Não somos guiados por um relógio para dizer que é hora de nos deitarmos. Cumprimos aquilo que temos de fazer com grande exultação e alegria se tivermos sucesso; se quisermos descansar mentalmente, podemos fazê-lo sem ir para a cama.

Outra coisa que foi dita à Marjorie é que vamos para esferas mais elevadas. Temos sempre acesso a esferas mais elevadas. Mas temos uma mentalidade maior do que a que tu tens no teu pequeno cérebro. Temos maiores dons de força mental. Portanto, se desejarmos estar em taxas de vibração, ou de vida, mais elevadas, podemos fazê-lo mas continuando contigo. Podemos transladar-nos em pensamento por todo o mundo para ajudar e ainda assim permanecer contigo. As nossas mentes são a nossa realidade, assim como a nossa força, e podemos transmitir o nosso poder em várias direções.

Tendes de ter na terra o que chamais um emprego que vos pague dinheiro, senão não viveis bem. Temos muitos ‘empregos’ à nossa disposição, mas não somos pagos em dinheiro. Somos pagos com maior poder espiritual. Tornamo-nos ricos para despendar ainda mais os poderes que merecemos para ajudar as pessoas que precisam do nosso tipo de ajuda.”

Por vezes, tenho ouvido as pessoas perguntarem por que razão tantos guias ou ajudantes haveriam de ser índios peles-vermelhas. Fui relembrada por Bill Wootton de que, em tempos muito distantes, as grandes tribos, naquilo a que agora chamamos América do Norte, eram muito diferentes dos descendentes de hoje. Ele disse-me:

“Os guias índios fornecem um poder psíquico. Tinham maiores contactos com o mundo espiritual quando estavam na terra do que talvez qualquer outro povo vivo tivesse. E eram pessoas muito espirituais. Atribuía um valor tremendo à vida humana. Falavam sempre com o Grande Espírito Branco. Eram sempre ensinados a falar com as pessoas do seu povo espiritual. Nas pradarias realizavam as suas sessões. Por isso, estão tão bem equipados para ajudar o ‘homem de cara pálida’, como lhe chamam, e para o guiar na sua primeira compreensão do poder espiritual.”

Ao conversarmos com aqueles que vinham através de Lilian Bailey, começámos a perceber o propósito maravilhoso do “grupo” ou “equipa” que voluntariamente se reúne em torno de todos os que têm o desejo de ajudar e servir os seus semelhantes. Soubemos que cada membro de um grupo tinha a sua própria parte especializada a desempenhar; cada um com a sua própria vibração ou comprimento de onda que lhes permite usar uma parte diferente da emanção áurica do seu médium. Há as lindas crianças guias, tais como a amada e pequenina Poppet da Sra. Bailey, que têm o dom de limpar e iluminar com a sua exuberância juvenil as condições ao redor.

Há membros da própria família unidos pelos laços do amor. Há um sem-número de professores e inspiradores. Onde há mediunidade de cura, há grupos de médicos, cada um com conhecimento especializado. Há mensageiros que ajudam a forjar o elo entre os dois mundos. E, por fim, mas de modo algum menos importante, além do guardião da alma ou ‘porteiro’, há o guia principal a quem foi confiado o cargo supremo sobre o poder áurico e a missão terrena do seu médium.

Tive o privilégio de conhecer e falar com o meu guia principal, um egípcio de há muito tempo que, quando esteve pela última vez na terra, era conhecido como Pasha Hamed ben Hassan. O Hamed ajudou-me a compreender mais claramente os papéis que são desempenhados por todos os guias principais, explicando a sua relação pessoal comigo:

“Eu presido a esta missão que voluntariamente assumiste. Embora o Pena Branca seja o grande detentor da tua aura, ele é o ‘porteiro’. Ele filtra todos os que vêm, até eu, para a tua aura. Por trás disso, noutro comprimento de onda de vida — não estando todos de pé uns em cima dos outros —, eu dirijo, conforme me dizem para dirigir, aquilo que será feito e aquilo que tu querias que fosse feito. É uma força diretora.”

“Se fores para uma faculdade, não tens apenas um professor. Tens um diretor. Esse sou eu, alguém que está interessado em tudo o que fazes e que dirige, e até altera, o currículo se for necessário. Não te devemos dizer: ‘Tens de ir ali e fazer isto e fazer aquilo.’ Estás sempre no controlo do teu próprio livre-arbítrio. Tu saberás, pois eu te dirigirei, o que é correto e o que não é correto fazer. Mas não devo dizer: ‘Faz isto’, senão danças ao som da minha flauta. Não, nunca.”

2

A importância de manter o seguinte aviso bem presente na mente foi-nos inculcada ao Bill Wootton:

“Lembra-te de que não somos perfeitos. Há algumas coisas nos nossos mundos que se podem aplicar ao tempo. Dir-te-ei agora — nós não temos tempo. Podemos ser imperfeitos quanto a isso, mas o objetivo final nós prevemo-lo. Muitas vezes, quando vemos uma coisa, alguém poderá dizer: ‘Quando?’ Quase sempre o fazem. E, porque os queremos ajudar, por vezes aplicamos o tempo. Já soube de casos em que foi absolutamente certo. Já soube de casos em que foi um erro crasso.

Quero sempre que faças este facto conhecido das pessoas. O tempo é algo que é muito difícil de calibrar do nosso lado da vida.

Tanto acontece no nosso mundo em apenas um ciclo de horas. Noutro mundo como o vosso, o fator tempo é longo para que a experiência seja aprendida. Nem sempre podemos dizer quanto tempo levará um homem ou uma mulher a absorver certas lições que têm de ser suas.”

Esta explicação certamente evitaria uma grande quantidade de desgostos se fosse mais geralmente tida em conta. Alguma da crítica dirigida à mediunidade decorre deste problema de tentar colocar uma “etiqueta de tempo” em eventos futuros. As pessoas ficam desiludidas quando estes eventos não se materializam no tempo previsto.

Talvez não compreendamos totalmente as dificuldades com que aqueles no Outro Lado se deparam ao tentar comunicar. O Wootton disse uma vez:

“Mesmo com todo o vosso amor e cooperação, estamos apenas a arranhar a superfície do que poderia ser feito. Muito mais poderia ser feito se houvesse maior amor no vosso mundo, o que nos permitiria aproximarmo-nos. Há tanto para fazer e tão pouco tempo para o fazer. Para aqueles de nós que têm este dom de encontrar os seus instrumentos naturais na terra, tentar desenvolvê-los em condições terríveis e depois pôr esse desenvolvimento a andar leva tempo. E há tanto que queremos fazer. Depois, por altura de o termos em maravilhoso estado de funcionamento, o corpo do instrumento é bastante propenso a ceder.”

Isto, como é óbvio, é ainda mais aplicável no que diz respeito à mediunidade de transe. Soubemos através do Wootton que ele tivera de criar, a partir de substância espiritual, uma “laringe artificial”. Esta foi colocada sobre as cordas vocais de Lilian para formar uma “ponte” entre os dois mundos. Ele também teve de criar uma potência vocal para que ele e outros que vinham pudessem ser ouvidos. Através de Lilian, ele disse:

“Estou a segurar, por enquanto, o cordão de vida dela; subjugámos a sua consciência. Colocámo-la num estado de não pensar, não ouvir, não saber, enquanto usamos este cordão de vida, pelo qual sou responsável, em vez de ser o próprio poder espiritual

dela a fazê-lo. Quando o teu pai ou qualquer outra pessoa vem, têm de usar o cordão de vida dela através de mim, pois eu ainda tenho de o segurar. Têm de falar através da laringe artificial que criei, com um tubo deles para mim seguro na boca. Tenho de lhes dizer: ‘Agora respira, respira, senão os pulmões falham.’ É por isso que dizem que as suas vozes parecem diferentes.”

Isto levou-me a pedir-lhe que descrevesse o cordão de vida:

“É um cordão de prata que é espesso. Brilha e cintila. A partir dele podemos aferir a saúde das pessoas. Quando vemos o cordão delas a ficar muito fino, até estar reduzido à espessura de um cabelo, sabemos que o corpo físico não vai ser segurado por muito tempo por esse cordão espiritual.

Ele emerge da glândula pineal na cabeça e vai dar a volta toda até ao centro do plexo solar. É a força de vida que pertence ao espírito que TU ÉS, que se derrama através das glândulas e faz o corpo funcionar. Por exemplo, a menos que lighes um aparelho de rádio, e aquilo a que chamas o ‘sumo’ ou a eletricidade entre, o rádio está morto. É exatamente assim.

Na mediunidade, o baço é a coisa mais importante de todas, especialmente onde há mediunidade física, pois é o armazém do poder psíquico. Passámos por isto com a Lil há quarenta e oito anos, quando médicos e cirurgiões no Guy’s Hospital descobriram que ela tinha um baço aumentado, mas apenas quando a estávamos a usar.”

Tanto o Bill Wootton como o Dr. Tom disseram-nos que eram capazes de baixar as suas vibrações espirituais para corresponderem às nossas terrenas, de modo a poderem conservar o poder psíquico que tinham edificado no baço. Mas muitas vezes, quando os guias ou familiares dos assistentes tinham permissão para falar, se fossem muito poderosos e viessem com um comprimento de onda mais rápido, ou se fossem muito emocionais, gastavam o poder rapidamente e causavam dificuldades com a “caixa da voz”.

Notava-se então que a voz do orador seguinte poderia ser fraca, ou o timbre seria diferente por um curto período de tempo a seguir.

Também a duração da consulta era encurtada porque a reserva de poder psíquico tinha sido gasta mais rapidamente. Mas a alegria e o entusiasmo expressos por aqueles que conseguiam passar, talvez pela primeira vez, eram tão maravilhosos que a duração da consulta era a última consideração.

Um incidente delicioso ocorreu quando o guia índio do George lhe falou pela primeira vez. Provou que não era tão simples como se poderia imaginar, para quem não tinha experiência anterior, controlar um médium.

O entusiasmo dele era muito grande. De vez em quando esquecia-se de falar em inglês — uma língua que obviamente tivera de aprender no mundo espiritual — e desatava a falar na sua língua nativa. Há que lembrar que ele estava a controlar o corpo físico da Sra. Bailey. Na sua exuberância, pô-la de pé. Quando chegou a altura de se ir embora, deparou-se com um problema. Não sabia como sentá-la! Foi necessária a ajuda do George para conseguir que a Sra. Bailey regressasse em segurança à sua cadeira. O guia partiu com a promessa de fazer melhor da próxima vez!

* * *

Nos dias anteriores a conhecer a Lilian, eu tinha por vezes uma consulta com outro médium. Ele, ou ela, estabelecia contacto com alguém que tinha partido desta vida terrena e descrevia a dor e o sofrimento da doença final, dizendo que estava a “captar a condição”, sentindo-a frequentemente de forma física dentro de si. O médium poderia dizer: “Tenho uma dor terrível no peito. O seu pai deve ter sofrido do coração.”

A vida do meu pai aqui terminou devido a uma trombose coronária. Eu tinha começado a ficar um pouco apreensiva com a ideia de levarmos as dores que experienciamos na terra connosco para a próxima vida. O Dr. Tom disse-me a mesma coisa sobre a última condição do meu pai. Pedi a sua explicação, o que me tranquilizou a mente:

“Um médium é como uma placa sensível. Se a expuseres à luz por uma fração de segundo, ela capta esse reflexo. Portanto, ficas com uma película daquela parte específica da luz e isso é tudo.

O teu pai, quando veio aqui hoje, pensou em quão diferente ele está agora de como se sentia quando envolto num corpo físico. A sua mente voou imediatamente para os sentimentos que tinha quando estava na terra. E num instante — foi apenas um relance de pensamento —, captei esta dificuldade que ele tinha com o coração e com a respiração. É assim que acontece.

Há muito tempo, a minha médium ia sentada num autocarro. Uma mulher sentou-se ao lado dela. Com esta mulher estava um homem que não tinha uma perna. Ela ia a caminho do cemitério com flores para colocar na campa dele, e ia a pensar nele. A minha médium sentiu imediatamente que não tinha a perna direita.

O homem estava a pensar no tempo em que costumava sentar-se ao lado da sua esposa, e em como não tinha uma perna. Imediatamente a minha médium sente que não tem uma perna porque ele está mesmo na aura dela ao sentar-se ao lado dela. Ele não sabe o que está a fazer. Apenas enviou um pensamento que ela captou.

Por isso ela teve de dizer à mulher: ‘Conhece alguém que tivesse uma perna de pau?’ ‘Sim,’ disse a mulher, ‘o meu marido. Vou justamente a caminho do cemitério com flores para ele.’

Ora, é isso que quero dizer. Podes estar sentado com uma pessoa terrena. De repente sentes: ‘Oh valha-me Deus, tenho uma dor no ouvido.’ Não tem nada a ver com o teu ouvido. Mas se fores um sensível, captarás isso, a menos que tenhas aprendido a arte de o superar ao sair da condição. A vida de uma médium, se não o fizesse, poderia estar cheia de condições diferentes.”

Notávamos frequentemente que o Dr. Tom e o Wootton invariavelmente sabiam quando tínhamos uma pergunta para fazer e davam-nos a resposta antecipadamente. O Dr. Tom explicou:

“Vejo na vossa aura alguns pontos de interrogação. Portanto, sei que quereis fazer perguntas. Depois, aqueles que vos guiam estão muito intimamente associados convosco. Eles estão cientes de que me quereis fazer perguntas, por isso colocam-nas a mim. Ou, se houver um certo pensamento, eles farão ‘saltar’ a ideia para dentro de mim.

Então eu perguntar-vos-ei algo ou responder-vos-ei antes que possais perguntar. É um pouco como o rádio, só que muito mais positivo. Mas nós não sabemos todos os vossos pensamentos. Isto é apenas no que concerne a coisas que vos ensinariam e pelas quais, talvez, de alguma forma estejais muito interessados para a vossa experiência de vida. Há privacidades em que nunca tocamos.

Poderias perguntar-me como é que os vossos amigos, ou nós, numa determinada altura nos reunimos aqui para vos encontrar. Vós tentais fazer uma marcação connosco. Muitas vezes os vossos guias têm tentado influenciar-vos a entrar em contacto connosco. Num determinado dia — nós não temos calendários nem datas —, sabemos que a uma determinada hora, a um determinado lugar, é para onde ides. Imediatamente de manhã, ou no dia anterior, nalgum momento, pensais: ‘Oh, tenho de ir ver a Sra. Bailey.’ Estamos lá antes de vós. Todas estas coisas são muito rapidamente captadas por nós.”

* * *

Ao longo dos anos deparamo-nos inevitavelmente com várias críticas aos médiuns, sendo uma delas a de que deles apenas saem trivialidades. Em todas as profissões há os bons, os maus e os indiferentes. A mediunidade não é exceção. O facto de as pessoas terem um dom psíquico não significa necessariamente que estejam espiritualmente evoluídas.

O Wootton descreveu-os como “médiuns de aparelho de uma única válvula, que têm guias de comprimento de onda correspondentemente mais baixo. Portanto, as mensagens são de um calibre inferior. Não conseguem ver nem alcançar aqueles que estão numa vibração espiritual mais elevada.”

Por outro lado, explicou que um médium muito bom pode ser injustamente difamado: “Há algumas pessoas que, não importa as provas que tivessem, nunca vão fazer nada com elas. Por isso, os seus amigos limitam-se a vir como fariam numa estação de comboios, a dizer: ‘Olá.’ Alguém lá atrás diz: ‘Está aqui o Tom a mandar um abraço, e está aqui mais alguém...’ A comunicação é muito difícil por vezes; e algumas pessoas tornam-na mais difícil.”

Consigo compreender o que o Wootton queria dizer. Infelizmente, há muitos que se sentam com médiuns, mas não têm grande interesse em aprofundar a sua compreensão espiritual. Vão meramente para receber uma “mensagem” espiritual de alguém que amam. Certamente que isso lhes trará conforto e a prova da Sobrevivência, que são maravilhosos de ter. Mas se é apenas isso que procuram, dificilmente surpreende que não recebam mais nada.

* * *

Chego a outro aspeto da mediunidade que pode, por vezes, levar as pessoas a questionar a sua fiabilidade. Aqui sublinho que me estou a referir à verdadeira mediunidade, não, como o Wootton descreveu, aos aparelhos de “uma única válvula”. Estes, por falta de capacidade, e num esforço para dar conforto, por vezes captam por telepatia os pensamentos e desejos do assistente e transmitem-nos como sendo de origem espiritual.

Preocupo-me com aqueles que visitam médiuns em busca de ajuda e conselho porque têm grandes problemas emocionais, ou um desejo intenso por algo ou alguém. Perguntam: “Irá acontecer?” “Irei conseguir isto?” ou “Irei fazer aquilo?” Através do meu convívio com a Lilian aprendi algo muito importante.

Com a sua sabedoria acrescida e discernimento sem nuvens, aqueles que guiam sabem o que é correto ou destinado para nós, e o que não é. Conseguem ver mais além do que nós. Se sabem que aquilo que imaginamos ser de tremenda importância para nós nos levará apenas ao desastre, então, ao tentarem responder a tais perguntas, deparam-se com problemas.

Eles sabem, e se formos honestos connosco próprios também sabemos, que se queremos desesperadamente uma coisa, a última coisa que realmente desejamos é que nos digam que não a vamos conseguir.

Aqueles no Outro Lado reconhecem que, se ainda não adquirimos a força para aceitar a verdade tal como eles a veem, dá-la poderia lançar-nos num tal estado de desânimo ou desespero que faria mais mal do que bem.

Também sabem que ninguém tem o direito de interferir com o livre-arbítrio alheio, ou com a experiência de vida que viemos ganhar para este mundo. Temos de aprender a tomar as nossas decisões. Embora possamos errar muitas vezes, é ao fazê-lo que a nossa compreensão da vida é enriquecida.

Aqueles mais sábios a quem pedimos conselho, ou respostas para os nossos problemas, têm de discernir a melhor forma de nos ajudar. Podem, por vezes, parecer alinhar com as nossas esperanças e desejos. Mas quaisquer palavras suaves de desincentivo que deem passarão frequentemente despercebidas, porque em tais circunstâncias é uma falha muito humana interpretar o que é dito por forma a ajustar-se aos desejos de cada um. Assim, quando descobrimos que as nossas esperanças não se realizaram, há a tendência para lançar dúvidas sobre a fiabilidade da orientação espiritual.

Quem dera que mais pessoas percebessem que o principal propósito daqueles que vêm do mundo espiritual é provar a Sobrevivência e dar uma compreensão mais plena da beleza da vida. Não é função deles resolver os nossos problemas pessoais por nós. Sempre nos ajudarão a superá-los, mas a decisão final tem de ser nossa.

3

Uma tarde, o George e a Jacqueline conversavam com a Lilian antes de ela, como costumava dizer, ter de “ir embora”. Falavam sobre o desenvolvimento da mediunidade. Ela começou a falar-lhes das suas experiências e sobre a natureza daqueles que, vindos dos reinos

espirituais, trabalham connosco. Felizmente o gravador de fita tinha sido ligado, pelo que posso citar as suas palavras:

“São tão naturais, estas pessoas desse mundo mais sábio. Parece que todo o humor e encanto de uma perfeita naturalidade vêm com eles. Acho que essa é uma das grandes coisas. Lembro-me, há anos, quando perguntei pela primeira vez se havia alguma coisa que eu pudesse fazer — faz-se isso no início — para ser mais útil, eles disseram: ‘Sê apenas tu própria. Nunca te esforces por forçar nada.’ Consigo compreender isso porque eles são tão naturais. Não querem que pressionemos as nossas mentes ou que sejamos artificiais de forma alguma, porque isso torna-nos menos sensíveis à sua vinda. Eles não se estão a impor. Estão a ser naturais.”

Assim que a Lilian “partiu”, o Wootton continuou o tema dela:

“E é verdade, como tenho sempre tentado dizer. Muitas pessoas têm todo o tipo de artimanhas. Pensam em concentrações, orações especiais, elevar-se para fora de ‘algo’. Nós não pedimos isso. Pedimos apenas que guardeis, tanto quanto puderdes, a regra de ouro — ‘Faz aos outros o que quererias que te fizessem a ti.’ Esforçai-vos por aquilo que não só elevará a vossa vida, mas a de todos os que contactais. É de uma simplicidade absoluta.

‘A menos que vos torneis como uma criancinha, não podereis entrar no reino.’ O que é o reino? É AQUI e AGORA; a libertação da ansiedade e dos medos, e um derramar do conhecimento e da fé de cada um no facto de que todos fazemos parte da grande fonte criativa a que chamamos Deus. E como esse pai é todo sabedoria, todo força e todo paz, então temos de aceitar cada problema como sendo um enriquecimento do crescimento na terra. Portanto, quanto mais naturais puderdes ser, melhor — e divirtam-se!

Viver em mosteiros e conventos é fechar-vos para fora da vida. As pessoas que habitam num determinado e pequeno grupo fechado de pensamento dão a si próprias indigestão mental. Não é através do intelecto que tocais a realidade, mas através do desejo da vossa alma.

Através do simples facto de serdes vós, sem qualquer esforço mental da vossa parte, sereis capazes de ajudar muitos viandantes com a luz que possuíis. Não forceis isso. Tenho todo o respeito e admiração pelas pessoas que acham que têm de fazer algo a esse respeito; que se submetem a penitências como tantas freiras e padres têm feito — chegando a flagelar-se fisicamente para se tornarem dignos. Esse não é o caminho. É superares-te a ti próprio e saberes. Adiciona à tua fé o conhecimento de que tu, a grande fonte criativa e toda a humanidade sois UM.”

“A mediunidade não é algo que se possa forçar. Ou está lá ou não está. Um sensível é um sensível sem ser colocado numa estufa de cultivo. A clarividência não pode ser apressada; é um sentido da alma através da glândula pituitária que não pode ser alcançado por exercícios.”

O Wootton e o Dr. Tom sublinhavam sempre a necessidade de simplicidade. Diziam-nos que aquelas almas maravilhosas que tinham progredido muito nos reinos espirituais eram as que possuíam a maior simplicidade e humildade. Até a criança mais pequena e ignorante conseguia receber compreensão de tais almas.

Diziam que a superioridade espiritual não existe na sua esfera de vida. Mas, infelizmente, no nosso mundo havia aqueles a quem faltava essa humildade essencial e que se imaginavam mais avançados espiritualmente do que os outros. Em consequência, erguem uma barreira que impede esses guias, que vêm para iluminar e ensinar, de se aproximarem. Eles têm, por necessidade, de trabalhar num comprimento de onda mais baixo. O Wootton explicou:

“Alguns médiuns falam sobre os seus guias estarem na ‘décima esfera’, onde quer que isso seja. Não se pode ensinar o abecedário às crianças a partir do sexto ano de escolaridade. Não há ninguém na ‘décima esfera’. Não sei o que é. Nunca lá estive. Estou aqui há muito tempo. Tenho visto muitos tipos e partes do mundo em que estou agora.

Tendes de começar no jardim de infância da compreensão antes de poderdes ensinar o que quer que seja a alguém. De nada serve que algumas pessoas muito boas, com a melhor das intenções do mundo, fiquem sentadas a meditar para alcançar algum plano distante que não existe. Só podem ir até onde as suas almas cresceram: só assimilam através das suas mentes aquilo que o seu tipo de alfabeto as ajudar a alcançar.”

Tendo visto *a* Lilian sofrer tanto, disse uma vez *ao* Wootton que achava que parecia um pouco duro. Por que haveria ela, que tinha dado grande parte da sua vida para ajudar os outros, de ser afligida com tanta dor? Ele respondeu:

“Por favor, percebe que o Caminho da Cruz é duro. Por essa colina do Calvário todos temos de subir — para compreender o que significa sofrer. Quando uma alma está a lutar contra a adversidade, seja ela a falta de saúde, a falta de dinheiro, de amor ou de lar, está a lançar tentáculos espirituais que a fortalecem muito mais do que a comodidade e a autossatisfação alguma vez poderiam fazer.”

* * *

CAPÍTULO DOIS

Como Funciona a Cura Espiritual?

“O que é o poder de cura? É uma qualidade magnética que se funde com a emanção da tua alma e com o poder espiritual que o teu guia exala através do seu longo processo de vida na taxa mais elevada de vibração.”

WILLIAM HEDLEY WOOTTON.

1

Comecei o meu serviço como curadora há cerca de vinte anos, através da ajuda e do encorajamento de Gordon Turner. Muitos lembrar-se-ão dele como um dos grandes e internacionalmente conhecidos curadores do seu tempo. Sendo este trabalho algo muito próximo do meu coração, fiquei particularmente grata pela oportunidade de falar com aqueles que, no mundo espiritual, estão diretamente envolvidos no controlo do poder de cura. Muito se tem dito sobre o assunto, contudo, tão pouco se sabe realmente.

Os curadores ativos têm consciência de que o poder flui através deles e de que os pacientes beneficiam com isso. Mas como opera exatamente é difícil de compreendermos. Estamos envolvidos em algo intangível que é transmitido a partir de outra dimensão da vida. Compreender a essência desse poder está inteiramente além da nossa capacidade enquanto estivermos limitados pelas condições terrenas. Mesmo aqueles no mundo espiritual não têm meios pelos quais possam explicar plenamente a sua realidade.

Para adquirir alguma percepção sobre a técnica de cura, fiz uma variedade de perguntas. As explicações que recebi foram de uma ajuda tremenda para mim. Espero que, ao transmiti-las, elas ajudem outros curadores e os seus pacientes.

Muitas vezes me têm perguntado que tipo de curadora sou — uma curadora divina, uma curadora pela fé, uma curadora espiritual ou uma curadora psíquica. Como a Lilian costumava dizer, detesto etiquetas porque apenas baralham. Se acreditamos que existe apenas uma fonte criativa de vida, Deus, então é dessa fonte divina que flui o

poder de cura. Usamos esse poder espiritual através da nossa capacidade psíquica. Por isso, chamo-me simplesmente curadora, sabendo que nada posso fazer por mim própria mas que, com a cooperação amorosa dos meus guias espirituais, há poucos limites para o que pode ser alcançado. Gosto da forma como o Wootton explicou isto:

“Tudo o que é natural é de Deus. Se não houvesse esse elo do vosso lado para o nosso, seríamos incapazes de fazer o que quer que fosse para vos conservar materialmente. Quando curas, é porque tens plena fé e cooperação com os teus guias para que eles possam enviar através de ti para o paciente — se ele ou ela o puder receber — o poder do espírito da vida. Quanto mais puderes perceber que és um veículo para transmitir esse poder de cura de Gilead — pois outrora assim era chamado —, então, através da tua fé, da tua capacidade psíquica e do amor pelos teus guias espirituais, mais poderás ajudar os outros. É uma coisa natural, como maquinaria posta em movimento.”

Foi o Pena Branca, outro guia, quem primeiro descreveu como esta “maquinaria” é posta em movimento:

“A cura é sempre passada através da aura do paciente. Só assim podemos transmitir — através da tua aura para a aura do paciente. A tua aura é como uma gigantesca teia de aranha, a pulsar com muitos comprimentos de onda sobre os quais podemos transmitir o fluxo magnético dos raios cósmicos. Tu és a máquina; nós somos as baterias, a eletricidade. As tuas baterias estão sempre sintonizadas sempre que precisamos de transmitir poder cósmico. As tuas mãos recebem o grande fluxo de magnetismo. Através delas o poder vem em turbilhão, mas só pode ser recebido pelo paciente através da sua aura. Mas lembra-te, se o paciente tiver apenas uma aura pequena e espessa, isso significa que ele é muito egoísta. Será incapaz de receber, em grande extensão, esse fluxo magnético de poder de cura.”

Tinha ouvido falar frequentemente de um guardião da alma ser referido como um “porteiro”, e não tinha muita certeza do que isso implicava. Portanto, quando o Dr. Tom também mencionou que o

Pena Branca era o meu “porteiro” e que, como tal, segurava a minha aura dentro de si, pedi-lhe que explicasse:

“O Pena Branca segura a tua aura porque ele é parte de ti. Toda a gente que queira vir através de ti tem de o fazer através do poder do teu guia índio, com o resultado de que ele filtra tudo para si próprio. A tua aura e a emanção áurica dele, que é espiritual, estão unidas.

Não é fácil de explicar porque estamos noutra dimensão de compreensão. Quando falamos sobre vibrações, tu perguntas-te o que são. São como pequenas linhas semelhantes a cabelos, brilhantes e fosforescentes, se quiseses, que se estendem da fonte espiritual do teu guia até ti. Elas envolvem-te. Apenas o guardião da alma, o porteiro, pode dizer se a tua aura pode ser usada. Andando ele tão sintonizado contigo desde o teu nascimento, conhece o estado da tua saúde, dos teus poderes mentais e da tua capacidade nervosa. Portanto, ninguém sem a permissão dele tem autorização para tocar nesse armazém central de força espiritual que ele traz, e que é a sua aura espiritual a envolver completamente a tua.

Palavras em nenhuma língua conseguem explicar plenamente a realidade desta ‘união’ daqueles que te guiam. Todas as pessoas na terra têm guardiões da alma, mas com o teu conhecimento sobre o Pena Branca, a guarda dele é uma coisa mais forte e mais maravilhosa do que se não soubesses nada a respeito dele.”

Também soube através do Dr. Tom que, tal como os porteiros são os custódios do poder de cura, também todos os outros guias e ajudantes que constituem os grupos de cura têm as suas próprias missões particulares a desempenhar. Os grupos incluem médicos e cirurgiões do passado, cada um com o seu conhecimento especializado, e a funcionar no seu próprio comprimento de onda magnético de poder, o qual pode aliviar certas condições do corpo ou da mente humana. O Dr. Tom colocou a questão desta forma:

“Há médicos maravilhosos que, em consulta, são capazes de decidir sobre o tipo de força magnética que é correto colocar através da aura do curador para certas condições na terra. Alguns pacientes

precisam de algo muito diferente de outros, mas é o mesmo poder usado de outra forma. Há vibrações variadas de almas que conseguem transmitir através do curador certos tipos de poder. Gostaria que soubesses que, em redor de cada instrumento que tenha qualquer valor para o mundo, pode haver até oitenta guias ou mais. Eles fazem o seu trabalho muitas vezes sem serem conhecidos nem vistos. Cada fragmento dessa grande aura tem um determinado comprimento de onda que diferentes almas podem usar sob a orientação do teu guardião-chefe.”

Finalmente, a realidade da aura está a começar a ser aceite. Os cientistas andam a investigar todo o tema das emanções áuricas. Nalguns países, a aura anda a ser usada por cientistas médicos e médicos para diagnosticar doenças. Dois russos, Semyon e Valentina Kirlian, fizeram muito a este respeito com a sua investigação e desenvolvimento de uma máquina chamada “Tobscópio”, que fotografa auras. A fotografia Kirlian provou, como aqueles que têm visão psíquica sempre afirmaram, que toda a gente e tudo o que vive tem uma aura.

Até ao momento, as investigações científicas tocaram apenas a parte exterior da aura, que se relaciona com o corpo físico. Mas a alma também tem a sua aura. Menção a isso foi feita por vários que falaram através de Lilian Bailey. Chamaram-lhe a aura interior. Uma excelente descrição de como aqueles no mundo espiritual veem a aura na sua totalidade foi-me dada por Pena Branca:

“Há a chama da alma, o verdadeiro TU que está envolvido por um corpo físico. Em redor da chama da alma está a aura da alma que, quando alguém está desperto espiritualmente, é ampla e cintila com o magnetismo que lhe chega. Depois há um vácuo — nada. Há também a aura exterior, que pode ser muito grande, com miríades de vibrações como finas linhas semelhantes a cabelos. Ao longo dessas linhas, alcançam-se todas as condições das pessoas e o poder de cura é transmitido. A aura exterior é a tua aura física. Conforme os teus pensamentos fluem através dela, nós vemos as suas cores mudar. Observamos o teu desespero e a tua felicidade.

Para nós, a aura inteira é como uma vela grande que possas talvez ver no altar de uma igreja. A chama está acesa. Em redor dela surge um brilho — uma aura —, depois um ‘nada’ e, a seguir, um brilho maior com muitas cores.

Há alguns cujas auras físicas são espessas, como dedos, nunca se estendendo além do comprimento de um braço. Essas pertencem a pessoas que são muito materialistas. Pensam apenas no prazer das roupas, das joias, do dinheiro e do poder. Por isso, têm auras espessas e pulsantes. És incapaz de ver de todo a aura da alma. Vês apenas a aura exterior porque as suas vidas estão totalmente incrustadas no mundo material e nelas próprias. Se tentares ajudá-las ou aproximar-te, estas auras muito materialistas e espessas afastam-te. És incapaz de alcançar a fonte interior da sua compreensão.

Depois há o segundo tipo, aqueles com auras da alma que estão a começar a brotar. Estas pessoas continuam a pensar no eu, mas pelo menos estão abertas à nossa ajuda. Com alguns pacientes, vemos as suas auras trémulas a brotar de vida, como o botão de uma flor recém-nascida a abrir-se para o sol. A estes podemos ajudar um pouco.

É muito difícil passar através dessa aura exterior, através do vácuo até à aura da alma, mas é isso o que tentamos fazer. Se conseguirmos tocar a emanção da alma do nosso médium terreno e transmiti-la através do vácuo para a sua aura exterior, somos capazes, por vezes, de estender esse poder a essas pessoas que estão tão envoltas no eu.

É o egoísmo que corrompe. O medo e a preocupação são forças negativas que podem anular qualquer coisa que tentemos fazer. Uma mente cheia de medo e preocupação afasta-nos.”

* * *

O significado de certas cores das auras também me interessava muito. Perguntei ao Dr. Tom se aqueles no mundo espiritual tinham auras de cores diferentes:

“Sim, toda a gente tem. A cor é vida, tal como é no vosso mundo. Se tudo fosse a preto e branco, e não houvesse cor alguma, seria um lugar monótono. Todos exalamos uma aura com cores nela. Muitas vezes conhecemo-nos uns aos outros pelas cores. Conforme cresceis, assim as cores mudam. Conforme te tornas mentalmente um tipo de pessoa diferente, uma pessoa poderosa ou mais fraca, assim as cores mudam.”

O Wootton tinha isto a acrescentar relativamente às auras:

“Nós não sabemos as cores que andamos a exalar para os vossos olhos. Há muitas cores. Vós vereis crianças, ou rapazes e raparigas jovens, e frequentemente pessoas que estiveram muito debilitadas e há pouco tempo saíram do corpo físico, numa espécie de cor azul-ovo-de-pato. O brilho ainda não está nela. Por isso sabereis, quando virdes essas pessoas, que elas não estão aqui há muito tempo — algumas há apenas uma semana ou duas, algumas há um mês. Não há uma verdadeira bitola sobre isto. É de acordo com a forma como a alma reage à sua nova entrada no mundo espiritual que se determina a cor que emite para o médium que a consegue ver.”

2

Na sua maneira inimitável e deliciosa, o Dr. Tom tentou descrever algo da maravilhosa cooperação entre os médicos e ajudantes espirituais que se reúnem em redor dos seus médiuns de cura quando os pacientes chegam para tratamento:

“Se um paciente tem um problema no dedo grande do pé e no nariz, provavelmente terás dois ou três ajudantes a trabalhar nessas condições. Quando curas um paciente, tens um número de pessoas a ajudar-te. Por exemplo, alguém tem uma dor de cabeça terrível. Não há problema com a cabeça, mas algo de errado com o útero. Qualquer pessoa que saiba sobre essa condição estaria a ajudar aí, enquanto tu estarias a segurar a cabeça. Outro guia perceberia também que neste paciente há uma coagulação, talvez na corrente sanguínea, ou que a vesícula biliar não está a funcionar bem. Ele tentaria fazer algo aí. Uma pessoa não pode fazer tudo. Cada um tem o seu comprimento de

onda magnético de poder, o qual pode aliviar certas condições no corpo humano.

Quero que olhes para a questão sob essa luz. É uma espécie de mundo de especialistas quando estás a lidar com pessoas terrenas. Não podes ser todo-poderoso, sabedor de tudo tu próprio. Não podes saber como lidar com cada maleita do corpo a menos que o tenhas estudado completamente. Quero que percebas que esta é uma tarefa gigantesca, e tu és o último elo da cadeia. Mas és muito preciosa para nós — todos os médiuns são. Sem ti e outros, tais como a nossa médium, nada poderíamos fazer.”

Outro exemplo da cooperação que existe entre os grupos de cura espirituais veio do Dr. Tom. No dia anterior a uma visita a Lilian Bailey, a Jacqueline tinha-me pedido cura para uma rigidez no pescoço. Enquanto trabalhava, estive muito consciente do Dr. Tom. Por isso, quando ele veio falar comigo, perguntei-lhe se tinha estado a ajudar. Ele respondeu:

“Ah sim, não que os teus guias realmente precisassem de mim. Estava a dar-te alguns pequenos conselhos porque tinha estado a ajudar muito num caso desses aqui com o rapaz Nicholas (o neto da Sra. Bailey). Pedi aos teus guias para virem ajudar-me com ele. Onde temos um determinado grupo de pessoas que têm vibrações semelhantes, trabalhamos comunitariamente. Estamos frequentemente a ajudar-nos uns aos outros de muitas maneiras. Não queremos guardar nada para algo especial nosso, ou para a nossa própria médium. É uma grande fraternidade de amor a que temos aqui. Faz tudo parte do companheirismo amigável e da felicidade de servir em conjunto. Se houver algo que o outro sinta que um paciente ou amigo na terra possa precisar, iríamos todos dar o que quer que tivéssemos.

Lembra-te, há milhões no teu mundo que não nos conhecem. Não conseguiríamos alcançá-los, por mais que tentássemos. Mesmo os guias e amigos que são naturalmente deles não os conseguem alcançar. Somos propensos a trabalhar com aqueles que conseguimos

alcançar, para tentar estimular o homem para uma consciência da sua realidade espiritual.”

* * *

Muito pouco tempo depois de começar a desenvolver o meu dom de cura, percebi que todos os curadores têm as suas formas individuais de trabalhar. Obviamente que os princípios subjacentes serão sempre os mesmos. Mas os métodos usados estão inevitavelmente de acordo com aqueles que melhor se adequam ao grupo de guias que controlam o seu médium.

Notei que, com bastante frequência, me apanhava a falar com os pacientes enquanto trabalhava. Perguntei *ao* Pena Branca se isso era uma coisa boa de se fazer ou se perturbava o fluxo do poder de cura. Também queria saber se ele considerava necessário estabelecer contacto físico com as mãos. A sua resposta foi:

“Nós inspiramos ou impressionamos a tua mente com o que desejamos dizer. Faço-o com a ajuda e o poder daqueles que estão connosco, e que são muitos. É importante ajudar os pacientes a perceber que dentro deles está a capacidade de receber uma grande ou uma pequena quantidade de poder cósmico. Não são todos os que se limitam a sentar e a dizer: ‘Senhor, Senhor...’ que são curados. Lembra-te, nem todos os que exigem são capazes de receber. Muitas vezes cortaram-se da fonte.”

“É bom tocar-lhes e falar com eles. Faz tudo parte da sua necessidade psicológica. Através da tua aura, a massa magnética do poder cósmico derrama-se sobre eles, tentando encontrar o íman nas suas almas que o receberá. Muitas vezes vês um clarão de luz, o que significa que há uma fusão das auras e o poder é capaz de passar. Mas na tua mente sabe isto: nós já temos essas almas todas preparadas para receber, se puderem. Portanto, podes falar com eles, mas sabe confiantemente na tua mente que eles estão cercados por grandes raios que lhes permitirão ter um grande alívio.”

Havia ocasiões, durante uma consulta com *a* Lilian, em que alguém, talvez o meu pai, se referia à minha aparência, o que parecia

indicar que ele e outros me conseguiam ver muito claramente. Isto foi confirmado por Bill Wootton. Ele explicou que, enquanto eu ou qualquer outra pessoa estivéssemos na energia que tinha sido edificada em redor da Lilian, eles podiam ver-nos como realmente somos. Eu queria saber quão bem o meu grupo de ajudantes espirituais me conseguia ver noutras alturas. O Wootton respondeu:

“Porque és a médium deles, os teus guias edificam um poder que quase os faz materializar-se. Isso permite-lhes ver cada movimento teu, se for necessário. Mas eles não espreitam a tua cena doméstica, a menos que estejas necessitada ou que haja uma emergência. Permanecem habitualmente na aura exterior sem infringir a tua vida pessoal, fazendo tudo o que podem, a partir desse ponto de vista, que ajude os outros, ou a ti, ou aos teus. Eles não veem apenas uma luz — veem-te a ti. Também podem estar cientes de ti através de outros meios, que eu não conseguiria de modo algum expressar por palavras, mas que pertencem à nossa dimensão de vida. Isto permite-lhes ter acesso a ti. Eles podem ‘sintonizar-se’ contigo como tu poderias sintonizar uma série de estações de rádio ao mesmo tempo, alternando entre elas. ‘Ela está bem? Sim, está bem.’ Depois desligam, porque é a tua vida privada que tens de viver. Não vivem colados a ti.

Vemos algumas pessoas de forma mais positiva do que outras. Por vezes, vemos apenas uma névoa ao redor delas porque elas erguem uma barreira. Então não conseguimos aproximar-nos tanto quanto gostaríamos a fim de as ajudar.”

* * *

Ao longo dos anos, tenho notado que a expressão “cura à distância” é algo que muitas pessoas têm dificuldade em compreender, particularmente quando todo o conceito de cura é novo para elas. Prefiro chamar-lhe “cura projetada”. Isto torna muito mais fácil ajudar as pessoas a compreender os princípios fundamentais pelos quais trabalhamos, e elas ficam mais bem preparadas para receber a ajuda que pode ser dada.

Como grande parte do trabalho de um curador é feita por cura projetada, eu estava ansiosa, nos primeiros tempos, por encontrar o melhor método de a realizar. Descobri que havia quem acreditasse que esta deveria ser precedida por uma forma de meditação ou ritual a uma determinada hora do dia. Outros gostavam de ter um altar e acender velas. Mas com a família sempre em reboição ao meu redor, achei que cumprir qualquer uma destas exigências era extremamente difícil. Perguntei *ao* Pena Branca se era realmente necessário. A sua resposta foi enfática na rejeição:

“Tudo isso é o que alguns médiuns acham que seriam coisas muito bonitas de se fazer. É a velha falácia de erguer edifícios, queimar incenso ou acender velas. Não é disso que a Grande Fonte Criativa precisa, mas sim do saber de uma grande alma na terra de que, ao enviar simplesmente um pensamento de cura a um dos Seus filhos, este vai mais rápido do que um relâmpago.

É por isso que muitas vezes precisamos de um grande exército de almas no nosso mundo, cujas vibrações estejam adaptadas a cada linha semelhante a um cabelo da tua aura. Então elas podem estar aqui num segundo, receber um pouco do poder e estar, talvez, na Índia em dois minutos ou menos para o dar a alguém para onde os pensamentos são dirigidos. Tudo o que precisas de fazer é dizer: ‘Ajuda este’, e saber que o poder sairá. É tão simples quanto isso.”

3

Sempre que visitava *a* Lilian Bailey, considerava sempre esse dia como extra especial, pois permitia-se que alguém com quem eu nunca tinha falado antes viesse e eu fizesse o seu conhecimento. Numa ocasião, tive o prazer de conversar com Donald McIver, um membro do grupo de médicos que trabalham comigo. Contou-me que tinha vivido em Kirkcudbrightshire e que era especialista de ouvidos, nariz e garganta. Perguntei como é que aqueles no mundo espiritual sabem quais os raios de cura cósmica que são necessários para um paciente. Ele disse-me:

“Há grandes laboratórios aqui e as mais maravilhosas salas de aprendizagem. Um médico descobre, quando vem para o nosso lado, que ainda há muito sofrimento na nossa dimensão, provocado, não por doença física, mas pelo pensamento mental, tensões e medos. A vida pecaminosa, as más ações e a sua forma de pensar deformaram as suas almas.

Muitas vezes são incapazes de ver onde estão devido à sua cegueira sobre a vida quando chegam pela primeira vez ao nosso lado. O resultado é que nós, que continuamos fascinados pelas maleitas do homem, nos esforçamos por ajudar para que eles, com uma compreensão mais plena das suas condições, tenham vida em abundância nas esferas maravilhosas que existem para os homens alcançar.

Experimentamos diferentes poderes de raios magnéticos com os quais tentamos estimular as almas das pessoas, não só no nosso lado mas também no vosso. Há tantas forças ou raios de atividade que podem ser usados e transmitidos à mente do homem, os quais o podem tirar de um estado de paralisia mental para uma grande atividade. Só ao endireitar o seu pensamento e ao estimular a sua compreensão espiritual podemos fazer isto. E para o fazer na perfeição, é preciso ter uma espécie de laboratório.

Não é o vosso tipo de laboratório. É onde se reúnem almas maiores que nos dão todo o estímulo de que necessitamos para transmitir aos outros. Se estivéssemos gravemente preocupados com certas pessoas e quiséssemos ajudá-las, assistiríamos talvez a uma série de palestras e discussões, e ser-nos-iam mostrados, no nosso tipo de laboratórios, os meios de ajudar as pessoas em tais condições; ajudá-las através da sabedoria daqueles que, há centenas de anos, subiram mais alto e são capazes de auxiliar as almas em muitas condições de vida.”

Outro dia extra especial foi quando o Dr. Tom disse que gostaria que o chefe da minha equipa de médicos falasse comigo. Contou-me que o seu nome era Neil Ferguson, outro escocês que tinha, cerca de

um século atrás, exercido em Edimburgo, especializando-se em cancro, nos nervos e no cérebro.

Era fascinante descobrir, ao escutar as vozes destes três médicos, todos escoceses — Thomas Adamson, Donald McIver e Neil Ferguson —, que cada um falava com um sotaque diferente, o qual era típico da zona da Escócia onde tinham vivido e trabalhado. O Neil Ferguson também sublinhou a importância de abrir a mente das pessoas para uma maior compreensão:

“Muitas vezes as malignidades são causadas através de um distúrbio do cérebro, o qual se deve frequentemente a um pensamento errado. Portanto, vedes como tudo se origina na mente. É por isso que estes problemas poderiam ser curados se pudéssemos ajudar estas pessoas a ter um maior fluxo do poder da mente que é seu.

As pessoas notam que têm um pequeno nódulo aqui ou uma dor ali. Imediatamente têm medo de ter cancro. Mesmo sem o nódulo, têm pavor de qualquer tipo de doença. Tornam-se hipocondríacas porque criam uma fobia. Uma fobia³⁴ obseda a mente. Assim, elas, porque o homem é uma força criativa, criam a doença.

As pessoas que estão tão cheias de medo criarão uma fobia. Pensam: ‘Eu sei que a minha mãe morreu de cancro, e tenho a certeza de que vou ter.’ Vós poderíeis, com calor humano e compreensão, chegar à base dos seus medos. Poderíeis dizer-lhes: ‘Sei que tendes medo de que uma certa coisa vos aconteça. Tendes medo disto e daquilo. Mas não vai acontecer, a menos que façais com que aconteça ao forçar-vos a acreditar nisso’.”

O Dr. Tom também falou da necessidade de um pensamento correto para que todas as glândulas funcionem devidamente:

“O sistema glandular endócrino é o elo total com a vida porque os seus ciclos são como as vossas estações climáticas. Assim tendes os vossos ciclos de vida, ‘as sete idades do homem’, cada uma com o seu crescimento. A glândula pituitária é uma grande glândula, e a tiroide também o é. Se há problemas com os nervos, muitas vezes está ligado

à glândula tiroide. Mas o corpo espiritual é o verdadeiro tu que tem de manter a máquina física a trabalhar, com as glândulas todas a funcionar corretamente. É por isso que a mente é a principal força motivadora da vida.”

Quão importante é para um curador lembrar-se disto foi-me mostrado muito claramente por Pena Branca:

“Cada grupo de guias está sujeito às vibrações espirituais do instrumento que usam. O instrumento pode limitar o que o grupo de almas consegue captar de grandes fontes de poder. Portanto, só podemos fazer tanto quanto o nosso pequeno ‘instrumento-central-elétrica’ consiga receber de nós. Se ela não estiver bem ou estiver perturbada na sua mente, não é tão bom.”

O Dr. Tom lembrou-me:

“O desgosto excessivo retira do corpo uma quantidade gigantesca de todos os tipos de minerais, ferro, cálcio, potássio, etc., de que este necessita para permanecer saudável. Com a depleção do ‘armário da despensa’ do corpo, descobris que não só as unhas delas lascam, mas também têm constipações e não estão tão bem como se encontravam anteriormente.”

PARTE DOIS
CAPÍTULO TRÊS
A Vida no Mundo Espiritual

1

Muitas pessoas têm medo de morrer. Mesmo aquelas que admitem uma crença no “além” estão frequentemente aterrorizadas. O medo do desconhecido é natural. Tão pouco foi feito ao longo dos séculos para encorajar as pessoas a obter qualquer compreensão real da tremenda aventura de viver que se situa mais além deste mundo. As palavras do grande mestre que caminhou na terra há dois mil anos, “Procurai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á”, foram invariavelmente desincentivadas quando um caminho pessoal e independente para a iluminação foi procurado através de meios pouco ortodoxos. Em vez disso, a temível exortação para rezar pela imortalidade foi incutida nas mentes das pessoas como a única esperança de uma vida além da morte. Mas como será essa vida foi simplesmente deixado na obscuridade.

Aqueles que emigram de um país para outro hão de querer certamente saber o máximo possível sobre as condições e o modo de vida na sua futura pátria antes de fazerem a viagem. Portanto, tentar aprender o máximo que pudermos sobre a próxima esfera de vida, para a qual todos terão eventualmente de “emigrar”, é não só sensato mas extremamente importante. A maravilhosa oportunidade que nos foi dada através de Lilian Bailey abriu todo um novo horizonte de compreensão pelo conhecimento daqueles que vinham falar connosco.

Para começar, temos a descrição de Bill Wootton sobre o que acontece no momento da morte:

“Imediatamente o cordão de vida é cortado, como acontece naturalmente no momento da morte — é como uma corda a partir-se onde está gasta —, o corpo físico fica tal e qual um velho caixão. Não há nada ali e o *rigor mortis* instala-se. Mas a alma, por essa altura, já

está longe antes que o corpo possa enrijecer. Portanto, qualquer coisa que aconteça ao corpo físico depois de o cordão ser cortado não pode tocar a alma. A menos que uma alma esteja muito ansiosa por se ver arranjada e num funeral espetacular, não volta. Não quer ser incomodada. Alguns nem sequer estão conscientes de nada. Alguns jovens pilotos que foram mortos na guerra, cujos aviões se despenharam e se incendiaram ou foram despedaçados, não foram feridos espiritualmente — as suas almas estavam longe.

O corpo físico é apenas o caixão do verdadeiro homem ou mulher. Essa realidade é objetivamente forte e inteira no nosso mundo. Se um homem tivesse perdido as pernas, os braços e os olhos, assim que o ser espiritual chega ao nosso lado da vida fica completamente inteiro. Perdeu o seu velho sobretudo. Se desses o teu casaco velho para uma quermesse, não haverias de querer andar atrás dele para ver quem o traz vestido.”

O Bill Wootton deu *ao* Stuart um relato das experiências da alma imediatamente após a morte:

“Tens a consciência de deixar o corpo físico — este é um acontecimento maravilhoso — se a pessoa partir de forma natural. Simplesmente te encontras, por um momento, muito bem, muito exultante. Mas o teu grau de compreensão espiritual determina se ficas imediatamente consciente de onde estás.

As pessoas comuns não ficam realmente conscientes de imediato de terem despertado no mundo espiritual. São habitualmente recebidas ou até carregadas — de acordo com a força do espírito, não do corpo — para a casa de repouso preparada para elas e adequada à sua compreensão espiritual. Podem ficar lá algumas horas, um dia ou uma semana — novamente de acordo com o seu crescimento e compreensão espiritual — para que não haja choque para a alma.

Penso, por exemplo, que quando eventualmente chegares aqui, ficarás imediatamente ciente do facto de que a tua mãe, o teu pai e os teus guias estão ao teu lado. Haverá um reencontro hilariante.

Por essa altura, a tua alma, recém-chegada e recém-nascida, estará um pouco cansada. Serás levado para longe. Quando digo ‘levado’, provavelmente levarás apenas um segundo a chegar onde vais com o tipo de transporte ao teu dispor, e permanecerás lá por um tempo cercado de grande beleza.

Algumas pessoas encontrar-se-ão em circunstâncias muito cinzentas. Estarão cientes de pássaros a cantar mesmo na monotonia das secções difíceis da vida. Há beleza ao redor, mas muitas vezes não têm olhos para a ver. É tudo uma questão de riqueza e compreensão espiritual. Podes ser muito pobre e, no entanto, quando vens para o nosso mundo, seres generosamente rico em riqueza e força espiritual. O bem-estar material não tem nada a ver com isto. Tem tudo a ver com o teu crescimento espiritual. É estares em união com o Criador, não de forma beatífica, mas sabendo na tua alma que ‘O meu Pai e eu somos um.’ É a comunhão que traz o poder imediatamente após a morte.”

* * *

As descrições lúgubres do “Dia do Juízo Final” devem ter lançado o medo nos corações de muitos ao longo dos tempos. A terrível doutrina de que apenas os bons vão para o céu e o resto é condenado, sem esperança de redenção, às profundezas do inferno, obviamente nada fez para mitigar esses medos. Ninguém é perfeito neste mundo. Imaginar que nos tornamos subitamente a essência da perfeição assim que o deixamos é inconcebível para qualquer mente discernente. Está totalmente em desacordo com as palavras de aviso dadas por São Paulo: “Porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.” Tenho de agradecer ao Bill Wootton por clarificar e explicar o significado deste chamado “Dia do Juízo Final”:

“Quando passas para o Lado de Lá, há uma tal receção, não importa quem sejas ou o que tenhas sido. Ao início há este acolhimento tremendo, o desejo caloroso, pois sentes que é simplesmente maravilhoso voltar a casa, por assim dizer.

Mas temo que sejamos todos imperfeitos e estejamos destinados a ter feito algumas coisas erradas. Não mudamos de um dia para o outro e nos tornamos todos santos. Aqueles como tu, que abriram a porta à compreensão de que a vida é real, veem-se como são. Condenas-te a ti próprio. Esse é o teu Dia do Juízo, mas é pessoal. Tu és o teu próprio juiz e júri.

Não há ninguém sentado em majestade terrível a pesar isto por um lado e aquilo por outro. Quando estás fora do corpo físico, com o seu cérebro limitador e cinco sentidos, tens um horizonte maior de pensamento que é imediatamente estimulado pelo conhecimento de que estás vivo. Mas vês com uma clareza terrível a pequenez do que eras, contudo, de alguma forma tens um sentimento imenso de ser mais poderoso. A primeira coisa que queres fazer é tentar retificar algumas coisas em que decididamente fizeste asneira.

Por isso esforças-te, com a ajuda de muitos por aqui — os teus guias, inspiradores e amigos que conhecem todas as dificuldades —, por absolver absolutamente a tua alma dessas coisas. Eles trazem-te de volta às condições da terra. Aqui tentas inspirar ou ajudar onde deixaste algumas coisas por fazer. Muitas vezes somos todos propensos a ver estas coisas como maiores do que realmente eram.

É a tua própria condenação que te ajuda a sair do fosso que cavaste para ti próprio na terra. Uma das razões pelas quais queremos derrubar a ‘muralha’ entre o vosso mundo e o nosso é para vos dizer: ‘Olha, não sejas um perfeito tolo porque vais ter de viver com isso algum tempo. Não tentes subir para as costas de alguém para chegar a algum lado, porque um dia vais ter de colher o resultado disso.’

Quanto mais puderes fazer na terra para superar as tuas dificuldades, melhor será para ti. Tens dificuldades com um propósito. A terra é uma escola, mas és ajudado em cada passo do caminho.”

“Algumas pessoas, contudo, permanecem aqui num estado de não querer saber durante muitos anos. Eventualmente, sentem que querem erguer-se acima da sua condição presente. As pessoas que são más e perversas têm de sofrer os tormentos da sua consciência. Mas a porta

está aberta a todos para trazerem benefício onde outrora tinham causado infelicidade ou até miséria. Aqueles que tentaram, e por vezes fizeram asneira, estão cheios de remorsos, mas pelo menos podem ser ajudados a superá-lo.

Quando as pessoas são fanaticamente intolerantes, não conseguimos aproximar-nos o suficiente para fazer o que quer que seja. Se as suas portas estão trancadas a sete chaves, de nada serve tentar esmurrá-las. Pessoas intolerantes vêm ter connosco e continuam à procura das ‘Portas de Pérola’ durante cinquenta anos. Há igrejas aqui onde os seus frequentadores continuam muitíssimo imersos na religião ortodoxa tal como a conheciam.

Alguns nem sequer sabem que partiram. Simplesmente não conseguem ser alcançados por aqueles de nós que os tentam ajudar. Por isso, continuam a ir a igrejas que criaram para si próprios através dos seus pensamentos. Repetem as mesmas práticas que faziam na terra. Há clérigos que continuam à espera de ‘a vinda do Senhor’.

Embora tenham deixado o corpo físico, e saibam que vivem de certa forma, estão cegos para a realidade de tudo isto. Às vezes não nos conseguem ver. Tudo o que conseguem fazer é rezar, ir à igreja e pedir ajuda. Isto eles conseguirão assim que estejam prontos. Pode levar meses ou anos, mas eventualmente os seus olhos abrem-se para a realidade.”

O Dr. Tom acrescentou à nossa compreensão ao descrever as suas experiências ao chegar ao mundo espiritual:

“A primeira coisa de que me lembro foi a imensa exultação de um corpo que era forte, vibrante e cheio de energia. Fiquei espantado porque eu era um velho. Tinha-me sentido realmente muito debilitado em direção ao fim dos meus dias na terra. Lembro-me de pensar que devia estar a sonhar. Depois vi a minha mãe, uma alma de aspeto jovem e belo, a vir ao meu encontro. Pensei: ‘Valha-me Deus, a última vez que a vi ela estava tão velha.’ Ela disse: ‘Tommy, é bom ter-te cá.’ Depois contou-me que era um facto que eu tinha morrido. Fiquei espantado.

Na plenitude do tempo, vi muito claramente o Tommy que tinha sido. A pessoa volta atrás e observa tudo o que fez para se esforçar. Fiquei feliz, naquele momento de reconhecimento, por ter-me esforçado. Percebi que, se soubesse apenas um pouco mais sobre vir para aqui, teria provavelmente produzido um quadro melhor para mim próprio. Foi um pensamento desconfortável o de que eu realmente tivera maior oportunidade e capacidade do que as que utilizara.

Depois vi perto de mim um velho compatriota escocês que eu, outrora, julgara ter sido confortavelmente depositado na terra muitos anos antes. Sim, e lembro-me de ele vir ter comigo. Disse: ‘Olá, Doutor, como se está a sentir?’

Disse-lhe: ‘Estava a sentir-me bem ao início, mas agora que me vi, não sei se me sinto tão bem.’ Ele assegurou-me: ‘Isso vai passar. Ao início todos nos sentimos da mesma maneira.’

Ora, ele ajudou-me! Ali estava ele a retribuir o que eu lhe tinha dado. Esta é uma vida maravilhosa. Nunca fazes uma coisa por ninguém que não te seja de alguma forma — embora não partas com essa intenção — retribuída, calcada, sacudida e a transbordar. Percebes que dares de ti, e o desejo de o fazer, trazem um poder acrescido para alcançar justamente isso.

Tu vês-te a ti próprio, mas não há condenação por parte dos outros. Percebes, contudo, que estás limitado. Vi diante de mim uma linda cordilheira com luzes belíssimas sobre ela. Pensei que tinha de ir ali porque, em jovem, era muito aficionado do montanhismo. Achas que consegui chegar sequer à base daquela montanha? Não, não tinha a força nem a riqueza espiritual para o fazer ao início.

Desde então já a escalei muitas vezes — e mais além. Percebes o que quero dizer? Primeiro que tudo tens de te adaptar, mas tu conheces-te a ti próprio. Tentas esconder as tuas pequenas fraquezas na terra; aqui não te podes esconder por trás delas. Muitas pessoas ricas que vêm para cá e que foram muito egoístas — tantas vezes tão preocupadas com o seu poder e glória — descobrem que não têm um farrapo de compreensão espiritual. A pessoa sente tanta pena delas.”

O Dr. Tom também deu uma ilustração da ajuda comunitária que é dada aos “não despertos” quando chegam pela primeira vez ao mundo espiritual:

“Digo sempre que é uma liga de mãos amigas quando precisas de alguma ajuda com almas difíceis que acabaram de vir para cá. Aqueles que sabem muito pouco, e andam aos gritos porque não conseguem perceber onde estão, incluem alguns que estiveram em grande aflição de espírito antes de partirem. Por isso, diz-se-lhes que vieram para casa e todos os seus entes queridos são trazidos até eles.

Depois, de repente, ouve-os a soltar gargalhadas com alguém que já não viam há quarenta ou cinquenta anos. Dizem: ‘Bem, valha-me a minha alma. Quem diria ver-te outra vez. Eu pensava que tinhas morrido há muito tempo.’ ‘Pois, bem, eu morri e tu também.’ ‘Oh, não sejas totó, homem’ — ou algo do género. ‘Eu estou vivo e aqui estou eu a falar contigo.’ Não percebem que partiram. E é uma festa invulgar até que os possas ajudar a compreender que a vida é eterna e a morte não é o fim.”

2

Uma das primeiras coisas que o meu pai fez quando teve a oportunidade de falar comigo foi certificar-se de que eu percebia que ele continuava a ser uma pessoa muito real; o mesmo pai que eu conhecera e amara na terra, com a mesma personalidade calorosa, ainda capaz de expressar todas as emoções humanas, e não apenas um ser nebuloso a flutuar em vestes diáfanas:

“Lembra-te de que eu ainda vivo. Quero mesmo que saibas quão real a vida é. A pessoa despoja-se do velho corpo apenas para encontrar um novo quase perfeito por baixo. É real e sólido, mas com maior capacidade do que o antigo.”

Para nos dar uma apreciação mais plena do corpo espiritual e de como funciona, o Bill Wootton explicou:

“Temos um corpo que é idêntico ao vosso físico, mas é mais forte, mais resiliente e, felizmente, razoavelmente saudável, a menos

que a mente não esteja saudável. Podemos falar e aprender. Não caminhamos sempre como vós, embora o possamos fazer. Mas parecemos ser capazes, por um processo da mente, de chegar a um sítio como a Austrália em cerca de um segundo. Tudo depende de quanta força ou riqueza mental possuis.

Não temos um corpo que queira gananciosamente algo para manter a corrente sanguínea a funcionar. Temos uma mente que parece manter todos os órgãos do corpo espiritual em perfeita harmonia. A parte maravilhosa disso é que não temos fome como vós tendes na terra. Absorvemos as coisas em vez de as comer pela boca. Somos alimentados quase pela nossa mente.

Assim que as almas vêm para o nosso lado, se têm sequer consciência da vida espiritual, parecem reagir muito rapidamente. Uma mãe muitas vezes prepara mentalmente — mas é criado — aquilo de que o filho ou a filha provavelmente teriam gostado mais de tudo. Não significa nada para a nova alma; ela não o quer. Talvez veja subitamente algo como morangos suculentos. Há todo o tipo de frutos, a maioria de uma variedade que nunca vistes. Mas não os fervemos, não os cozinhamos nem os comemos; absorvemo-los. Assim, a mente é alimentada e o corpo funciona com facilidade.

Podemos ir a caminhar com alguém que veio recentemente para o nosso lado. Subitamente, ele será atraído talvez por uma linda árvore pequenina que está carregada de frutos. Pode não ser nenhum tipo de fruto que ele conheça, porque na verdade é algo necessário apenas para a sua alma. Ele dirige-se a ela, com quem quer que esteja encarregue dele, e diz: ‘Não é lindo? Que belo fruto! Posso comê-lo?’

‘Claro,’ diz a pessoa. ‘Qualquer coisa que aqui vejas é tua.’ Ele dá-lhe uma trinca. Não há muito sabor através da boca. Mas, de repente, ele absorve a beleza de toda a coisa e anda a ser alimentado por ela. Conforme ele percebe o sabor requintado da sua ingestão mental, assim vês o fruto a desaparecer da árvore. Ele absorveu-o. Está saciado.”

Pelo que o Bill Wootton tinha dito, era claro que o poder criativo da mente é muito maior no mundo espiritual do que é aqui. Quando questionado sobre isto, ele disse-nos:

“A mente consciente, a mente da alma, é tremenda. Não há dúvida de que o homem é um instrumento maravilhoso de Deus, mas está terrivelmente limitado com um pequeno cérebro terreno e apenas cinco sentidos. É por isso que os vossos guias despertam apenas certos lados do vosso cérebro de cada vez. Ele não conseguiria absorver todas as coisas. Ficarias com indigestão mental ou febre cerebral.

Depois deixas o corpo físico e vens para um modo de vida que tem, talvez, trinta sentidos — talvez mais. Tens conhecimento de toda a espécie de línguas. Tens uma mente que te leva para outras esferas a partir das quais podes, pela tua capacidade criativa, esculpir para ti próprio coisas maiores do que alguma vez conheceste na terra. Crias lares — és o teu próprio arquiteto.

De uma forma menor, és um ser criativo aqui na terra. Criaste tudo a partir de um planeta que estava nu há uns milhões de anos. A tudo o que hoje se chama mobiliário, automóveis, roupas, etc., o homem deu forma a partir de um planeta que não tinha nada. Crias os da tua própria espécie na terra, mas não há procriação no nosso lado da vida.

Por isso, quando passas para outra fase de vida, para outra dimensão, não há necessidade de perderes os teus dons criativos. Apenas tens maior potencial para eles. Conheci um homem recentemente que tinha acabado de vir para cá e que costumava ser um grande tintureiro de cores. Ele adorava tingir cores para vestuário especial de senhoras, cortinas e tecidos.

Era um bom homem, que tinha um poder espiritual maravilhoso, mas não percebia que o podia usar aqui. Lembro-me de ele me dizer: ‘Agradeço-te a tua ajuda. Tingi algumas cores lindas na terra, mas há muito maior beleza nas cores aqui do que a que eu alguma vez poderia ter produzido.’ Por isso eu disse: ‘Não perdeste a arte ou os dons que

tinhas. Devias usá-los para emular a radiância das próprias cores que vês aqui.’ Então ele pôs mãos à obra.”

* * *

Tinha lido uma série de teorias diferentes relativamente às esferas ou planos separados para onde uma alma poderia ir após deixar esta vida, todas as quais eu achava extremamente confusas. Por isso, pediu-se novamente ao Bill Wootton que explicasse:

“Não vivemos em planos pequenos e isolados, tal como vós não viveis apenas num distrito. Podes ir para o vizinho com toda a liberdade. Como sabes, alguns desses distritos são muito rurais e têm dialetos diferentes do teu — muito difíceis de apreciar, talvez, a partir do teu ângulo mais sofisticado. Isso é muito parecido com o nosso mundo, mas a diferença não é uma sofisticação ou sotaque que interesse. É a tua riqueza e compreensão espiritual.

Algumas das atmosferas dos cumprimentos de onda ou vibrações de vida mais rápidos — isto é tudo jargão que usamos para vos ajudar a compreender — poderiam estar demasiado desalinhadas com aquilo que querias quando vens pela primeira vez para o nosso lado. Aqueles que pertencem lá, e que te amam, poderiam levar-te, se quisesses, por um bocadinho, mas não poderias ficar lá porque não estarias totalmente pronto para isso. Poderias achar extremamente difícil ficar no Palácio de Buckingham ou em Clarence House e sentir-te completamente em casa.

Mas nós, que somos guias, permanecemos com muita frequência por longos períodos de tempo no plano que interpenetra o vosso mundo para estarmos convosco, embora nos possamos misturar com todos. É como o teu guia, Hamed. Ele pode ir ao fundo, chegar ao topo e estar em casa em todo o lado. Vivemos de uma forma natural.

Há edifícios belissimamente criados. Há as flores e casas mais espantosas criadas pelo homem. Também há institutos para almas que estão um pouco perdidas ou solitárias até chegarem à fase em que se podem misturar com todos. Há todas essas coisas, mas não temos de pagar para ser membros.

Temos de pensar: ‘Vou levar o Fulano ou a Fulana ali e ver o que ele ou ela acham daquilo, pois poderá ajudar.’

A menos que ajude, não vale a pena fazer-se. Mas as pessoas nunca estão isoladas, tal como uma pessoa que viva em Londres não está dos seus semelhantes, exceto por opção própria. A Rainha vive no seu palácio; há pessoas ricas em grandes casarões; alguns habitam em apartamentos; mas todos vivem em Londres.

Nunca perdes a personalidade que és TU. Gostas que a tua casa seja atraente e de estar na companhia de pessoas que amas. Esse é o teu modo de vida que continuará quando vieres para o nosso lado. Mas terás uma liberdade de exploração; podes estender os braços para investigar qualquer tipo de assunto que a tua alma deseje. Podes ser levado por aqueles que amas e que te inspiram — aqueles que conhecestes e até outros que são desconhecidos — a templos maiores de aprendizagem, de música ou de cura. Estes estão abertos a todas as pessoas cujas mentes estejam prontas para os receber.

Mas se estivesses limitado a uma habitação num bairro de lata quando vens para o nosso lado porque te deleitavas a viver nesse tipo de lugar, ou se não tens desejo de estar em mais lado nenhum senão numa pequena cabana com rosas ao redor da porta — e é a isso que chamas céu —, então ficas lá por cem, quinhentos ou mil anos, se o quiseres fazer. Dentro de ti está o poder de te estenderes mais além. O simples facto de estarem satisfeitas é muitas vezes o céu para algumas pessoas. Contentar-se-iam com ter algo que é o seu pequeno mundo de sonho. Mas chegará o tempo em que as suas almas procurarão ir mais longe, e por isso serão ajudadas na sua aventura de viver.

Não acho que tenha sido muito claro porque o nosso mundo mental é todo ele tão diferente do vosso. Mas nalgum momento, talvez, se tornará mais claro quando tiveres recordações das tuas visitas em estado de sono. Perceberás que o nosso é um mundo real com tudo o que tendes no vosso, mas com a exultação acrescida de saber que o ontem, o hoje e o amanhã são realmente todos um, e que a vida é uma grande aventura de explorar, viver e de servir.

O serviço e o amor são as duas grandes leis que permanecem. É tudo o que há de religião — saberes que estás em união com a fonte infinita de toda a vida e que és um fragmento dessa fonte criativa.

Perceberás, como eu percebo agora, que esta pequena vida terrena é importante apenas quanto à forma como te pode conduzir a uma vida mais plena, uma que está além da tua inteligência ou da tua mente sequer compreender vagamente no presente.”

Perguntou-se ao Dr. Tom se uma alma que fosse não esclarecida e vivesse numa vibração muito lenta e baixa conseguia ver aqueles vindos dos comprimentos de onda de vida mais rápidos e elevados:

“Ele pode misturar-se, mas não sabe que andamos por perto. Digamos agora que alguém vem para o nosso lado e já cá está há dez anos. Não tem ambição espiritual. Está perfeitamente feliz. É tudo muito belo. Gosta de ter as suas pantufas calçadas e de se sentar no jardim. Não está interessado no tipo do lado. É como uma couve, de certa forma, mas em arredores belíssimos que ele fez porque foi um bom rapaz. Estou apenas a dar-te uma analogia.

Ele não conseguiria ver muitos de nós porque está completamente feliz e isolado no seu próprio pequeno mundo criado pelas suas vibrações. Nós conseguimos vê-lo. Às vezes somos capazes de o picar com pensamentos. Subitamente, ele verá um de nós. Nós diremos: ‘Como vais passando?’ ‘Oh, bem, maravilhosamente’, responderá ele.

Nós perguntaremos: ‘Tens tenção de ficar aqui pelos próximos cinquenta anos?’ ‘Oh, isto é perfeito para mim’, retorquirá, ‘não me importo.’ Então nós poderemos dizer: ‘Bem, há algo infinitamente melhor fora disto.’

Ora, não é que ele esteja fora de lado nenhum. É tal e qual alguém em Londres a viver num bairro de lata ou num prédio de habitação social e a gostar muito daquilo. Está tudo bem para ele até chegar a onde há um lindo jardim de flores, que fica na mesma cidade, por assim dizer.

As vibrações são algo pessoal para ti. Podes ter um emprego menor ou maior. Podes ter uma casa pobre ou boa. Isso não tem nada a ver com as tuas vibrações. Essas vêm do teu poder interior. Portanto, podes erguer-te acima de qualquer situação, ou podes afundar-te. É a tua força de vontade, que é o grande dom de Deus para o homem. Aqueles que se deleitam em estar numa vibração muito lenta — lenta em vez de baixa — podem ficar lá o tempo que quiserem, ou podem procurar além dos seus arredores limitadores. Quanto mais rápida for a tua vibração, mais trazes para a tua vida e para a dos outros.”

Perguntou-se ao Bill Wootton se conheciam a noite e o dia no mundo espiritual como nós temos na terra:

“Conhecemo-la porque estamos perto de vós, mas o nosso tipo de noite e dia é inteiramente diferente do vosso. Lembra-te de que estamos noutra dimensão de vida. Vós estais, como é óbvio, governados pelo sol em tudo o que fazeis e em cada modo de vida. Nós não somos governados pelo vosso sol, com o resultado de que o nosso modo de vida é completamente diferente.

Há um brilho maravilhoso que traz radiância, calor e conforto a cada alma. Mas não queima: não seca nem murcha qualquer forma de vida como o vosso sol faz. Dá maior afluência espiritual e um sentimento tremendo de comunhão com a fonte criativa de onde todos brotámos.

O tempo, tal como o conheceis, não nos é necessário no mesmo grau em que o tendes. Há escuridão se alguém a quiser. Isto pode parecer-te estranho, mas há certamente lugares escuros e lúgubres se a alma não estiver desperta para a realidade do poder e da força espiritual.”

“As pessoas que vêm para cá e que levaram vidas muito insatisfatórias e estavam felizes com elas — talvez um pouco desarrumadas, desleixadas — fazem esse tipo de morada aqui porque é o tipo de vida que querem. Elas também criam para si próprias uma espécie de ‘serviço de noite e de dia’.

O nosso é um mundo mental, mas é muito difícil descrever a nossa vida, e até o seu padrão. Cada indivíduo tem o seu próprio padrão particular de acordo com a sua riqueza espiritual. No entanto, se alguém quiser uma noite escura, e for esse tipo de pessoa que sente que não conseguiria viver num estado perpétuo de luz, então, através dos seus poderes criativos, que todos os homens têm, pode criar o tipo de lugar em que quer estar.”

3

O Bill Wootton e o Dr. Tom falaram-nos sobre as variadas condições nos reinos espirituais experienciadas pelas almas recém-chegadas, de acordo com os seus graus de esclarecimento ou compreensão. O Bill também se referiu brevemente ao facto de aqueles que tinham levado vidas más terem de sofrer os tormentos da sua consciência. Isto sugeriu-nos que deve haver o que se chama “regiões inferiores”. Sendo esse o caso, queríamos ouvir do Bill como eram elas:

“Vocês têm-nas nessa vossa Londres e algumas pessoas sentem-se felizes por viver nessas condições. Mas quando vêm para o nosso lado, embora vivam nas suas próprias formas individuais que criaram para si próprias, não acho que nenhuma delas seja tão horrível como alguns dos antros de iniquidade que tendes na vossa terra. Há sempre um desejo mental de ver além das fronteiras. Não compreendo como as pessoas podem falar sobre todos estes terríveis ‘planos de forças elementais’, que só poderiam afetar o que é físico se existissem. Deveis perceber que, quando as pessoas vêm para cá, os seus corpos físicos foram-lhes retirados. Além disso, não têm a mesma ganância de obter dinheiro; porque não há dinheiro.

Tenho visto milionários e pessoas com grandes nomes, que tinham riquezas além dos sonhos da avareza, virem para o nosso lado e não terem uma única peça de vestuário para cobrir as suas almas um tanto nuas. Tenho visto essa pessoa incapaz de se afastar muito da miserável habitação que criou para si própria. Nós ajudamo-las a todas, como é óbvio, mas ajudamo-las a ajudarem-se a si próprias.

Não têm poder, não têm riqueza — e não se podem mover. Mas não têm a mesma ganância pelas coisas que tinham na terra. Por isso, para começar, tentam mover-se para fora das suas esferas limitadas, trabalhando com outros de uma forma mais benéfica para si próprias. Depois ganham o desejo de ajudar os outros através daquilo que arrecadaram.

Não há um fechar de portas no nosso lado da vida. A quaisquer que realmente peçam ajuda, esta ser-lhes-á dada. O amor está sempre ali para eles, vindo daqueles que partiram antes. É uma coisa familiar tremenda, também. É como se as pessoas, que alcançaram píncaros de compreensão e grande sabedoria em todos os diferentes mundos de vida que existem, regressassem de bom grado para segurar o ‘filho pródigo’, se quisesdes, e o conduzir de volta ao redil.

Mas se não quiseste saber mais sobre ti próprio ou não tiveste qualquer inclinação espiritual, então tens de aprender da forma mais dura quando vens para cá, e aprender, aprendes mesmo. Está aberto a todas as almas — nenhuma é condenada —, mas elas têm de ver com grande clareza tudo o que fizeram de errado e pecaminoso.”

O problema que se depara a alguém que cometeu suicídio também foi debatido, primeiro pelo Dr. Tom:

“Ora, ele está a agir mal. Terá de viver durante muito tempo com o mesmo problema, sabendo que agiu mal porque não pode escapar da sua vida. Terá de viver aquilo que o seu corpo físico teria tido de suportar. Verá a coisa toda a acontecer. Estará conscientemente a viver com o mesmo problema, embora não haja ninguém a condená-lo e vá haver beleza por todo o lado ao seu redor.

Mas qualquer suicida, mesmo que o seu motivo seja bom — andam muitos a vir para cá assim —, percebe que foi um intruso e que as coisas não estão prontas para ele. É muito difícil dizer-vos quão errado isso é. Ele não pode ir muito longe. Só consegue alcançar uma certa ‘fase de meio caminho’. Os seus entes queridos podem não conseguir chegar até ele — algo parecido com a Muralha de Berlim —, mas apenas acenar com a mão. Repara bem, se ele estiver tão louco

que não saiba nada sobre o assunto, isso é diferente. Mas, apesar de tudo, isso corta-lhe a sua livre capacidade de se mover por aí até ao momento em que teria tido de deixar o seu corpo físico.”

O Bill Wootton tinha isto a dizer sobre os suicidas:

“No essencial, é por isso que vimos. É uma das grandes razões pelas quais as pessoas do nosso mundo têm vindo há séculos, para ajudar o homem a perceber que ele é um ser espiritual aqui e agora. Ele não pode morrer. Não pode deitar a sua vida fora. Não a pode tirar. Não a pode vender. Tem de a viver. Mesmo que tente tirá-la, continua a ser uma realidade, com todas as dores, problemas e misérias que tinha antes de tentar eliminá-los. E há o fardo acrescido de, pecaminosamente, retirar talvez as suas experiências mais ricas, as quais poderão necessitar de sabe Deus quanto tempo para serem reconquistadas.

A vida na terra é muito preciosa porque as suas experiências enriquecem a alma. Não é o que tu tens, ou se és cego, surdo ou mudo, é a forma como a enfrentas. Não é tanto o que fazes; é o motivo que tens para o fazer. E este é o TU que edifica para ti próprio aquilo que, em última análise, quando vens para o nosso lado, te permite não só ajudar-te a ti próprio, mas, acima de tudo, a outros como aqueles que se encontram sem nada.”

* * *

Numerosas pessoas têm testemunhado ver aparições fantasmagóricas e ouvir batidas em móveis, etc. Algumas experimentaram mesmo fenómenos psíquicos de um tipo mais perturbador. Questionado sobre estes, o Bill Wootton explicou:

“Um fantasma é algo em que eu não acredito. Há uma qualidade de alma por trás disso, por isso não é ‘fantasmagórico’, como lhe chamam. Muitas vezes as pessoas dizem que muitos casarões antigos estão assombrados. Houve na Grã-Bretanha, há muito tempo, grande sofrimento e tragédia. Algumas almas não se afastaram dessas condições durante muito tempo. Continuaram a lembrar-se delas, mesmo no meio da sua vida mais plena. Os pensamentos são coisas

vivas. Até o maior edifício do mundo foi primeiro criado por um pensamento na mente de um homem.

No nosso lado da vida há uma força de pensamento mais plena do que no vosso. Algumas pessoas, que sofreram um grande desgosto e estão agora talvez bastante felizes, poderiam estar a pensar em termos muito realistas na tragédia do passado, comparando-a com a beleza de vida que agora veem, e desejando que as pessoas na terra pudessem saber disso. Muitas vezes, os seus pensamentos, ao passarem por todas as experiências da memória, podem trazer àquele lugar uma réplica sombria delas próprias que surge como que de uma forma fantasmagórica. Isso pode acontecer.

Quanto àquilo a que chamais '*poltergeists*'. Tive muito a ver com eles outrora porque estive envolvido numa experiência num antigo castelo na Escócia, onde costumavam acontecer algumas coisas estranhas. Muitas vezes estas ocorrem porque há um jovem, uma rapariga ou um rapaz que é poderosamente psíquico, a viver nas proximidades ou na casa.

Um americano rico, que era unha-de-fome, tinha comprado este castelo. Batia na mulher e era horrível para os filhos. Ele fez realmente uma enorme trapalhada deste antigo castelo. As pessoas que costumavam ser donas dele, e que ainda o amavam, viram tudo isto. Aqueles no nosso lado regressam, de facto, a um lugar que amaram.

Havia poder psíquico com o rapaz que ali vivia. Através deste poder, costumavam edificar algo para afugentar o velho. Começavam um pequeno fogo num tapete a fim de o assustar e depois apagavam-no. Tivemos de lhes dizer para desistirem. Não tocaram no rapaz. Limitaram-se a tentar atirar coisas de um lado para o outro porque não gostavam do homem que estava na sua antiga casa.

Eventualmente, ao impressionar e inspirar este americano para perceber a beleza do lar, toda a sua natureza mudou. Começou a amar o castelo e ficou diferente para com a sua família. Pode acontecer, mas não de qualquer forma violenta que algumas pessoas no nosso lado

arquitetassem se fosse algo que tesourassem acima de tudo e tivessem o poder de regressar e afugentar as pessoas.

Houve outro caso de uma querida e velha alma que tinha um lindo lar. Quando veio para o nosso lado, o seu genro tomou conta dele juntamente com a filha dela. Ele maltratava a filha e tirou-lhe o dinheiro que a velha senhora tinha deixado. Isto continuou por alguns anos.

Ela andava de facto a lamentar-se ao redor daquela casa, tentando fazer com que o homem a visse, percebesse que ela ainda estava viva e não toleraria que ele lhe levasse as coisas todas e o dinheiro. A filha aguentou firme até que um dia a trouxemos a uma sessão como esta, porque um familiar dela tinha vindo, e ela falou com a mãe. A velha senhora tinha estado tão transtornada que vivia verdadeiramente naquele lar. Permitimos-lhe que se fosse embora e ajudámos a que a condição inteira fosse suavizada.

Quem dera que as pessoas percebessem, antes de passarem para o nosso lado, que a vida é uma experiência maravilhosa e que podem fazer mais bem por aqueles na terra expressando-se de forma mais amável, à maneira de irmãos, do que conseguem com qualquer violência despedaçar uma condição que é muito injusta. É na verdade devido à ignorância. Estas pessoas não conseguem fazer mal — não são más —, mas conseguem interferir e assustar aqueles que ficaram para trás, por vezes, se houver poder psíquico suficiente para o fazerem. Não acontece frequentemente, e nós somos capazes de as ajudar. Muitas vezes é apenas a sua forma de tentar voltar para dizer: ‘Olhai, estamos vivos. Por que estais a fazer isto tudo?’ ”

4

O Bill Wootton contou como, durante o sono, eu visitava o mundo espiritual:

“Tu vens cá para o Lado de Lá à noite porque tens o tipo de mente que quer ver, ouvir e compreender. Mas como ainda estás a viver na terra, só podes ir até um certo ponto. O cordão de vida não te deixará ir mais longe. Tens muitas antenas ligadas à mente da tua

alma com as quais és capaz de compreender muito mais do que consegues enquanto estás no teu mundo. Mesmo assim, já te ouvi dizer: ‘Tem sido espantoso, mas não sei se por um lado consigo já apreender isto tudo.’

Há isto quanto a esse assunto. A tua mente subconsciente nunca esquece o que viu ou ouviu enquanto estavas fora do corpo. Muitas vezes, quando vais dormir, o cérebro não consegue registar tudo o que a mente da alma anda a receber. Por isso tens um pesadelo, porque está baralhado. É isso que os pesadelos são. O cérebro está a dizer: ‘Não, não consigo receber.’ Mas o subconsciente quer agarrar-se ao que viu ou ouviu, e tu queres lembrar-te. O que aprendes em estado de sono emerge voluntariamente de outras formas, embora o subconsciente não pudesse libertar tudo o que sabe enquanto ainda faz parte de um ser humano na terra.

Assim que deixas finalmente o corpo — isto é, morres fisicamente —, se fores uma pessoa evoluída, alguém que tentou obter alguma compreensão da vida, todas as faculdades que desenvolveste enquanto vinhas para o nosso lado em estado de sono são-te de grande utilidade. Não é um lugar estranho. Encontras muitos amigos. Conheces o caminho. Preparaste, se quiserdes, através de muitas experiências durante o teu modo de vida na terra, o teu lugar no nosso lado.”

Perguntado se as crianças viajam para os reinos espirituais enquanto dormem, o Bill Wootton disse:

“Muitas vezes brincam ou misturam-se com as fadas das florzinhas, ou criaturinhas assim, que as instruem de uma forma suave e infantil. Mas, novamente, é de acordo com cada criança, com o que ele ou ela fundamentalmente querem alcançar na vida. Àquelas que andam apenas a perguntar-se o que deveriam fazer, são dados meios especiais de obter todo o tipo de ajuda. Há sempre amor, beleza e companheirismo quando vêm para cá. Muitas vezes, uma criança irá com os pais. Se estes estiverem despertos espiritualmente, a criança não é capaz de ir tão longe quanto eles conseguem.”

Quando perguntei ao meu pai se ele tinha uma casa no mundo espiritual, ele disse:

“Sim, e tu estiveste lá comigo. É uma casa a que todos chamamos ‘Casa de Meio Caminho’ porque gostamos, enquanto aqueles que amamos permanecem na terra, de não estar mais longe do que eles conseguem vir. E brilha! Tu dizes que te lembra uma casa de bolo de Natal açucarada porque cintila. Há um belo jardim e os frutos mais maravilhosos — os frutos da vida. Há muitos frutos de que não sabes nada; grandes globos dourados de fruto da vida, tão tentadores para os sequeiros, os ignorantes e os atribulados conforme passam pelo jardim, se os quiseres trazer até lá. Imediatamente correm a comê-lo. Como é óbvio, dá-lhes força. Mas mais tarde não o querem comer. Absorvem a sua beleza; e conforme o fazem, o fruto desaparece e eles ficam revigorados.”

Fiquei extremamente interessada em saber o que o meu pai realmente fazia no mundo espiritual. Perguntei ao Dr. Tom, que respondeu:

“O que faz? Vive. O nosso modo de vida não é como o vosso; é num mundo maior; quanto maior o amor, maior a inspiração. Uma bela casa e um belo jardim o teu pai tem. Flores mais altas do que tu marginam os seus caminhos. Já lá estive. É um lar de beleza e de paz. Quaisquer que precisem da nossa ajuda podem entrar nele. O teu pai não fica lá o tempo todo. Ele viaja pelo teu mundo e por outros.

Ajuda pelo simples facto de ser ele próprio, caminhando especialmente ao longo de uma estrada para auxiliar alguma alma que tenha sido colocada nessa direção para um propósito específico. E poderá dizer: ‘Olá, que belíssimo, belíssimo dia.’ Talvez a pessoa esteja em lágrimas ou solitária. Assim, gradualmente, tudo se resolve. Depois dirá: ‘Oh, bem, deves vir; eu levo-te.’ Talvez esta alma ande à procura dos seus entes queridos. Tudo é propositadamente arranjado.

Porque o teu pai quer servir perto da terra, anda a trabalhar perto das pessoas que vieram para cá nos últimos anos. Algumas são almas perdidas; outras tiveram de submeter-se a muitas experiências para

encontrar o caminho. Ele quer manter-se perto da terra enquanto a sua família lá estiver — como tu farias. Não haverias de querer ir para muito longe. Não estamos sentados em nuvens. Temos casas belíssimas.”

Perguntei ao meu pai: “Divertem-se? Jogam jogos?” Ele explicou:

“O humor é um dos maiores dons de Deus. Divertimo-nos. Temos tudo o que vós tendes, mas de uma forma diferente. Dizer que jogamos futebol é tolice. Esse é o vosso tipo de divertimento. O nosso exercício não é andar aos pontapés a uma bola; é algo mais vigoroso para a alma. O futebol é muito vigoroso para o vosso corpo físico, mas nós não temos esse tipo de corpo. O nosso exercício — é tão difícil de colocar na vossa língua — é muito maior. Por isso, se nos quisermos exercitar, no sentido em que desejamos mover-nos para outro lado, temos de aprender a forma de o fazer. A nossa vida é muito maior.

Lamento que seja tão difícil ajudar-te a compreender. As pessoas não compreendem até virem para cá. Temo que nunca venhas a ter as respostas todas enquanto estiveres na terra. É outra dimensão de vida inteiramente diferente neste próximo plano. Mesmo assim, continuas a lutar para encontrar outras respostas.”

Como a música desempenha um papel tão grande e vital nas nossas vidas na terra, ficámos felizes por aprender através do Dr. Tom como funciona na próxima vida:

“Tem a maior importância — e em toda a vida. No nosso lado há salões e templos de música. Podes estar num lugar lindo e, de repente, os acordes de música mais notavelmente belos chegam até ti vindos de longe. Poderás olhar para o horizonte. Ali, a reluzir, está uma grande e alta torre, toda iluminada. Consegues ouvir a música e, por vezes, as belas vozes a cantar.

A música é uma grande curadora da alma humana. Com isto quero dizer música que tenha melodia e não seja apenas barulho. Às vezes, um barulho pode irritar. É adequado, penso eu, para as condições da juventude de hoje, mas nós estamos a falar de música.

Considera Beethoven, completamente surdo, contudo escreveu a música mais maravilhosa. Porquê?

Tinha vindo especialmente para fazer isso. Estando surdo para as coisas físicas, conseguia receber mais música celestial. As pessoas que têm o maior trabalho para fazer são frequentemente afligidas. Mas as suas almas têm de se erguer acima dessa aflição para o fazerem. Alguns dizem: ‘Oh, não consigo, sou cego’, ou ‘sou surdo’. Assim, o verdadeiro propósito da sua vinda perde-se. Certamente a música está entre as maiores qualidades de cura que o mundo pode conhecer.”

A música do grande compositor Gustav Mahler é amada por muitas pessoas, incluindo a minha família. Ao escutar as suas obras gloriosas, sempre sentimos que tocavam fronteiras além deste mundo, apesar do facto de parecerem ser geralmente consideradas como mero retrato da sua preocupação com a morte. Por isso, pedimos ao Dr. Tom as suas opiniões:

“Acredito que ele estava a tentar interpretar a beleza da vida após a morte. Acho que, muitas vezes, muitas das coisas que aparecem em crónicas e biografias são apenas laivos da verdade dessa pessoa, pelo que ficais com a impressão errada. Todos estes grandes mestres têm sido aquilo a que chamo ‘médiuns’ entre dois mundos de consciência. Alguns captaram a beleza da música do nosso lado. Mas nunca nos vossos instrumentos ela poderá ser tão bela como a música instrumental que se encontra por aqui.”

“Deves lembrar-te: ‘Na casa de meu Pai há muitas moradas’ — muitas esferas de atividade onde, por vezes, a música reina suprema. Ali encontras pessoas que não estão apenas a tocar para se entreterem, mas andam a enviá-la através de retransmissões — quase como a rádio — para dentro das almas daqueles que amam a música por si mesma, esperando com intensidade conseguir traduzi-la para o homem na terra, a fim de que este seja elevado por ela.

O teu corpo físico é um instrumento. No seu interior, quando se lhe permite abrir-se à realidade espiritual, há vibrações a ir e a vir para o centro do seu ‘sistema solar’, tais como a música de esferas mais

elevadas. Isto pode alcançar o homem se ele tiver a capacidade de o receber.

Se ele for um médium, se tiver vindo à terra com esse propósito, pode escrever música sem sequer tocar num instrumento. Pode registar aquilo que anda a receber.”

CAPÍTULO QUATRO

Como a Alma Evolui

1

O Dr. Tom, o Pena Branca e o Bill Wootton deram cada um, em momentos diferentes, o seu relato sobre a evolução da alma. O Dr. Tom disse:

“Se olhares para trás, para o início da terra, as primeiras fases da vida vieram do mar. Há uns milhões de anos, havia animais mamutes em abundância onde andas a caminhar hoje. Mas estes animais acharam demasiado difícil encontrar alimento suficiente nas condições terrenas daquela época, pelo que se extinguiram gradualmente. Mas deles surgiu outra forma de vida.

Eventualmente surgiu algo mais parecido com um símio ou um macaco, as primeiras fases daquilo a que chamas homem. Outro milhão de anos e surgiu o homem das cavernas, metade homem, metade animal, feio. Mas porque a sua consciência criou nele o desejo de ser mais belo do que era, com os seus pensamentos, que são vivos e poderosos, ele criou uma imagem visionária. Desenvolveu-se, em talvez mais uns milhares de anos, uma forma de vida que tinha muito melhor aspeto, e caminhava de um lado para o outro e tentava adornar-se vestindo-se, etc.

Depois o homem ensinou-se a si próprio a falar para poder chamar os outros. Tudo isto levou milhões de anos. Aqueles que eram destros formaram línguas e sons que atraíam os outros. Em última análise, tornaram-se as pessoas que ensinaram os menores a progredir

no modo de vida. Conforme o homem crescia no seu desejo de pensar e de falar, assim construía imagens. Fazia um deus — um de aspeto muito feio —, mas adorava-o. Ele realmente tinha mais fé numa pedra do que muitas pessoas hoje têm naquilo que pensam que Deus é.

Isso para mim é como nasceu esta fase particular da civilização, mas não foi a primeira. Esta teve de ser ajudada durante milhões de anos, por aqueles vindos de fontes mais espirituais noutros mundos, para construir gradualmente aquilo a que chamamos civilização, mas a que nós chamamos evolução parcial.”

O Pena Branca disse-nos:

“Este planeta da terra, há milhões e milhões de anos, era maioritariamente água. Das águas, a força da vida, que está em tudo, emergiu como grandes animais, criaturas enormes e pesadas. Vieram para a terra firme. Toda a espécie de criaturas hoje desconhecidas nasceram na terra. Eram todas grotescas porque tinham de encontrar formas de se moldar. Estes animais gigantescos sabiam que eram demasiado pesados. Vês como Deus, ou a força da vida, se move por este modo misterioso para doutrinar no maior e no mais pequeno animal que este se deve ajustar ao seu ambiente.

Lentamente, após milhares de anos, emergiu o que parecia um homem — todo cheio de pelos — e ele não conseguia falar. Não tinha língua, apenas sons engraçados. Nas suas primeiras fases, o homem era muito grotesco, mais parecido com o macaco gigante, mas tinha uma mente. Depois, as canas que balançavam ao vento junto às águas faziam estranhos ruídos de assobio e ele imitava-as. Gradualmente criou sons que faziam uma espécie de discurso para os seus semelhantes. Dos sinais passaram a fazer sons. Depois fizeram dos sons uma língua.

A língua que falas agora é muito diferente. Se voltasses uns milhares de anos atrás, não compreenderias o que as pessoas diziam na altura, nem o que escreviam, se é que sabiam escrever. Mas se voltasses milhões de anos atrás, ouvirias os primeiros grunhidos da linguagem. Conforme a terra era povoada, assim eles criavam as suas

próprias formas de se expressarem. Depois, à medida que evoluíam, queriam construir algo. Assim, com as pedras que encontravam e afiavam, cortavam árvores e amarravam-nas umas às outras. O homem não tinha nada há um milhão de anos. Ele fez na terra tudo o que vês hoje.

Acredito que tenha levado provavelmente milhões de anos para uma alma passar por cada fase de vida, mineral, vegetal e animal, até à forma humana. Aqui na terra é uma das primeiras vezes que uma alma tem consciência humana. Com isto quero dizer aqueles que estão naquilo a que chamas países ‘atrasados’ e vivem mais como animais. Evoluíram através de todas as fases de vida até ficarem enriquecidos ao nascerem numa primeira fase de consciência humana. Aqui a alma expandiu-se e cresceu tanto que parte agora na sua viagem de jardim de infância para ajudar o homem a perceber que tem livre-arbítrio e a capacidade de se erguer ou, se preferir, de se afundar de volta na selva de onde veio.”

O Bill Wootton disse-nos:

“Há muitas discrepâncias nos dados históricos que encontras na Bíblia. Foi escrita muitos séculos após certas coisas terem acontecido. A crença mística de que o homem veio primeiro, que a mulher fazia parte das suas costelas e que a vida lhe foi soprada — NÃO. Se tens de dissecar isso, então tens de dissecar a natureza. Em cada fase sei que Deus está na natureza. ‘Na casa de meu Pai há muitas moradas’ — muitas esferas e muitas formas de vida. Esta fase da terra é apenas um começo.

O homem originalmente emergiu do mar e teve de evoluir através de cada esfera de vida. Tinha levado talvez um milhão de anos para alcançar a consciência humana. As primeiras fases da evolução mostram-no. Se visses os embriões de um ser humano e de um peixe — não importa que tipo de peixe — nas suas primeiras fases, não serias capaz de distinguir um do outro.

Este pequeno planeta terra era originalmente parte de uma estrela cadente causada por uma rutura algures no espaço sideral há biliões de

anos. A terra firme foi projetada por muitos sismos. Do mar emergiram todas as formas de vida, formas gigantescas e horrorosas que desovavam apenas para morrer. Mas sempre teve de haver, senão ter-se-iam extinto e tornado em nada, os sexos, feminino e masculino. Assim deve continuar a ser para o mundo prosseguir. É aí que acho que Deus é tão majestoso. Depois, gradualmente, as suas formas mudaram e eles tornaram-se mais capazes de habitar a terra. O ponto central é que sempre houve naturalmente, mesmo nas flores, o masculino e o feminino.

Acho que tivemos de passar por cada fase de vida para alcançar o estágio humano de consciência. Podemos ter sido uma ave. Podemos ter sido um animal, talvez numa altura feroz e noutra altura manso. Acho que a teoria de Darwin de que o homem fazia parte da família dos macacos não é mais importante do que o facto de fazer parte da família dos peixes. Darwin, na minha estimativa, tinha a realidade, mas não foi suficientemente longe com ela. Acredito que poderíamos inclusive ter sido uma couve, uma cenoura ou uma cebola. Penso decididamente que evoluímos através do reino mineral também.

Gradualmente as formas de vida têm evoluído. Não foi por acidente que a terra teve de estar aqui. Eu diria que fomos possivelmente tudo no nosso tempo. É por isso que não consigo pensar que ser vegetariano seja necessariamente uma coisa boa. Dir-te-ei porquê. Cada forma de vida vive de outra forma de vida. Nós, nalgum momento, demos alimento e vestuário a outros. Provavelmente, algures, demos a nossa pele para envolver alguém para trazer calor. O nosso corpo alimentou algo.

Esta é uma vida de serviço que a vida presta à vida. Até um vegetal dá vida a outrem ou volta para a terra para enriquecer o solo. É o mesmo com as árvores, as flores, tudo — prestando serviço à humanidade e, eventualmente, voltando para o reservatório da vida para emergir novamente em forma e configuração. Não há como fugir a isso; as plantas, as flores e tudo o que vive são formas de vida que têm de evoluir para estádios mais elevados. Eventualmente chegam ao estágio da teoria de Darwin — o macaco. Essa é uma forma de

evolução que anda a aproximar a alma de ser um homem, mas não tem a consciência.

Tem de haver um crescimento gradual da consciência através de fases posteriores. Mas para chegar ao nosso estágio de vida, foram precisos anos de mais evolução. É por isso que alguns estão em tais estádios de ser, bem, não maus, mas tão parecidos com animais. Acredito que muitos dos aborígenes, ou os encolhedores de cabeças do Amazonas, são ainda o ‘novo nascimento’ saído, talvez, até de macacos ou de flores — em qualquer que tenha sido o estágio de evolução em que estiveram para chegar à consciência humana. É por isso que é necessário que os mais velhos regressem para tentar ajudá-los a perceber que são seres espirituais.

E é assim que as coisas são. Quietamente, em perfeita fé, sabe que há uma bondade, uma maravilhosa bondade viva chamada Deus, que sabe de ti e de cada pardal que cai, porque esse poder está na vida do pardal. É tão simples. A mais pequena mosca tem vida — algo de Deus. Algumas eu costumava detestar intensamente quando se punham na comida, mas elas têm as suas necessidades. São formas de vida e evoluirão gradualmente. Outrora podemos ter sido uma mosca. Como sabemos?”

* * *

Três perguntas adicionais sobre a evolução foram colocadas ao Bill Wootton. A primeira dizia respeito ao progresso da alma de uma criança que nasce morta. Ele respondeu:

“Se a vida é concebida por um dia, mas não chega a dar fruto de forma alguma, nem mesmo nascendo morta, essa alma particular, que se ligou a um determinado corpo ou ovo fertilizado, necessitou até dessa réstia de experiência. Mas tentará novamente. Uma criança nado-morta teve pelo menos a experiência de chegar muito perto de ser um homem ou uma mulher terrena. Isto era tudo o que era necessário naquela altura para aquela alma em particular.

Tudo é natural. Nenhuma semente é alguma vez desperdiçada. Ela voltará a florir — tal como as vossas estações —, nada na

realidade morre alguma vez. O velho corpo morre, mas volta de alguma forma para fertilizar de outra maneira, tal como as folhas nas árvores. Tudo o que vive tem um corpo de alma, por muito jovem que seja. Portanto, com uma criança nado-morta, faz tudo parte de uma experiência necessária à alma nesse estágio de evolução. Após ter partido, crescerá até dar fruto, mas levará muito mais tempo a crescer.

Tenho conhecido crianças espirituais que receberam os seus pais quando estes vieram para cá em estado de sono durante a noite. Contudo, estes pais nunca souberam conscientemente que tinham concebido estas crianças na terra. Mas crianças assim têm frequentemente uma parte a desempenhar, de alguma forma, nesta grande fase da evolução da alma humana.”

Perguntado se tínhamos algum meio de apressar a evolução da alma humana na terra, ele respondeu:

“Claro que sim. Conforme as vossas gerações atuais absorvem gradualmente o conhecimento da sua compreensão espiritual, então os seus descendentes nascem dentro desse conhecimento, tal como tu nasceste dentro do conhecimento dos teus pais. Conforme se cresce nesta fase de vida na terra, anda-se a fazer a preparação para a fase seguinte, ou mundo, se quiseses. Preparação para quê? Para a vida. A terra é simplesmente um lugar de superação, permitindo ao homem compreender através do corpo físico o que é a dor, o que são as dificuldades, e como usar a sua mente para tentar absorver a força do seu espírito mesmo estando encerrado num corpo. Portanto, no decurso da evolução, os vossos bebés por nascer de, talvez, duzentos anos mais à frente, chegarão à vida terrena sabendo aquilo que tu, ou outros como tu, ajudaram os pais deles a absorver.”

A terceira pergunta a que o Bill Wootton respondeu foi se os animais tinham guarda espiritual da alma:

“Os animais estão num estágio de evolução que não os mantém em forma animal para sempre. Mas os humanos podem permanecer como estão por muitos anos, se assim o desejarem. É uma questão de livre-arbítrio. Os animais, especialmente os queridos animais

domésticos a quem se permite viver com aqueles que amam, e de quem recebem amor, voltam para o reservatório animal da vida quando acontece que essas pessoas têm de seguir mais em frente nos reinos espirituais. Os animais são formas de vida que evoluem para formas maiores; estão protegidos. Por aqui há pessoas que adoravam cavalos. Outras adoravam os seus cães, gatos e passarinhos, e têm-nos nas suas casas.

Há também outros que, pelo próprio amor aos animais, têm quintas ou cercados que criaram em terras que lhes foram dadas para o efeito. Há lugares lindíssimos para alguns destes animais que não tinham conhecido o amor terreno. O maior cuidado é-lhes dispensado por amantes de animais que derivam a sua felicidade e amor ao darem tudo o que têm a estes animais, tornando-os quase humanos. Isto, por sua vez, dá-lhes maior velocidade para evoluírem para um estágio de vida mais elevado.

Sim, há um grande cuidado com os animais. Há um grande amor. Mas aqueles como as vacas, que deram o seu melhor e talvez tenham tido boas vidas, vão rapidamente para estes estádios mais elevados de evolução. Enquanto aqueles que têm naturezas ferozes — naturezas perigosas — têm de amadurecer por mais tempo e passar por processos que tragam ao de cima o melhor neles.”

CAPÍTULO CINCO

Encarnação e Reencarnação

1

Os fascinantes temas da encarnação e da reencarnação foram abordados em diferentes momentos. O Dr. Tom explicou o propósito da encarnação e algumas das dificuldades sentidas ao reencarnar:

“Há muitas almas recém-incorporadas na terra, algumas que são mais parecidas com animais do que com homens. Saíram apenas recentemente daquilo a que chamarias a ‘selva da vida’ com um forte desejo de progredir. Por isso, permite-se-lhes, e são ajudadas a encarnar em certos corpos humanos que os grandes senhores do karma estão satisfeitos por ser justamente o de que essas almas necessitam para provar que se conseguem erguer até esse estádio. A alma entra então num embrião humano e a criança nasce.

Ora, muitas vezes essa criança nasce num lar humilde. Mostra imediatamente o seu desejo quase feroz de viver. Por exemplo, descobrirás que a maioria dos rapazes novos são naturalmente marotos. Roubam, atiram pedras, mas alguns são sadicamente marotos. Se isto cresce neles, tornam-se ladrões e vândalos. É porque o ambiente tem sido tal que nunca deu à parte espiritual deles uma oportunidade de ser trazida cá para fora. Esta é a primeira fase da sua encarnação humana na terra.

Assim, os que são como tu são reencarnados. Estás tão cheia de um desejo de dar ajuda e compreensão às almas jovens na terra que voltas a querer auxiliar de alguma forma; e ficas frustrada se não o consegues. Mas primeiro tens de ganhar o teu ‘passo de marinheiro’ no nosso lado. Pode levar vinte e cinco ou cinquenta anos, ou até séculos.

Há realmente tanto que uma alma quer absorver antes de regressar à terra. Descobre, assim que passa para fora do corpo físico, que tem uma capacidade mental maravilhosa para progredir no magnífico mundo mental em que entrou, e no qual pode viver muito feliz. Acho que temos mais humor no nosso mundo do que vós tendes na terra; mais felicidade, mais gargalhadas. Não temos de aturar moralistas beatos ou pessoas desse género. Somos naturais.

Eventualmente essa alma fica cheia de um desejo de voltar para ajudar alguém na terra. Pode ser um trinetto, e ela poderia dizer: ‘Acredito que aquela criança é dotada. Ajuda-me a voltar.’ Então os grandes, que são os mestres da vida, da aprendizagem e da compreensão, começam a processar essa alma de modo a que ela fique limitada em cada campo por um tempo — andam a prepará-la durante cerca de cinco anos para entrar novamente numa célula embrionária para que possa dar àqueles na terra encorajamento, ajuda e uma maior compreensão da vida como ela verdadeiramente é.

Muitas vezes, até esse grande desejo e esforço que foram adiantados falham. Muitos dos que lutam por reencarnar são apanhados no seu ambiente material, especialmente se nasceram numa família rica, a qual tinham pensado que conseguiriam superar e nunca permitir que os arrastasse para baixo. Contudo, muitas vezes sucumbem à boa vida e esquecem todos os impulsos espirituais dentro de si.

Por outro lado, um homem pode casar-se demasiado jovem, ter muitos filhos e ser pobre. Pode talvez levar anos até conseguir meter a ideia na cabeça de que é um ser espiritual que voltou à terra por um propósito. Tenho visto isso acontecer frequentemente. Há um grande arrependimento quando voltam para o nosso lado, mas tentam de novo. É uma coisa voluntária, e a terra não é o único lugar onde o homem pode evoluir.”

Outras razões para reencarnar foram apresentadas por Bill Wootton:

“Há milhões de mundos que são todas as fases da vida, onde há muito mais oportunidade de progredir de uma forma mais plena do que voltando à terra. Mas obviamente que há o apelo para reencarnar se houver na terra alguém que seja muito amado. Grandes elos de amor trazem as pessoas de volta. As almas também escolhem reencarnar a fim de superarem certas coisas que sentem que não realizaram, ou que fizeram erradamente, quando estiveram pela última vez na terra. Querem voltar para ver se conseguem dar algo de vida a este pequeno mundo, o que não conseguiram fazer antes.

Lembra-te, a reencarnação é voluntária. No entanto, uma alma deve ter, de certa forma, merecido o direito de voltar. Se alguém tivesse sido um vilão na terra, teria primeiro de tudo de passar um longo tempo por cá a pagar a sua dívida, provavelmente em serviço ou a ministrar aos outros e também às necessidades da sua própria alma através dos seus esforços. Eventualmente, descobrirá que chegou a um estágio em que quer voltar à terra para ver o que pode fazer para reparar os estragos que anteriormente havia causado. A preparação inicial para a reencarnação está, portanto, na sua própria alma.”

O Bill Wootton descreveu como uma alma realmente encarna num corpo terreno:

“Quando a concepção ocorre, o verdadeiro poder da alma ainda não entrou na forma física da criança no útero. É bem sabido que quando uma mulher está grávida, na fase do meio do caminho ela sente o ‘brotar da vida’. Há vida antes disso, mas não está espiritualmente evoluída. É apenas uma das fases da evolução a preparar um corpo físico no útero para receber a alma. Depois, nesses primeiros quatro meses e meio, a própria alma prepara-se, com toda a ajuda do nosso lado, para entrar na forma física na sua condição de embrião. Dentro do sétimo mês, ela torna-se mais vigorosamente viva.

Estou certo de que, por vezes, um bebé nasce simplesmente para uma alma aprender a preparar-se para voltar à vida terrena, o que nem sempre é fácil, e depois morre ao nascer. A alma tem então de fazer tudo de novo. E é algo que ela luta por fazer. Algumas pessoas dizem:

‘Por que hei de carregar um filho todos esses meses apenas para o perder? Será a vontade de Deus?’ Não é a vontade de Deus que ninguém sofra. Quem dera que os pais da criança soubessem que tinham realizado um ato muito grande por uma alma que desejava reencarnar, e que lhe tinham ensinado as fases elementares de voltar à vida aqui na terra.”

Perguntou-se ao Dr. Tom se temos alguma escolha no que diz respeito a reencarnar:

“Vós tendes de facto a oportunidade de uma escolha de encarnação. Escolheis em grande extensão aqueles que quereis que sejam os vossos pais. Mas se falhar, sabereis talvez que não foi uma escolha muito boa. Eu tinha uma grande admiração pelo povo escocês. Também tinha um elo familiar com o avô desta rapariga (a Lilian Bailey). Ele e eu sentimos que ali na Escócia, naqueles dias, poderia ser o lugar onde eu poderia ajudar.”

Também se lhe perguntou se temos o mesmo tipo de aparência física cada vez que reencarnamos:

“Tendes o mesmo tipo de feições porque és TU. Elas são moldadas sobre o TU que é imortal. Afinal de contas, isto não é a Lil; é uma contraparte física moldada sobre ela para a fazer como é na terra para toda a gente. Mas uma vez descartada, há uma pele jovem e bela e olhos radiantes. Ela sempre foi uma rapariga bonita, alguém que toda a gente amou. É bondosa, e a essência da vida é a bondade — para com os vossos irmãos, para com os animais; para com qualquer alma humana. E isso é amor. E isso é Deus.”

Uma pergunta adicional para o Dr. Tom. Seria necessário que os guias tivessem tido uma encarnação na nacionalidade em que voltam para nós? Ele respondeu:

“Temos de ter tido essa nacionalidade, senão não nos conseguiríamos adaptar a ela. Eu era um escocês velho e gordo, com um bigode ruivo — não sou assim agora —, mas de nada me serve andar por aí como um índio peles-vermelhas! Nem sempre temos de voltar como éramos na nossa última personalidade na terra. Mas

teremos tido de passar por esse modo de vida nalgum momento para podermos mostrar-nos como um ser específico com o tipo de vestes que costumávamos usar.”

O Pena Branca, perguntado sobre se uma alma que encarna tem algum controlo sobre a formação do corpo físico que vai habitar, disse:

“Não, na verdade não. Isso é o que a semente dos pais terrenos e dos seus antepassados cria, de modo que uma alma nem sempre prevê o sofrimento físico pelo qual possa ter de passar. Por outro lado, pode voluntariar-se especialmente para testar a sua força espiritual ao assumir um corpo que esteja de alguma forma incapacitado, como parte de uma experiência necessária para o seu crescimento. Essa alma pode sentir-se tão forte e poderosa através do conhecimento que adquiriu no mundo espiritual que escolherá alegremente um caminho árduo na terra, se o puder fazer.”

* * *

Quando o tema dos abortos foi mencionado *ao* Dr. Tom, ele expressou esta opinião:

“Não é correto que as mulheres façam abortos. Mas, apesar de tudo, é sempre o motivo que conta. Se uma mulher vai passar para uma criança algo que ela não deveria ter, então o aborto seria uma coisa boa para a criança. Se, por outro lado, a mulher ou rapariga vai sofrer por causa dessa criança, então um aborto seria uma coisa boa, também. Poderíeis pensar que com um aborto a alma da fâmula vai ser morta. Mas não vai.

Talvez essa oportunidade de encarnar seja algo que essa alma estendeu as mãos para conseguir, porque há uma data delas que desejam nascer — mais do que as que podem nascer. Mas por trás de tudo há sempre um meio de recompensa que é dado tanto à criança como à mãe, porque ninguém faria um aborto a menos que estivesse em grande aflição de espírito. A recompensa está aberta a todos, e outras oportunidades serão dadas à alma que falhou dessa vez.

É exatamente o mesmo que alguns passarinhos, por exemplo, caírem de um ninho. Há um grande clamor na evolução natural onde a natureza está envolvida. Tudo quer nascer nesta terra para poder prosseguir com aquilo que sabe instintivamente, não intelectualmente, que deve nascer para poder evoluir. Muitos são mortos antes e ao nascer, após terem realmente lutado para meter as suas cabeças à frente de outrem, e falharam de qualquer maneira.

Na natureza — e refiro-me a todos os tipos e variedades dela —, pensa nas flores e nas plantas. Algumas plantas estender-se-ão de uma vala diretamente para outra, para envenenar ou matar outra planta. Porquê? Porque querem toda aquela nesga de terra para se implantarem pelo poder. A natureza é fascinante. Como já disse antes, o homem deve passar por cada forma de vida antes de ter consciência humana; é uma luta pela sobrevivência, não importa o que seja. Se fores uma couve, pressionas e empurras para fora outra couve pequena. Alguém tem sustento a partir dessa couve; ela é de valor para a vida algures. Mas é uma forma de vida pela qual toda a gente tem de passar, animal, vegetal e mineral — certamente —, para ser capaz de manipular o poder terreno que está dentro da consciência e do ser do homem.”

De igual modo, as opiniões do Dr. Tom foram auscultadas sobre os cientistas que fazem experiências para produzir bebés de “proveta”:

“A vida não funciona dessa maneira. Acho que é terrível e uma má coisa de se fazer. Está fora de harmonia com a natureza; e tudo o que é artificial não é divino. Qualquer criança nascida dessa forma vai levar uma vida artificial até um certo ponto. Certamente não acho que nenhuma alma boa, ou até má, entraria alguma vez num corpo humano apenas porque sim.

Sou contra muita da investigação científica no que diz respeito ao nascimento de uma alma humana. Acho que é uma má coisa interferir. Isto não é apenas ser antiquado. A vida é um curso natural de acontecimentos. Até a mais pequenina semente da mais pequena erva daninha é o plano de Deus, não do homem, e a natureza é Deus.”

Não imagino que possam ser muitos os que, acreditando na reencarnação, não se tenham nalgum momento perguntado sobre as suas vidas passadas. Sei que sempre existiram os poucos que tinham o dom de “voltar atrás no tempo” e lembrar-se de incidentes de encarnações anteriores. Mas para a maioria das pessoas o melhor que podem esperar é um raro vislumbre de reconhecimento, ou uma vaga memória de uma vida anterior trazida de um estado de sono. Tinha-nos sido dito que enquanto estamos na terra não nos é permitido ter pleno conhecimento das nossas vidas passadas. Por isso, estávamos interessados em aprender através do Bill Wootton quão cedo após alcançarmos o mundo espiritual nos seria dada esta oportunidade:

“Alguns não a têm durante um tempo considerável. Alguns não estão prontos para saber sequer para onde foram. Sabem que estão num mundo bonito; não têm dores e veem flores lindas. Nem sequer sabem que morreram. Estes são os indivíduos muito ‘desfasados’ que não tiveram conhecimento ou ensinamento religioso, nem nunca quiseram ter nenhum. Leva muito tempo a ajudá-los a compreender onde estão sem entrar no facto de que já estiveram na terra antes. Nada é apressado; tudo muda com a mentalidade e o poder espiritual daquele que vem para o nosso mundo.

Eu não soube durante um bom tempo quando vim para cá pela primeira vez. Estava apenas ansioso por formar um elo com a terra para deixar as pessoas saberem que a morte não é o fim. Queria de uma forma ou de outra confirmar a mensagem de Cristo. Estive tão ocupado a fazer isto durante cerca de vinte anos — a encontrar a Lil, a pô-la de pé e a viajar com ela por todo este país a provar a sobrevivência.”

Uma explicação adicional sobre como acabamos por ver as nossas vidas passadas foi-me dada por alguém no mundo espiritual que nos é muito querido. O seu nome é Helen. Pelo que ela, o meu pai e todo o grupo me contaram, fiquei ciente de que tem existido um elo de afinidade amorosa muito forte entre ela e a minha família ao longo

de muitos milhares de anos. Ela tem permanecido no mundo espiritual há muito tempo a zelar por nós. Foi maravilhoso ter a oportunidade de conversar com ela. Ela disse-me:

“Nós passámos por muitas existências. Não é sensato nem correto queres saber agora quais e onde. Na plenitude do tempo, quando vieres para o nosso lado da vida, tudo te é mostrado. Vês o relacionamento através dos tempos que atrai uma alma humana para outra. Percebes então que experiência maravilhosa é viver na terra, apesar de todas as suas dificuldades e desgostos. É uma experiência que te conduz para a frente e para cima de todas as formas possíveis.

O que sofres na terra é algo que alarga e alarga o teu conhecimento, não só de Deus a expressar-Se através do homem, mas de todas as pequenas coisas que podem acontecer na vida, para que possas, no seu sentido último, ajudar toda a gente que tenha no futuro de passar por esse caminho. Tenho zelado por ti há muitos anos a partir deste lado da vida. Nem sempre tem sido fácil de assistir, pois sofremos com aqueles que amamos na terra enquanto eles andam a passar pelas suas experiências de ensinamento da vida.

Quando vens para cá, não vês todo o teu passado de uma vez. Vês ao de leve. É quase como se visses — ia dizer murais —, mas não me refiro a isso dessa forma. Ora, estamos a falar de algo que não tendes no vosso mundo. Portanto, não podes compreender quando digo que podemos olhar cá para baixo para o mundo de há mil anos, se tivermos uma experiência de alma suficientemente rica. É quase como olhar para um grande espelho onde a vida é encenada toda de novo, embora tenha acontecido há mil anos. Não poderias ter a memória de tudo de uma vez. É uma coisa gradual que acontece quando estás pronta para receber.

É por isso que algumas grandes almas que, talvez há mil ou dois mil anos ou mais, fizeram tanto mal nas suas vidas à família humana, escolhem novamente reencarnar na terra. Depois vêm para cá e veem tudo o que aconteceu e todas as falhas que nelas existiam. Ao verem-se gradualmente desde o início, perdem qualquer sentimento de

arrogância que pudessem ter. Percebem muito claramente tudo o que fizeram de errado. Depois veem a parte seguinte, onde regressaram voluntariamente à terra de novo, e quanto bem realizaram nessa encarnação seguinte.

Cada vez que vens para o nosso mundo podes ficar um século ou dois, e crescer em força espiritual de modo a seres capacitada a regressar à terra para realizar uma determinada tarefa. Mas nenhuma memória do passado te é permitida, pois não deves sentir: ‘Eu fui isto e aquilo’, e assim perder um pouco da beleza da tua humildade.”

PARTE TRÊS

CAPÍTULO SEIS

Jesus de Nazaré

1

“Para mim, ele era uma alma muito real e maravilhosa, e no entanto o mais simples dos homens. A sua simplicidade, e contudo a sua sabedoria, eram o culminar de tudo o que há de belo na vida. Olhar nos seus queridos olhos e ver o seu sorriso era olhar para a maior beleza que o mundo alguma vez conheceu. A segurança do seu amor, e a força duradoura da sua sabedoria, é a estrela à qual há muito tempo amarrei a minha carroça, e ela nunca me falhou.”

Estas palavras foram ditas por Bill Wootton. Desde o início do nosso conhecimento com Lilian Bailey, nunca uma consulta passava sem que ele se referisse de alguma forma a Jesus e aos seus ensinamentos. Era óbvio pelo que dizia, e pelo calor humano e emoção na sua voz, que ele era profundamente devotado ao Nazareno. Conforme o tempo passava, e conforme o escutávamos a falar sobre a vida e os tempos de Jesus, cada um de nós começou a ficar com uma forte impressão de que ele não era meramente um cristão devoto, mas

alguém que devia realmente ter conhecido e estado com Jesus. Eventualmente, e inevitavelmente, chegou o dia em que um de nós ganhou coragem e lhe perguntou diretamente se as nossas impressões estavam corretas. Um dos lados cativantes do caráter de Bill Wootton era uma reticência natural em falar de si próprio. Por isso, foi com alguma hesitação e quase relutância que admitiu ter estado na terra, na Palestina, ao mesmo tempo que Jesus e, tendo-o conhecido, escolhera tornar-se um dos seus seguidores. Começou por dizer:

“Isto veio a público de uma forma que não foi por minha iniciativa. Disse-vos sempre que Cristo era a estrela à qual amarrei a minha carroça. Sim, caminhei um pouco na senda com ele. É por isso que conheço o simples prodígio da sua mediunidade. Conheço a intensidade da sua paixão para ajudar a humanidade a compreender a vida e a sua parte espiritual nela. Mas havia muitos além de mim que caminhavam e falavam com ele; e ele guardava-nos. Passávamos fome com ele, se fosse necessário, tal como ele passava fome connosco.

Havia um judeu na altura, nascido de pais naturais, e chamavam-lhe Jesus. Nasceu para ser o que foi, um salvador da humanidade. Desde os seus primeiros dias foi um vidente com o maior de todos os dons espirituais, e mais sintonizado com tudo o que sabemos de Deus do que talvez qualquer alma que alguma vez tivesse vivido. Mas era um homem. É um mito afirmar que ele nasceu de forma não natural. Dizer que a sua mãe concebeu por causa de um espírito é ridículo. Não pode ser. Deve haver a semente terrena.

Ele era o sexto filho de uma família muito amorosa e devota. O seu pai, José, era um homem muito velho quando Jesus nasceu e faleceu pouco tempo depois. É por isso que não ouvis falar muito dele. José, dotado de forma especial, era um homem destro. Jesus ajudou, até ter cerca de dez anos, tal como todas as crianças, na oficina de carpintaria onde faziam coisas — e faziam-nas bem. Um dos seus irmãos mais velhos, Tiago, tornou-se rabino. No Evangelho de Marcos fala-se dos seus irmãos e irmãs.

Jesus não era um homem grande, nem era branco ou preto. Era um mediterrânico oriental. Tinha uma pele castanha-dourada, belos olhos azuis, e para um judeu eram de um azul profundo. Não tinha cabelo preto — mais para uma tonalidade castanha. Quando vedes quadros dele retratado como branco, isso é apenas um símbolo do que as pessoas pensam que ele era. Um homem preto retrata-o como preto. Se alguns tivessem o cristianismo como algo querido na China, retratá-lo-iam como um chinês.

Ele era todas as coisas e todos os tipos de homem; e amava a humanidade. Quando olhava para ti, com a sua serenidade absoluta, sabias que ele tinha aquele conhecimento espiritual que via imediatamente para dentro da tua alma. Tinha uma forma maravilhosa de transmitir amor às pessoas e aos animais. Bastava ele ficar de pé e eles colhiam benefício pelo facto de ele estar no meio deles.

Houve outros grandes médiuns mesmo antes de Jesus. Houve Buda, e muitos outros suponho que no seu tempo. Mas nenhum conseguiu manifestar esta centelha divina, este poder de Cristo, como ele fez. Não vos esqueçais de que a sua família se opôs a tudo o que ele dizia e fazia. E os rabinos também. Nós, os que o conhecíamos, estávamos cientes de que ele expressava Deus. E sabíamos que ele era capaz de se sintonizar com esse grande mundo do espírito.”

“Quando era criança, ele mostrava uma extraordinária percepção da vida. Não há dúvida de que o grande grupo essénio de sábios académicos — os magos que seguiram a estrela eram essénios — acolheu Jesus sob a sua guarda quando este tinha cerca de dez anos, ensinou-o e viajou com ele. Só há um ténue vislumbre disto, creio eu, nos Evangelhos. Chamavam-se essénios porque viam e falavam com os que já tinham partido. É por isso que, em última análise, Jesus foi chamado necromante. Ele falava com os ‘mortos’, o que os judeus odiavam.

Ele subia às montanhas e falava com Eliseu e Elias, que eram os seus guias. Mas nunca se considerava grande. Nem sempre sabia como funcionava a sua maravilhosa mediunidade, porque muitas

vezes era amplamente obscurecido e entrava em transe por ação de Eliseu, Elias e David. Ele dizia muitas coisas sem se dar conta do que eram. Ficava espantado consigo próprio.

É verdade que ele foi para o ‘deserto’ durante um período do seu desenvolvimento. É o que se conhece como os ‘quarenta dias e quarenta noites’, mas durou muito mais do que isso. Foi um período de tentação pessoal. Não foi um deserto físico, mas sim um deserto da mente, onde o homem terreno tentava o homem espiritual; uma coisa muito comum que vós tendes frequentemente experienciado. Tudo o que o homem sofre na terra ele também suportou, senão como iria conhecer a humanidade? Ele conhecia-os; e sabia como as pessoas se sentiam e sofriam.

Não tinha dinheiro; vivia da caridade alheia. Muitas pessoas o ajudavam e lhe davam roupas e comida. Ele não tinha nada. Como o clima era ameno, e muitas vezes muito quente, não precisava de uma morada nem de muito vestuário. Mas dizia sempre que o trabalhador era digno do seu salário. Se as pessoas dão o seu tempo e os seus dons preciosos, então são dignas de uma resposta por parte daqueles que a podem dar. Os seus discípulos também tinham de ser alimentados. Portanto, era assim que viviam. Ele contava com a ajuda e o amor de Maria Madalena. Ela seguia-o para onde quer que ele fosse. Acho que ela foi a única mulher que ele amou acima de todas as outras. Foi com ela que ele falou primeiro após a sua morte — não com a sua mãe ou com os seus amigos.

Depois de eu passar para o ‘Outro Lado’, tive um desejo tremendo, ao longo de muitas fases da vida, de tentar emular de alguma forma o poder de elevação que ele possuía. Eu não o tinha da forma que ele tinha. Sim, conheci-o, e foi o meu desejo regressar e transmitir a sua verdadeira mensagem. Qual era ela?

‘A vida é abundante, imortal, eterna. Quanto mais vos puderdes estender até à sua fonte, maior abundância será vossa.’”

* * *

Embora o Wootton fosse o comentador principal, e tivéssemos recebido a maior parte do nosso ensinamento dele, o Dr. Tom também contribuiu muito para a nossa compreensão. Complementavam-se mútua e maravilhosamente. Ficava-se com a sensação de um grande laço entre eles, que tinha sido forjado através da partilha de muitas experiências de vida. De forma semelhante ao Bill Wootton, a devoção do Dr. Tom a Jesus era bem aparente. Perguntado se estivera na terra com o Bill na Palestina e se também caminhara com Jesus, respondeu simplesmente:

“Com certeza. Somos seguidores dele; sempre fomos. E é a sua história simples sobre a realidade da vida que queremos fazer chegar às pessoas. A simplicidade de tudo isto está em que o homem é um ser espiritual aqui e agora. Dentro dele está o poder para superar todas as coisas. Ele não pode morrer; terá vida em abundância. A Regra de Ouro é que vos ameis uns aos outros. Sede amáveis se não conseguirdes amar; sede compreensivos para com as necessidades alheias.”

2

Já mencionei que houve muitas ocasiões em que o Bill Wootton falou a cada um de nós sobre os vários aspetos de Jesus e do seu trabalho. Reuni estes fragmentos, mas tem sido impossível transformá-los numa narrativa sequencial. No entanto, tentei combiná-los de modo a dar alguma continuidade de sentido à maravilhosa história que nos foi revelada:

“Jesus de Nazaré escolheu os seus discípulos, especialmente o Pedro, pelo seu grande poder psíquico. Havia entre eles pescadores muito pobres e humildes que nem sequer sabiam ler ou escrever. Mas tinham um poder de que Jesus podia valer-se, usar para curar e para criar alguns daqueles a que se chama ‘milagres’. Quando ele ia curar, eles reuniam-se em círculo ao redor dele. Ele rezava e deles extraía esse poder particular de que necessitava para curar e para abençoar.

Era um poder maravilhoso o que possuíam que, quando manifestado, podia criar solidificação na matéria. Por onde quer que

fosse, através deste poder e do seu próprio poder espiritual, Jesus era capaz de realizar as suas obras admiráveis — inclusive transmutar água em vinho. Têm existido médiuns de materialização no vosso mundo que muitas vezes nem sequer sabiam escrever o seu nome. Mas tinham este poder que faz a solidez, o qual é mais fácil para nós, no nosso lado, trabalharmos através dele.

Jesus e os seus discípulos eram um grupo — uma unidade. Muito antes daquele Cenáculo do Pentecostes, já se tinham reunido, em silêncio e muito secretamente por toda a espécie de razões. Em pequenas salas no andar superior — inclusive em palheiros —, escondiam-se e sentavam-se em círculo para reunir a energia. Isto foi feito durante muitos anos. Daí emanou aquele ser grande e maravilhoso chamado Jesus de Nazaré. Destes começos nasceu o Cristianismo. O Cristianismo, tal como Jesus o ensinou, foi difamado, prostituído e transformado em algo que nunca foi.

Jesus não ditava leis à mente do homem. Ele simplesmente e belissimamente dizia: ‘Pai Nosso, todos fazemos parte desse poder do Pai.’ O que podia ele dizer às pessoas que não tinham instrução? Tinham de ter uma figura; tinham de ter um Deus. Jesus tinha essa comunhão com o Pai de Toda a Vida. Tinha uma fé absoluta na força diretora do Pai, essa fonte onnipresente que não é um homem, mas sim um gigantesca força viva, consciente de toda a gente e de tudo, e da qual todos fazemos parte.

Tudo o que Jesus dizia e fazia era porque amava a humanidade. Queria que eles compreendessem o que ele sabia, porque o seu regresso de uma fonte de vida muito grande vinha cheio de conhecimento que queria dar ao homem. Isto não era apenas sobre as coisas terrenas, mas sobre a eternidade da vida, a sua beleza e aventura, se eles conseguissem tão-somente estender os braços para a compreensão de que a vida é algo para se desfrutar.

Queria que o homem compreendesse o seu eu espiritual, que soubesse que ser grande se podia tornar, e que não havia limites para o que podia alcançar. Não tinha mandamentos exceto: ‘Deveis amar-vos

uns aos outros.’ Costumava dizer frequentemente: ‘A amabilidade é a base da vida.’ Essa era a sua mensagem, sem todos os adornos e os aleluias. Jesus não tinha onde reclinar a cabeça. Chegaram a expulsá-lo do Templo. Vivia do grão e do trigo nos campos.

Não tinha outro desejo senão salvar as almas humanas. Ia às estalagens daqueles tempos, se lhes quisermos chamar assim, e falava com aqueles que eram mais parecidos com alcoólicos do que com outra coisa qualquer. Isso ele adorava fazer — e eles seguiam-no. Não falava com eles de forma abstrata ou sob um ponto de vista intelectual. Costumava dizer: ‘A menos que vos torneis como criancinhas, não podereis entrar no reino.’ Por isso falava-lhes como se fossem crianças e, ao mesmo tempo, adultos. Todos o amavam tremendamente pela sua compreensão e amabilidade.

Quando Jesus andava novamente a curar na Galileia, alguém disse que ele era o filho de Deus. Quando a Maria, sua mãe, que era uma judia devota, ouviu isto, disse ao seu irmão mais velho, o Tiago: ‘Ele tem um demónio: devemos ir ter com ele.’ O Tiago, que era rabino, foi com ela muitas vezes para repreender Jesus por causa daquilo que ele tentava pregar. Então partiram e chegaram à Galileia na altura em que Jesus estava na casa de Pedro por uns momentos, e uma multidão se encontrava lá fora à espera de ser curada.

A mãe e o irmão — como vos conta a Bíblia — abriram caminho e pediram que se dissesse a Jesus que eles estavam ali. Então alguém entrou na casa e disse: ‘A tua mãe e o teu irmão estão aqui.’ Qual foi a resposta dele? Ele disse: ‘Quem é a minha mãe; quem são os meus irmãos, a menos que façam a vontade de Deus?’ O que é la vontade de Deus? Fazer aquilo que é o único mandamento que Jesus alguma vez deu: ‘Amai-vos uns aos outros, ajudai-vos uns aos outros.’ Não podia aceitar que a sua mãe e o seu irmão fossem de alguma forma especiais para ele se estavam contra tudo o que ele pregava — como estavam.

Certa vez, quando ele passava pelos degraus de um templo, vimos mendigos num estado terrível a apelar a esmolas. Alguém que ia com ele perguntou: ‘Por que não curas estes?’ Jesus disse: ‘Não são todos

os que dizem “Senhor, Senhor” que podem ser curados.’ Aqueles mendigos estavam inteiramente focados em termos materiais no dinheiro. A sua deformidade era um meio de subsistência para eles. Se ele lhes tivesse retirado a deformidade, poderia tê-los privado disso. Em todo o caso, as suas almas não estavam abertas para receber o tipo de poder dele.

Tem-se dito que Jesus foi um homem de muitos desgostos. Isso é verdade, mas não por causa do que sofreu, com o que não se importava. Ele sentia uma amargura profunda pela miséria abjeta dos outros e pelo que o mundo sofria através da ignorância e da intolerância. Lamentava que os seus discípulos, e aqueles ao seu redor, não compreendessem a sua verdadeira natureza espiritual ou não percebessem totalmente o que ele lhes tentava dizer. Queria que soubessem que eram seres espirituais aqui e agora, e que havia outro mundo, depois outro e outro a seguir a esse, para onde iriam em última análise.

Não os conseguia ajudar verdadeiramente porque eles costumavam dizer: ‘Não nos podes mostrar o Pai?’ Ele dizia: ‘Não podeis acreditar pelo próprio valor das obras?’ Não conseguiam. Queriam ver este rei, este homem com as joias todas, sentado num trono. E queriam que Jesus estivesse nesse trono e eles sentados ao seu redor como senhores da criação. Sei disto: se Jesus conseguisse ajudar apenas uma pessoa a erguer-se dos seus problemas, a sua alegria e satisfação da alma eram tremendas.

Quando Jesus costumava dizer: ‘Tomai sobre vós o meu jugo e ide livres’, não sabiam o que ele queria dizer. Muitas pessoas no nosso lado e no vosso continuam a não compreender. Significa: ‘Aqui estou eu, um homem sem dinheiro ou qualquer meio físico de sustento, contudo com uma fé absoluta e implícita naquilo a que chamamos o Pai da Vida.’ Não tinha nada exceto a sua fé em si próprio como fazendo parte dessa grande fonte criativa que dá vida a tudo. E por essa fé ele superou todas as coisas.

Lembram-se do que Jesus disse sobre os demónios na vara de porcos? Não eram realmente porcos, mas sim pessoas. Os ‘demónios’ eram apenas símbolos dos medos nas suas mentes. Este é um exemplo da simplicidade do seu ensinamento. Ele tentava livrar as pessoas dos seus medos. Explicava tudo o que atormentava aqueles a quem ensinava e que estavam cheios de medo. Era fácil para eles ser ajudados. No fim, quando explicou que toda a ‘vara de porcos’ se precipitou pelo declive abaixo para o mar, queria dizer simbolicamente que as pessoas se despojaram das suas velhas personalidades quando perderam os seus medos. Assumiram novas personalidades, correram colina abaixo e limpavam-se na ‘corrente da vida’.

Agora afastemo-nos da velha crença mística de que Jesus era diferente dos outros homens. Ele diferia apenas na majestade da sua compreensão espiritual. Era um homem real e detestava toda a idolatria. Tinha regressado, como muitos fazem, para tentar ajudar as pessoas daquela época e era a perceberem a grande aventura de viver. Até a sua crucificação foi uma vitória. Tinha reunido massas de pessoas para o ouvirem falar. Tinha contado com o ministério do poder de cura. Tinha ressuscitado até os mortos.

Por isso, a morte para ele não significava realmente nada, e ele sabia-o. A sua última hora foi algo que fez as pessoas perceberem que ser um mensageiro de Deus não significava sempre que tivesses tudo a correr à tua maneira. Foi outra mensagem para a humanidade. Ele sentia isto e estava cheio de agradecimento a Deus por ter sido escolhido para prestar este serviço à humanidade.

O facto de ter morrido numa cruz foi triste e doloroso. Mas sei que ele diria a vós e ao mundo: ‘E quanto àqueles que foram queimados vivos em aviões a tentar defender outros que estavam a ser invadidos? E quanto àqueles que foram queimados em fornos pela ganância e poder de mentes pequenas?’ O sofrimento deles foi intensamente maior do que o dele. Sei verdadeiramente que Jesus se sentiu de facto tão abençoado nos seus sofrimentos que pôde dizer: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.’

Há coisas que têm sido transportadas ao longo de todos estes dois mil anos, e sê-lo-ão por mais milhares de anos. Serão mais bem compreendidas no futuro através do pouco que andamos a tentar fazer hoje, e que será transmitido àqueles que ainda estão por nascer. A sua verdadeira mensagem era a de que a vida é eterna — ‘Vim para que tenhais vida e a tenhais em abundância.’ Andavam aquelas pessoas na terra a tê-la em abundância? Não tinham nada — eram ignorantes. Andam as pessoas do mundo hoje a ter uma vida abundante no sentido mais pleno? Há muitas que andam a ter uma abundância de dinheiro à custa dos outros. Mas a felicidade, no seu sentido mais verdadeiro, vem de dentro, e isto Jesus sabia-o. Quem dera que as pessoas percebessem o que devem ao nascimento e à morte desse único homem.

É a simplicidade de tudo isto. É por isso que estas Estações da Cruz, estes terríveis esforços concentrados são, em meu entender, como tentar colocar-vos numa estufa sobreaquecida e transformar-vos em algo que não sois. Ser natural é o que importa, perceberdes que tu e o teu Pai sois um.

Assim, Jesus foi crucificado. O Pedro tinha-o negado porque estava aterrorizado com a ideia de que ele também ia ser crucificado. Sempre senti pena do Pedro, que era um indivíduo muito excitável mas triste. Teria feito qualquer coisa por Jesus, mas no fim quis salvar a sua própria pele. Mas todos o amávamos. Os discípulos ficaram então apáticos depois de Jesus se ter mostrado a eles. Ele disse: ‘Não me toques’, que é exatamente o que um espírito materializado diria. Ele ter-se-ia simplesmente desvanecido; a materialização é muito difícil a menos que possas ter uma verdadeira solidificação da matéria.

Depois os discípulos regressaram à Galileia. Um dia, desalentados e preguiçosos, andavam a remar no lago. Jesus tinha partido. Pensavam que nenhuma das coisas maravilhosas que ele dissera tinha sido verdade. Tinha sido morto. Sim, tinha regressado, mas... Estavam apáticos no lago. Ali estava o Pedro, com a sua cabeça maciça, tão triste. Subitamente, viram uma grande luz e a figura de Jesus na margem. Ouviram-no chamar: ‘Pedro, Pedro.’ O Pedro saltou

para o lago dominado pela confusão e desesperado porque o tinha negado. Depois, conforme era puxado de volta para o barco, Jesus chamou de novo: ‘Pedro, tu amas-me?’ O Pedro disse: ‘Tu sabes que te amo.’

‘Então vai e alimenta as minhas ovelhas; alimenta os meus cordeiros.’

Jesus disse isto três vezes. O que lhes andava ele a dizer? ‘O que diacho estais aqui a fazer a perder tempo? Saí e ide contar às pessoas.’ Ele queria arrancar o Pedro da agonia da sua alma, da consciência de que o tinha falhado. Jesus não o estava a condenar; mas o Pedro estava a condenar-se a si próprio.

Então o Pedro tornou-se senhor da situação, e novamente o chefe do pequeno grupo de discípulos ativos. Partiram. Todos os rabinos estavam contra eles, particularmente um, Saul de Tarso, que detestava Jesus porque sentia que o poder da sinagoga se estava a ir como resultado do ensinamento deste homem. Os discípulos andavam a ser empurrados para fora de Jerusalém. Saul e os que eram como ele faziam pressão atrás deles.

Um dia, Saul ia num jumento na estrada para Damasco à procura dos discípulos. Subitamente viu Jesus e ouviu-o dizer: ‘Saul, Saul, por que me persegues?’ Saul, atingido pela cegueira, caiu na estrada. Depois, de uma forma maravilhosa, Jesus enviou alguém para ajudar. Ele foi levado para Damasco cego. Ali pareceu ser acolhido por Jesus, que lhe impôs as mãos sobre os olhos; e vejam só, ele tinha visão novamente.

Esse foi o ponto de viragem porque ele percebeu que Jesus tinha razão. Saul, a partir desse momento, tornou-se um verdadeiro seguidor. Teve de deixar a sinagoga e tornou-se fugitivo durante muito tempo. Depois juntou-se aos discípulos. Foi Saul de Tarso quem acabou por se tornar Paulo, mas sempre houve algo de rabino nele. E foi Paulo quem viajou para Roma e criou a Igreja, porque tinha visto, ouvido e sabia que tinha encontrado a verdade. Escreveu nas suas cartas aos Coríntios: ‘Alguns discernem espíritos, alguns falam em

línguas, mas se não tiverdes caridade’ — que é amor — ‘sois como um címbalo que tine’, contudo de nada servia.

Lembro-me sempre de como Jesus caminhava com os seus discípulos — na estrada para Emaús e noutros lugares — e de como falava com eles. Nós amamo-lo. Sinto que isto é algo que ele queria que fizéssemos — fazer as pessoas saber que a vida é uma coisa maravilhosa.”

3

Sei que há muitos que, como nós, sentem há muito que há muito na Bíblia a respeito de Jesus que foi mal interpretado ou mal construído, deixando-nos a perguntar quanto dos Evangelhos revela a verdade, e até se alguns dos acontecimentos descritos tiveram origem em mitos e lendas. As seguintes interpretações e explicações dadas por Bill Wootton e pelo Dr. Tom clarificaram muito do que possa ter parecido confuso para alguns, ou até inaceitável para outros:

O verdadeiro significado por trás do ritual do batismo, praticado pela Igreja Cristã, foi dado por Bill Wootton:

“A Maria, mãe de Jesus, tinha uma irmã, mais velha do que ela, chamada Isabel, que tinha um filho chamado João. O João, quando era um homem relativamente jovem, foi subitamente obscurecido pelo poder do espírito. Ele via e ouvia, porque era um médium. Acho que um dos seus guias espirituais disse que ele devia batizar; devia limpar as pessoas imergindo-as em água. Foi sem dúvida um guia espiritual do Oriente que sentiu que as pessoas não eram lá muito limpas, e que se faria um bom começo dando-lhes uma espécie de banho.

Por isso o João, que se tornou conhecido como João Batista, disse que o Senhor lhe tinha falado; que quando as mulheres judias fossem batizadas seriam limpas e se tornariam virgens.

A Maria concebeu Jesus depois de ser batizada pelo seu sobrinho João, que lhe disse que ela daria à luz um filho que seria um homem maravilhoso. E ela deu, mas foi após a limpeza. É por isso que toda a coisa foi mal interpretada, de que Jesus era o filho de uma virgem.

O batismo não teria feito qualquer diferença. Não é o facto de alguém vos mergulhar na água, ou de um bispo vos impor as mãos na cabeça, que vos torna de algum modo diferentes. Pode dar-vos um incentivo para trabalhades em direção a algo, mas não tem valor real exceto simbolicamente. É ridículo dizer que se uma criança não for batizada não pode ser sepultada em solo sagrado. Esta é uma futilidade que um dia será reconhecida como estando separada da realidade da vida.”

O Dr. Tom dissipou quaisquer dúvidas que pudessem ter existido relativamente à história da estrela de Belém:

“É verdade. Naqueles dias eles guiavam-se pelas estrelas para tudo, pois havia grandes astrólogos que sabiam como interpretar o seu significado. Não vos deveis esquecer de que Jesus nasceu sob o signo dos peixes. Este era um acontecimento que tinha sido previsto por David milhares de anos antes. Essa estrela foi vista por clarividência por aqueles que a seguiram.

Era muito real para eles. Viram-na a inclinar-se sobre o Oriente, o que ela originalmente não fazia, por isso souberam que era a revelação profetizada pelo grande salmista David. Fazia parte de um meteorito que foi feito a partir de uma estrela por poderes maiores do que os que podemos discutir aqui, e que era perceptível para estes homens.

Mas não ajudou à vinda de Jesus. Foi apenas uma indicação de onde ele estava. O país encontrava-se num estado de tragédia; muitos fâmulos andavam a ser mortos, especialmente rapazes, e a sua mãe e o seu pai tinham tido de fugir. Jesus nasceu numa estalagem [estábulo]. Não havia outro lugar para eles. Tinham apenas a manjedoura. Portanto, aqui estava uma estrela especial a mostrar o caminho para essa estalagem.

Depois fugiram para o Egito. O rapaz Jesus, como é óbvio, não foi criado pelos pais. Foi tomado em mãos por um grupo maravilhoso de estudiosos que sabiam que ele tinha vindo para um propósito especial a partir de uma fonte muito grande.”

O Bill Wootton também deu a verdadeira interpretação da Última Ceia:

“Como vos disse, Jesus era um médium. Costumava reunir frequentemente os seus doze discípulos numa sala no andar superior, especialmente no Dia de Pentecostes. Haveria o restolhar de um vento impetuoso e as ‘línguas de fogo’, que todos nós conhecemos que já vimos materializações ou experienciámos a voz direta. Depois, quase todos no círculo sentem que o poder lhes foi retirado e ficam exaustos. Por isso, tomam-se chávenas de chá e um biscoito.

Não havia chávenas de chá nos dias de Jesus, por isso tinham vinho, que era naturalmente o que sempre bebiam — não se podia confiar na água. O vinho era feito de uvas locais e era o que mais importava. Portanto, tinham vinho e pão; era tudo o que tinham.

Naquela noite Jesus sabia que ia morrer. Sabia que tinha inimigos que o queriam exterminar e que a soldadesca andava atrás dele. Os discípulos também sabiam. O Judas, um dos homens que Jesus realmente amava, estava tão teso que aceitou as trinta moedas de prata e tornou-se um traidor — sim, pelo dinheiro.

Conforme andavam a terminar esta sessão, Jesus disse aos discípulos: ‘Ora, quando eu partir, sempre que estiverdes reunidos, quero que tomeis o vinho, o bebais e comais o vosso pão, porque estarei sempre ali para vos abençoar.’ Jesus nunca disse: ‘Este é o meu corpo e o meu sangue’ — pensamento horrível e repugnante.

Lembra-vos de que todas estas coisas foram interpretadas trezentos ou mais anos após a morte de Jesus. Diferentes seitas tentaram colocar a sua própria construção sobre os acontecimentos. Não tendes a tradução verdadeira de tudo o que aconteceu. Agora a Igreja Romana tem um tipo de comunhão diferente da Igreja Protestante, mas andam todos a beber o seu sangue e a comer a sua carne, o que é uma coisa abominável. Na realidade Jesus estava apenas a dizer aos seus discípulos: ‘Onde quer que estejais a comer e a beber, eu estarei ali.’ Ele estava com os seus discípulos; estava com aquelas pobres almas ignorantes que deram tudo o que tinham.

Essa é a verdadeira interpretação da Última Ceia.”

Tanto o Dr. Tom como o Bill Wootton tinham mencionado que Jesus pertencia ao grupo essénio. Ao ser questionado mais detalhadamente quanto à possibilidade de alguma prova material disto vir alguma vez a lume, o Bill Wootton disse:

“Jesus era um essénio. Uma das razões pelas quais foi crucificado foi porque ‘falava com os mortos’. Isto era considerado herético e tudo o que havia de errado pelo judaísmo. Os escritos dos essénios eram feitos em pergaminhos. Estes foram escondidos sob as grutas do rio pelos essénios e pelas pessoas daquela época. Não queriam que a realidade fosse conhecida, porque lhes tinha sido dito por aqueles no nosso lado da vida que não se deviam deixar apagar, senão não haveria ninguém para ensinar os que andavam a chegar.

Alguns destes escritos foram encontrados nos últimos anos. Chamam-lhes ‘os Manuscritos do Mar Morto’. Há neles mais autenticidade sobre o homem Jesus do que alguma vez há nas traduções dos evangelhos, onde há trechos — muito vagos — do que Jesus fez. Os Evangelhos não incluíram a realidade do que ele disse em cada caso, apenas aqui e ali onde convinha ao livro e àqueles que, trezentos e setenta anos após a sua morte, traduziram alguns dos hieróglifos.

Os Manuscritos do Mar Morto andam a ser traduzidos por grandes estudiosos. Deve ser muito difícil ler os textos e hieróglifos de há mais de dois mil anos, mas espero que não tentem traduzi-los para o dogma anglicano ou católico romano. Se forem fiéis ao seu compromisso e traduzirem os manuscritos corretamente, sairá deles uma verdade tremenda sobre o ensinamento de Jesus.

Descobrirão que Jesus era um essénio e o maior médium de todos os tempos entre os dois mundos de consciência. Isto porque o poder do espírito fazia de tal modo parte dele e ele via com uma clareza tão tremenda. Como é óbvio que falava com os ‘mortos’! Falava com Elias e Moisés que estavam ‘mortos’ há milhares de anos. Tinha sido um deles.

Portanto, se a verdade vier ao de cima, descobrirei que Jesus andava a tentar provar ao homem que esta terra é a primeira fase na educação do animal humano, e que a vida é uma coisa muito grande e maravilhosa; que o homem continuará de esfera em esfera; e quando tiver aprendido o suficiente voltará para ensinar os ignorantes. Acho que chegará o tempo — pode levar um par de centenas de anos e vós o vereis do nosso lado — em que aquilo que conheceis do cristianismo ortodoxo desaparecerá.

Embora tenha durado dois mil anos ou mais, e ainda continue a fazê-lo, e em certa medida tenha permitido que a mensagem de Jesus fosse mantida viva para a inspiração e orientação da humanidade, contudo terá servido o seu propósito. Dele surgirá uma fraternidade humana muito mais universal, incorporando no seu conhecimento não só Jesus e a sua mensagem, mas a sabedoria de outras grandes almas que vieram depois dele.”

Também desejávamos saber se havia alguma probabilidade de Jesus reencarnar neste mundo, ou de falar através de um médium terreno. O Bill Wootton disse-nos:

“Sei que Jesus anda sempre a caminhar pela terra, mas não num corpo físico. De que serviria ele reencarnar nos dias de hoje? Podia caminhar no meio das multidões e eles continuariam a apedrejá-lo. Não, a verdade deve agora vir através do despertar da alma do homem. Mas sei que ele continua a caminhar na senda com aqueles que o amam, e há muitas pessoas em quem tocará. A sua bênção alcança-os, não importa o quê ou onde quer que as suas vibrações estejam. Portanto, por um lado, ele anda sempre a tentar alcançar os que o amam, mas falar através de um médium na terra — não. Seria impossível para esta grande força viva controlar um médium terreno. As suas vibrações são tão rápidas que nenhum médium conseguiria aguentar o poder criado por elas.”

O Dr. Tom tinha isto a acrescentar:

“A teologia e o poder da religião transformaram Jesus num deus que só pode ser abordado através de Maria, sua mãe. É assim que os

católicos lhe rezam porque ele é demasiado grande, dizem eles, para ser alcançado por si próprios. Isto é uma tolice. Ele caminha na senda com os que são como tu e eu. Estará nesta sala, nas vossas e noutras casas. Com todos os que procuram curar e abençoar, ali está ele também. Lembrai-vos: ‘Quando dois ou três estiverem reunidos...’ ele vem para dar a sua bênção.”

Em resposta a uma pergunta sobre se eles podem agora estar com Jesus, o Bill Wootton disse:

“Sim, podemos continuar a encontrar-nos com ele e a falar com ele no nosso mundo, embora ele seja uma alma muito grande e ativa. Vi-o durante a guerra em Londres, quando havia ataques ferozes. Muitas vezes a minha médium era apanhada neles quando andava a realizar uma reunião. Ele caminhava naquelas plataformas das linhas de metro a confortar criancinhas a chorar. Vi-o em muitos sítios e, juntamente com outros, caminhei com ele para ajudar onde podíamos, particularmente os moribundos naqueles dias horríveis.

Ele também caminhou na Alemanha para tentar ajudar ali. Lembro-me de estar com ele na Polónia nas coisas horrorosas e aterrorizadoras que aconteceram por lá. Com os judeus nos guetos, ali podias encontrar Jesus. Embora ele contasse com a oposição deles, continuava ali. Estava em todo o lado com o seu poder, e aqueles que trabalhavam com ele podiam auxiliar as pessoas. É um homem de ação, continuando a trabalhar para acabar com os preconceitos e as terríveis ditaduras dogmáticas dos que estão na autoridade.

Falam sobre a ‘Segunda Vinda’ — ele nunca esteve ausente.”

CAPÍTULO SETE

Filosofia Espiritual

A partir das gravações de fita de todas as nossas consultas com Lilian Bailey, selecionei alguns dos ensinamentos simples mas profundos daqueles que se esforçaram por nos dar uma visão mais ampla da vida.

O Dr. Tom:

“Os quatro grandes arcanjos foram, como é óbvio, seres humanos; foram-lhes dados nomes. A própria palavra ‘anjo’ significa mensageiro. Um anjo deve, portanto, significar um mensageiro muito bom, mas todas estas palavras que as pessoas usam causam confusão.

Houve Maomé, um médium muito bom, que entrava em transe por ação do anjo Gabriel. O Maomé costumava subir às montanhas e levar os seus escribas com ele, embora a sua mulher fosse uma megera e tentasse impedi-lo. Nas montanhas ele caía num transe profundo. Os escribas escreviam tudo o que caía dos seus lábios, o que hoje é o Alcorão, a bíblia dos muçulmanos.

Mas porque o Maomé estava numa fase inicial de desenvolvimento e as suas necessidades materiais eram muito vincadas, as palavras do anjo ou do mensageiro vinham coloridas com os seus desejos terrenos. Havia grandes sementes de realidade no que era dito, mas foi elaborado. Por exemplo, o sonho de Maomé sobre o céu era o de que, se um homem tivesse sido bom, deveria estar em arredores belíssimos e ter muitas mulheres. Mas se o Maomé pudesse regressar à terra hoje, tentaria ensinar a simplicidade da vida.

Houve Jesus, o maior de todos os médiuns, que era amplamente obscurecido por Eliseu, Elias e David. Eles, milhares de anos antes, tinham sido obscurecidos por outros a quem chamaríeis arcanjos. Moisés, também, era um médium. Tem sido mediunidade tal como a conhecemos, tu e eu, ao longo de todos os tempos.

Tendes Confúcio, outro grande profeta, homens como Platão e outros do passado. Todos eles foram médiuns para que almas maiores tentassem ajudar os homens a explicar a vida. De acordo com o grau da sua compreensão, assim estes anjos ou arcanjos davam alguma interpretação, a qual nem sempre era aceite tal como era falada, mas traduzida de forma a adequar-se aos destinatários.

Eu costumava ler o início do Antigo Testamento com grande preocupação e a perguntar-me o que significava tudo aquilo. Estavam a ver o que chamavam ‘o anjo do Senhor’, que lhes andava a dizer para fazerem coisas que me pareciam ser muito diferentes do que eu tinha pensado que um anjo diria. Não percebia na altura que aqueles que andavam a receber as mensagens eram, nesses dias, bastante amoral, e matavam brutalmente alguém que os ofendesse. A sua vida era muito baixa. Os únicos que vinham ter com eles a partir do outro lado da vida, e que eram capazes de os usar, eram de calibre semelhante. Mas guiaram-nos gradualmente até Moisés.

Portanto, há anjos, e também aqueles que são sábios e são arcanjos. Há mensageiros e grandes mensageiros, tal como tendes aqui na terra. Mas descobrireis que quanto mais alto ides, maior é a humildade e o desejo de servir.”

O Bill Wootton:

“Moisés foi um grande médium entre os dois mundos de consciência. Foi também um maravilhoso médium de efeitos físicos. Isto não é perfeitamente compreendido, mas nós, a partir do nosso ponto de observação vantajoso, percebemo-lo. Se visses alguma alma bela do mundo espiritual, o teu guia, por exemplo, e se não soubesses nada sobre mediunidade, pensarias que estavas a ver Deus. Foi o que Moisés pensou quando viu Jeová, que era o seu guia. Jeová tinha de ser muito poderoso para penetrar o terrível materialismo e sensualidade da época. Tinha regressado voluntariamente às condições da terra para uma tarefa realmente dura.

Portanto, a Moisés, este jovem que tinha passado por dificuldades muito grandes, nascido não sabia onde, e que tinha um dom

maravilhoso de clarividência, veio esta grande alma chamada Jeová. Embora os israelitas fossem nômadas e levassem uma vida terrivelmente amoral, contudo eram pessoas de visão. Liam o que chamavam ‘o anjo do Senhor’. Andavam obviamente a ser guiados para um propósito. Como resultado de Jeová falar com ele, Moisés esforçou-se por pôr fim a alguma da sordidez. No Monte Sinai, Jeová escreveu através de Moisés os Dez Mandamentos. Este foi certamente um exemplo de mediunidade física.

Acredito que o povo judeu era muito psíquico; eles eram os videntes daquela época e era. Produziram muitos grandes psíquicos, sendo Jesus um deles. Acredito que tinham o direito de dizer que havia uma divindade por trás deles. Se passares pelo Antigo Testamento, descobrirás que andavam todos a ser ajudados por ‘o anjo do Senhor’. Houve Nabucodonosor no banquete de Baltasar e a escrita na parede. As trombetas soaram e as muralhas de Jericó caíram. Estes foram acontecimentos psíquicos porque as pessoas eram muito psíquicas. Andavam a ser guiadas pelo poder do espírito. Não há dúvida sobre isso.”

* * *

“Acho que o amor dos chineses pelos antepassados e a sua ideologia estavam muito mais perto da verdade do que qualquer coisa no Ocidente. Esta adoração dos antepassados, talvez, estivesse toda errada dessa forma. Mas pensavam que os seus antepassados tinham ido à frente e os andavam a ajudar; e aí tinham razão. Quando for a vossa altura de virdes para o nosso lado, ides perder todo o interesse nos vossos filhos e nos filhos deles? Naturalmente estareis a fazer tudo o que puderdes para ajudar. E por essa altura também a tua mãe o fará — o teu avô já anda a ajudar.

Quanto mais poderosamente capazes forem de prosseguir as suas vidas no nosso lado, mais riqueza espiritual terão para despender com os seus entes queridos na terra. Portanto, quanto mais cresces no nosso lado, e com isto quero dizer mentalmente, e reúnes maiores forças do

amor de Deus ao teu redor, mais riqueza terás para despendar com aqueles que amas, onde quer que eles estejam.”

“É o que quero dizer sobre a ideia de ancestralidade da China. É por isso que muitos chineses, grandes mandarins do passado, regressam para inspirar as pessoas na terra. Mas descobrem frequentemente que estão terrivelmente limitados devido à ideia errada das pessoas sobre a proteção espiritual. Esta meditação de busca — andar a olhar para o umbigo e a esperar extrair algo — é muito desanimadora para o nosso lado.

É como as pessoas terem estufas sobreaquecidas para conseguir certas plantas prontas numa determinada altura. Tudo isto empobrece não só os que o praticam, mas também dificulta o que podemos fazer. É por isso que costumávamos dizer que não vale a pena fazer-se. Estão tão ocupados a tentar empurrar-se para fora de algo para algum lado, que não há oportunidade para nos aproximarmos da sua aura.”

* * *

“Andavas há pouco a perguntar se podíamos passar pelo meio da terra. Sim, tal e qual um relâmpago. Ela existe, mas não é sólida para nós. Existe para nós apenas pelo amor que temos pelas pessoas que nela estão. O amor é a ponte. Vemos a vossa terra como algo muito enevoadado. Como eu e outros como eu, e todos os vossos guias, nos voluntariámos para trabalhar nela, vemos o vosso mundo como mais sólido do que os outros veem.

Por exemplo, alguns dos vossos antepassados estão aqui, muitos não estão porque não tiveram desejo de vir. É uma questão de livre-arbítrio. É como um homem ser muito ambicioso na terra; ele pode ser uma mina de informação. Por aqui é uma questão de inteligência espiritual e algumas pessoas não tiram o melhor partido da vida. Empobrecem as suas almas; podem permanecer por séculos surdas e mudas para a realidade das coisas.

Através da tua compreensão, estás a ajudar as pessoas no nosso lado a terem o desejo de explorar de onde vieram e a quem pertencem. Nós, também, andamos não só a esclarecer tanto quanto possível as

peessoas na terra, mas estamos a dar àqueles no nosso mundo uma maior percepção da abundância da vida, e do facto de que é preciso morrer para viver. Aqueles que têm andado a viver na mesma rotina pequena começam a perceber que andam a ficar mais jovens o tempo todo. Dizem: ‘Por que queremos comportar-nos como se fôssemos velhos? Temos de dar um passo em frente.’

Este é o impulso que as pessoas na terra lhes dão. ‘Podemos ajudar melhor os nossos filhos na terra’, dirão eles, ‘se conseguirmos mais poder e conhecimento.’ Portanto, há uma agitação entre os que passaram para o nosso lado por ação daqueles que andam a abrir as suas mentes para a realidade enquanto ainda estão na terra.

As igrejas não fizeram isso. Submeteram a mente do homem à sua ditadura. É por isso que agora, com maior estímulo na terra sobre muitas coisas deste género, as pessoas em todo o lado começam a perceber que Deus é uma grande fonte de amor de onde podem ir e extrair tudo o que necessitam, de modo a que a sua ‘igreja’ seja edificada nas suas almas.”

O Pena Branca:

“O teu amor dá-me algo que me melhora a vida. Conforme todas as pessoas na terra dão amor àqueles de nós que estão no nosso mundo, assim trazeis uma maior essência de vida. O amor é a tónica de tudo e sem ele a vida é estéril. O amor que flui e passa de uma alma humana para outra traz um maior grau de tudo aquilo a que chamamos Deus. Por vezes magoa, porque há certas coisas, mesmo no amor e no ato de amar, que têm de magoar para trazer uma maior compreensão.”

O Bill Wootton:

“Qualquer pensamento mental enviado de uma pessoa para outra, seja bom ou mau, irá, se não for aceite, regressar ao remetente. Vodu, feitiços e coisas do género não conseguem ser eficazes onde há compreensão espiritual. As pessoas que espetam alfinetes em bonecos não conseguem fazer o mínimo dano se o tentarem fazer com alguém que esteja desperto espiritualmente e tenha um coração limpo e amoroso para com toda a humanidade. Mas se essa pessoa começar a

rebaixar-se a si própria e às suas crenças para tentar fazer mal a outrem — então pode ser prejudicada.

Não obstante, tenho pena das pessoas que lançam vodu sobre os outros, porque se reduzem ao ódio e à malícia, e reúnem ao seu redor personalidades repugnantes que se deleitam em obter poder sugando o sangue dos outros — são como uma data de vampiros. Mas nada pode fazer mal àqueles que caminham com Deus. No que lhes diz respeito, não precisam de se ralar. Seria como água em bico de pato.

Se um homem, que tenha alguma compreensão espiritual das leis que governam a vida, se propõe deliberadamente a enviar pensamentos negros, isso significaria que anda a expulsar os seus guias da sua emanção áurica e a acolher alguém de uma ordem muito inferior, com o resultado de que seria uma longa jornada para ele regressar ao guardião da sua alma. Não podes magoar outrem, mesmo pelo pensamento, sem te magoares a ti próprio.

Inversamente, se um curador envia um pensamento positivo de ajuda a alguém necessitado e este é rejeitado, então o curador receberá esse pensamento positivo de volta na sua aura. É um pouco como alguém recusar uma nota de cinco libras. Tu coloca-la de volta na tua carteira para dares à próxima alma que realmente a queira.

Há sempre benefício para aquele que desejou ajudar. Os pensamentos para o bem só podem ajudar aquele a quem são dirigidos. Mas se não forem aceites, então a bondade regressa ao remetente e reabastece a sua ‘carteira’ de poder de cura. Todas estas coisas estão sujeitas à sua lei natural. Se as pessoas recusarem ajuda, não te rales, fizeste tudo o que podias.”

* * *

O Bill Wootton:

“A pessoa escuta grandes controvérsias sobre o que é Deus. Será Ele uma pessoa? Será Ele uma realidade? Não é um ELE. Não é uma ELA, mas Sim Toda a Vida, uma grande fonte vívida de vida que dá a todos nós esse algo que é imortal. Portanto, Deus para nós não é uma

pessoa, mas uma fonte viva da qual todos colhemos o que quer que necessitemos. Cada partícula do homem e do seu ser faz parte dessa fonte viva.”

Helen:

“O amor é Deus; onde o amor está, aí Deus está, um universo vivo de luz. O amor é a chave; servir a outrem sem pensar em si próprio; dar amor; mesmo que seja apenas um sorriso que tenhas para dar — dá-o com todo o teu coração.”

O Pena Branca:

“O fragmento divino que tu és é um fragmento de Deus — o TU, a vida que te permite moveres-te no teu mundo material. Esse fragmento de Deus, ou tudo o que é vida, é um ser espiritual exatamente igual ao corpo físico; mas o corpo físico é mais grosseiro, envolve o corpo espiritual como uma luva.

A alma e o espírito são um só. Nós dizemos o homem espiritual, ou a alma do homem — é o mesmo. Tu és uma alma viva agora encerrada num corpo; e essa alma é o poder espiritual que é de Deus. O corpo físico, o espírito e o Criador, os três, todos pertencem.”

O Bill Wootton:

“Por que haveria o Grande Criador de esperar mais dos Seus filhos do que vós esperais dos vossos? Tudo o que Ele precisa é de amor. Podes pelo menos reconhecer que a mesma vida está em todos, e tentar ser amável. Se te tornares pai, não vais querer os teus filhos a gatinharem atrás de ti de joelhos a dizerem: ‘Oh, perdoa-me. Sou um miserável pecador.’ Não é natural. Mas gostarias que os teus filhos dissessem: ‘Lamento imenso, pai. Fiz asneira, mas vou tentar outra vez.’ Não quero ir perante a grande fonte criativa de joelhos e mãos no chão. Mas quero, sim, aproximar-me e dizer: ‘Não ando a sair-me lá muito bem, mas ajuda-me a superar. Ajuda-me a fazer aquilo que devo fazer.’”

O Dr. Tom:

“Tudo o que precisas de dizer é: ‘Toma-me, pois aqui estou. Se eu agir mal, então ensina o meu coração a encontrar outro caminho.’”

O Bill Wootton:

“Sabemos que se dizia que o casamento é feito no céu. O que é o céu? É um estado de espírito. A menos que haja união espiritual absoluta entre duas pessoas, e a menos que esse céu esteja completo na proximidade do amor de alguém, não há casamento. É isso que se quer dizer com os casamentos serem feitos no céu.

O facto de duas pessoas se colocarem diante de um pároco ou de um conservador do registo civil não faz necessariamente um casamento. Isso pode ser a prostituição da alma. Mas tudo isto mudará nos anos vindouros. Sei que as crianças precisarão de ser salvaguardadas, e sê-lo-ão. Mas, atualmente, há uma quantidade terrível de infelicidade no vosso mundo.”

* * *

“Há dificuldades na terra, e para alguns podem parecer impenetráveis. Mas nada é demasiado alto ou pesado para ser superado pelo poder do espírito — o vosso espírito e o nosso espírito, e esse é o espírito de Deus. Quero que saibas que todo o ralar e ansiedade no mundo não conseguem de modo algum ajudar qualquer condição. Tem uma perceção espiritual de que tudo pode ser e será conforme está escrito, depois podes deixar estar e caminhar tranquilamente e com serenidade de espírito, o que é mais prestável para ti e para os que trabalham contigo do que todo o ralar e medo.

É fácil para nós dizer-te isto, e é duro para ti fazeres na terra. Mas deixa-me dizer-te que é um dos maiores exercícios espirituais. Se algo não puder ser superado na terra, tens um tempo muito mais árduo para o superares no nosso lado. Portanto, se conseguires manter-te de pé, sem saberes sobre o amanhã, e tiveres fé e conhecimento de que tudo vai correr bem, então o teu trabalho e a tua saúde melhoram, e certamente chegas ao teu objetivo muito mais depressa.”

O Dr. Tom:

“Tenta perceber que o dia chegará em que serás como eu sou agora, e estarás a tentar ajudar outrem a compreender. Como tu és agora, fui eu outrora. Como eu sou agora, terás tu de ser. Não é senão nessa altura que vais perceber que tarefa difícil isto é!”

O Bill Wootton:

“A individualidade do homem continua sem idade, tanto quanto sei para todo o sempre, conforme ele progride através das esferas de vida. No entanto, continuam a existir dificuldades para superar. Lembra-te, eu só fiz um fragmento do caminho. Regressei voluntariamente, com muitas outras almas, para tentar ajudar na luta imensa que hoje se trava na vossa terra, e também para estar ao lado de alguém que me é muito querido, que é a minha médium.

As nossas mentes, mesmo a partir dos nossos pontos de observação vantajosos, ficam baralhadas perante o que acontece em estádios posteriores. Isto eu sei: é uma vida maravilhosa aqui, com grande radiância, beleza, música e amor. Todos os que perseveram e continuam, fazem-no a fim de se tornarem um com maiores poderes de pensar e de agir, para que possam despender a sua compreensão mais plena em cada mundo que deixaram para trás.

Vir para o nosso mundo a partir do vosso é como ter vivido, limitado e às escuras, num submarino nas profundezas do oceano. Por vezes há um pouco de luz, se o sol passar; por vezes um pouco de felicidade vinda dos companheiros. Pode até haver alegria. Depois vens para o nosso mundo que está cheio de luz, beleza, gargalhadas e amor. Essa é a diferença entre os nossos mundos.

O que acontece quando eu chegar ao meu próximo lugar? Sabe Deus. Pode ser daqui a séculos porque ainda quero fazer muito aqui. Sei que provavelmente terei cometido muitos erros e terei sido um bocado presunçoso sobre o que pensava que poderia ser capaz de fazer; um bocado convencido, ao assumir mais do que devia. Provavelmente ficarei muito desgostoso porque tinha algumas limitações que pensava que conseguiria superar melhor do que o que fiz. E continuarei a ter fraquezas quando me mover de novo. Não irei

descobrir a extensão total das minhas fraquezas até chegar a esse outro lugar.

Por aqui somos todos um só, mas por enquanto ainda somos tão pequenos. No entanto, somos ajudados tremendamente pelo poder do amor de Deus. Sentimo-nos tão pequenos, mas por vezes é-nos dado um poder tremendo para fazer certas coisas. Então somos bastante propensos a ser um bocadinho, como disse, convencidos. Mas posso assegurar-te que cada vez que o homem ‘morre’ no tipo de corpo que tem andado a habitar, é para algo muito maior do que aquilo que anteriormente conhecia.

A vida é tão simples. A beleza de tudo isto é a sua simplicidade e a sua realidade. Não cria leis, mas faz-te perceber, quando chegas aqui, que és, de certa forma, o capitão da tua própria alma. Depende de ti a forma como geras o teu navio particular. Ninguém diz que o teu rumo está errado, mas tu sabe-lo na tua mente. Há uma grande ajuda constantemente quando andas a tentar ajudar outrem. Nunca precisas de pedir por ela. Deves saber que andas a receber essa ajuda, e ter fé sem pedires, pois ‘Antes que peças, ser-te-á dado’.”

O Bill Wootton:

“Os russos são, fundamentalmente, um povo muito bom. Mas foram tão maltratados pelos regimes czaristas do passado, e falhados em tantos aspetos, que estavam prontos para a Revolução. Intrinsecamente são uma raça bondosa. Entre eles há pessoas grandes e religiosas. Andam a educar a sua juventude, que anda a viajar e a fazer amigos noutros países. Por isso as suas opiniões vão mudar em relação a todos os velhos ensinamentos marxistas e estalinistas que os levaram a sacudir o jugo. Assim que começarem a ganhar os seus pés espirituais, virá eventualmente uma maior compreensão da espiritualidade do que a partir de quaisquer outros países do mundo. E adotarão esta forma de provar a sobrevivência.”

Abdul:

“Há sementes de verdade em todas as formas de religião, mas os dogmas e credos destroem a grande simplicidade da verdade.”

O Bill Wootton:

“Acho que é correto toda a gente ter livre-arbítrio nos seus pensamentos sobre a realidade espiritual. Não acredito que as almas humanas tenham mais ajuda espiritual se se ligarem a um ensinamento do que a outro. O problema está nestes ‘ismos’. Não acredito em etiquetas. Se uma mãe budista vem para uma consulta e eu lhe falo sobre o seu filho no nosso mundo, posso por esse momento ser um budista. Todas estas etiquetas, como católico romano e protestante, dividem o homem em vez de o unir.

Não há fronteiras na mente eterna. Deus não diz: ‘Este meu filho é chinês, por isso atirem-no cá para fora, ou aquele é árabe, ou aquele é judeu.’ Todos eles são a Sua família.”

Hamed:

“Os jovens no vosso mundo estão cheios de medo de que os seus mais velhos façam guerras. Sentem que hoje devem ser felizes e alegres. Amanhã podem morrer devido a bombas numa guerra. Não veem nada de bom no seu futuro. A Igreja está entregue a sermões enfadonhos que pregam não a mensagem de Jesus, ‘Tereis vida e tê-la-eis em abundância, não podeis morrer.’ Os seus pregadores ficam em cima do muro e falam de esperança na eternidade. Nós procuramos formas de dizer que não é de crença; não é de esperança; é de conhecimento que as pessoas precisam.”

O Bill Wootton:

“Quero que compreendas que basicamente há uma simplicidade tremenda sobre o viver, mas o homem tornou-o tão difícil de milhares de formas. Os governos atuais equiparam-se com milhares de regras e regulamentos. Nenhuma destas coisas precisa de ser. O homem é na verdade um animal livre. É por isso que tendes a revolta de jovens intelectuais que percebem que não há liberdade para o homem neste tipo de vida.

Vedes hoje todo o tumulto conforme tentam sacudir os velhos elos forjados pela suspeita e pela ganância irresponsável do poder.

Vedes a Igreja a tentar encontrar uma forma de manter o seu domínio sobre o homem. Há o ciúme da humanidade dividida por muitas divisões do pensamento religioso. Acredito que a religião deste género é o maior inimigo do homem porque divide a humanidade e causa mais guerras.

Não podemos de modo algum apontar com precisão uma coisa como o tempo, mas sei que nos próximos quinhentos anos todos os velhos jargões caducos desaparecerão. A religião, tal como a conheceis agora, deixará de existir, exceto talvez em pequenas seitas, porque a Igreja cumpriu muito do que tinha para fazer. Papas e arcebispos serão figuras do passado. Não estão com as pessoas modernas. Estão muito bem para os camponeses, os iletrados e os muito pobres. Para eles são como deuses que podem infligir toda a espécie de castigos terríveis se não se conformarem. É uma ditadura da mente.

Todo o objetivo é manter o poder na Igreja: ‘Só na Igreja obtereis tudo o que vos ajudará.’ E depois este ‘céu distante’ de que falam. Não têm ideia de como ele é. Mas, dizem eles, continua a precisar das preces da Igreja — as quais nunca lá chegam!

Tendo feito regras e regulamentos e instituído confissões, têm a audácia de afirmar que um pároco ou um padre, por muito bom que seja, tem o poder de limpar um homem dos seus erros. Esse homem tem de se limpar a si próprio.

Estes assuntos deviam ser devidamente compreendidos pela família humana — não todo este dogma e credo. É isso que está errado com os estudantes em todo o lado, por todo o mundo. Um lado das suas mentes foi ensinado a argumentar e a debater todo este negócio idolátrico. Não acreditam nisso e, mais ainda, não o querem. A música irá infiltrar-se nas suas almas e eles vão achar que é maravilhoso.

Mas não querem sermões enfadonhos e todas aquelas doutrinas. Devem ter algo para compreender e para colocar no lugar delas. É por isso que andamos a tentar, desde o século passado a partir do nosso

mundo, muito antes de eu vir para este lado da vida, incutir nos jovens desta época, e naqueles que hão de vir nos anos futuros, a verdadeira mensagem do viver.

Andamos agora a entrar na Era de Aquário, uma era de investigação científica. Eventualmente, a grande revelação espiritual da vida virá através da ciência. Emergirá — está destinado a isso — uma maior comunicação entre o nosso mundo e o vosso.

Quando os cientistas conseguirem, como conseguirão — pode levar muito tempo —, ter compreensão espiritual, então o homem alcançará o progresso mais notável em vez de estar aprisionado pelo credo e pelo dogma.”

* * *

Quando visitávamos a Lilian Bailey, o Bill Wootton começava sempre a consulta com uma linda prece. Senti que seria adequado terminar com uma destas. A minha dificuldade residiu na escolha. Cada uma expressava a sinceridade da alma deste grande homem. É patente nesta que acabei por seleccionar:

“Fonte infinita e poderosa de toda a vida da qual todas as coisas que vivem brotaram, desconhecida por tantos, mal compreendida por quase todos os povos, contudo mais próxima e mais querida de todas as manifestações de vida do que o homem jamais conseguirá compreender. Vimos a Ti, que és essa parte de nós que está tão cheia de força e poder. Pedimos para estarmos intimamente incrustados algures no Teu poder, para que, através do facto de estarmos Contigo, possamos estender os braços e dar aos outros a Tua força e paz. Acima de tudo, pedimos a Tua bênção sobre esta nossa comunhão pelo doce amor do amor. Ámen.”